

Boletim GeoÁfrica

**Vol. 1. Número 3
Julho-Setembro 2022**



Dossiê O Turismo na África subsaariana: desafios e perspectivas



3



SOBRE A REVISTA

O *Boletim GeoÁfrica* é uma publicação trimestral, em formato digital, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ligada ao Grupo de Estudos e Pesquisa Espaços e Sociedades na África Subsaariana (GeoÁfrica). O *Boletim* publica contribuições científicas (de todas as áreas do conhecimento) em português, inglês, francês e espanhol revisadas por pares e agrupadas em dossiês temáticos, assim como entrevistas com especialistas, divulgação de teses e dissertações recentemente defendidas, e resenhas de livros recém-publicados. Abre, também, a possibilidade de publicação de textos de cunho mais jornalístico, assim como comentários livres sobre imagens, exposição de fotografias artísticas, receitas culinárias, escritos literários, desenhos e ilustrações, resenhas e recursos musicais e audiovisuais. As contribuições almejam todas divulgar conhecimento e notícias sobre realidades contemporâneas da África subsaariana.



Contato

GeoÁfrica/Programa de Pós-Graduação em Geografia - Sala I 28
Instituto de Geociências
Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Av. Athos da Silveira Ramos nº274
Cidade Universitária, Ilha do Fundão
CEP 21941-916



Editor Chefe

Frédéric Monié – UFRJ - Brasil

Comissão editorial

Antonio Gomes de Jesus Neto – PPGH/USP - Brasil
Hagira Naide Gelo Machute – UPM – Moçambique
José Júlio Júnior Guambe – UPM – Moçambique
Luana Alves Lessa – UFRJ – Brasil
Mussá Abdul Remane – UPM – Moçambique
Nelson Cortes Pacheco Junior – UNICAMP – Brasil

Conselho Consultivo

Alice Freia (Universidade Rovuma, Moçambique)
Albino Eusebio (Universidade Licungo, Beira, Moçambique)
Aziz Abdul Sodoré (Université Joseph Ki-Zerbo, Ouagadougou, Burkina Fasso)
Catia Antonia da Silva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Colin Darch (University of Cape Town, South Africa)
Damião Ginga (Academia Diplomática Venâncio de Moura, Luanda, Angola)
Elmer Agostinho C. de Matos (Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique)
Gilberto Oliveira (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
Gustavo Sobrinho Dgedge (Universidade Pedagógica, Maputo, Moçambique)
Inês Macamo Raimundo (Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique)
Joaquim Miranda Maloa (Universidade Rovuma, Moçambique)
José Julião da Silva (Universidade Pedagógica, Maputo, Moçambique)
João Lima (Universidade Licungo, Moçambique)
Lamine Savané (Université de Ségou, Mali)

Liazzat Bonate (University of the West Indies, St. Augustine, Trinidad and Tobago)
Mônica Arroyo (Universidade de São Paulo, Brasil)
Mônica Lima (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
Nazir Can (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
Raimundo Mulhaise (Universidade de Licungo, Moçambique)
Ringo Benjamin Victor (Universidade Púnguè, Tete, Moçambique)
Rogers Hansine (Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique)
Rosemberg Ferracini (Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba)
Rui Jacinto (Universidade de Coimbra, Portugal)
Stéphanie Lima (Université Toulouse 2 Jean Jaurès, France)
Tatiana Reis (Universidade Estadual do Maranhão, Brasil)
Vanito Viriato Marcelino Frei (Universidade Rovuma, Moçambique)
Vivian Santos da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)

Comitê Científico Júnior

Emanuel Rungo (Universidade Pedagógica, Maputo)
Gabrielle Moura (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Maíra Ludwig (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Maria Daniele Carvalho (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Mariana de Oliveira Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro)



Volume 1, Número 3, julho-setembro de 2022

Capa desta edição

Antonio Gomes de Jesus Neto

Fotografia da capa

Mindelo, São Vicente, Cabo Verde. A autoria: Rui Jacinto

Organizadores do Dossiê

Antonio Gomes de Jesus Neto

José Júlio Júnior Guambe

Equipe técnica / Diagramação

Antonio Gomes de Jesus Neto

Frédéric Monié

Nelson Cortes Pacheco Junior

Pareceristas *AD HOC* desta edição

Antônio Gomes de Jesus Neto – PPGH/USP - Brasil

Frédéric Monié - UFRJ – Brasil

Hagira Naide Gelo Machute – UPM – Moçambique

José Júlio Júnior Guambe – UPM – Moçambique

Luana Alves Lessa – UFRJ – Brasil

Mussá Abdul Remane – UPM – Moçambique

Nelson Cortes Pacheco Junior – UNICAMP – Brasil

Boletim GeoÁfrica/Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil – Grupo de Estudos e Pesquisa Espaços e Sociedades na África Subsaariana - Vol.1, nº3 (2022)

Disponível online: <https://revistas.ufrj.br/index.php/bg>

Trimestral. ISSN: 2764-5851

Palavras-chave. 1. África subsaariana; 2 Dinâmicas espaciais; 3.

Desenvolvimento; 4. Geopolítica; 5. Mudanças climáticas

SUMÁRIO



Editorial

Editorial. O turismo na África subsaariana: desafios e perspectivas
Antonio Gomes de Jesus Neto; José Júlio Júnior Guambe

Dossiê: *O turismo na África subsaariana: desafios e perspectivas*

Dossiê temático: Entrevistas

Turismo em Moçambique: teoria e prática, potenciais e desafios
Entrevista de José Julião da Silva
Antonio Gomes de Jesus Neto; José Júlio Júnior Guambe

Afroturismo e turismo brasileiro na África: iniciativas e alternativas
Entrevista de Carina Santos
Antonio Gomes de Jesus Neto

Dossiê temático: Artigos

Geossítios e seu potencial contributo para turismo alternativo em Moçambique
Alberto José Paulino Silva

A experiência turística de consumo de souvenirs na Cidade de Maputo
Dário Manuel Isidoro Chundo; Maria Rosa Ligório Noteque

Comércio Internacional e o agravamento da crise dos aeroportos e do setor de turismo na África - estudo comparativo entre Cabo Verde e Moçambique
Celso Branquinho Mário Dodo; Luis Miguel Dias Caetano

Dossiê temático: GeoImagens

Cabo Verde: turismo & morabeza. Motivações de viagem a um destino empático.
Rui Jacinto



Varia: artigos

Caracterização morfométrica da Bacia Hidrográfica do Rio Zambeze: uma contribuição na identificação do grau de susceptibilidade à inundações no Município de Tete
Wairosse Miguel Wairosse; Victor Benjamin Victor; Ringo Benjamin Victor

Atualidades: Áfricas em movimento(s)

África do Sul, Etiópia, e a circulação aérea africana no século XXI
Antonio Gomes de Jesus Neto

Áfricas na Pós-Graduação

Turismo na Zona Costeira Inhambane: conflitos na produção do espaço. Entrevista de José Júlio Júnior Guambe.
José Júlio Júnior Guambe

Experiências culturais

Ganhar na África ou ganhar o mundo? O futebol africano em 2022
Ensaio: Antonio Gomes de Jesus Neto

Resenhas

Resenha. OLIVEIRA, Kelane. O Cinema como recurso pedagógico no ensino de geografia da África: Contribuição a partir da produção audiovisual "adú". In: FERRACINI, Rosemberg; MARCELINO, Jonathan; RODRIGUES, Sávio. (Orgs.). *Ensino de geografia da África: Caminhos e possibilidades para uma educação antirracista*. Quissamã, RJ: Revista África e Africanidades, 2021.
Suzete Lourenço Buque

GeoÁfrica divulga...



Boletim GeoÁfrica

Volume 1, Número 3, 2022

EDITORIAL

O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS



Por Antonio Gomes de Jesus Neto e José Júlio Júnior Guambe

1

Antonio Gomes de Jesus Neto
Doutorando no Programa de Pós-Graduação
em Geografia Humana (PPGH),
Universidade de São Paulo (USP)
Membro do GeoÁfrica
<https://orcid.org/0000-0001-7483-7274>
Contato: antoniogjneto@yahoo.com.br

José Júlio Júnior Guambe
Geógrafo, Professor, Pesquisador e Director
do Programa de doutoramento em Geografia
da Faculdade de Ciências da Terra e
Ambiente (FCTA), Universidade Pedagógica
de Maputo (UPM).
Membro do GeoÁfrica
<https://orcid.org/0000-0002-0224-1903>
Contato: jjjguambe137@gmail.com

Como citar:
JESUS NETO, A. G.; GUAMBE, J. J. J. Editorial.
O turismo na África subsaariana: desafios e
perspectivas. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 3, p. 1-
5, jul.- set. 2022.



EDITORIAL

O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS



Existente nos países africanos desde o período colonial, e tendo passado por idas e vindas no pós-independência (sobretudo nos países que sofreram com guerras em seus territórios no período), o turismo foi identificado como uma atividade econômica fundamental no continente a partir dos anos 1990/2000, potencialmente propulsora do desenvolvimento por sua geração de receitas e empregos, e pela construção de infraestruturas necessárias a seu funcionamento (transportes, acomodação, saneamento, etc.). O turismo passou, então, a fazer parte do planejamento dos Estados africanos nas últimas décadas, alcançando porcentagens relevantes do PIB em determinados países, mas após anos de crescimento constante, o setor foi duramente atingido pela pandemia de Covid-19 (em 2020), com a interrupção de voos internacionais e a diminuição drástica da mobilidade de pessoas pelo mundo (e especialmente a de turistas). É com base neste quadro que apresentamos, neste Número 3 do Boletim GeoÁfrica, o *Dossiê Turismo na África Subsaariana: desafios e perspectivas*, que fornece um quadro tanto histórico quanto contemporâneo do turismo no continente, abordando distintos agentes, escalas, modalidades e alternativas dessa atividade econômica hoje fundamental para os países africanos, e especialmente Moçambique e Cabo Verde, mais amplamente discutidos no presente número.

Abrindo o dossiê, o professor José Julião da Silva fornece, em entrevista concedida ao *Boletim GeoÁfrica*, um panorama muito completo do turismo em Moçambique, ao elencar e discutir os papéis dos diferentes agentes dessa atividade econômica no país, relacioná-la ao desenvolvimento nacional, problematizar sua formação teórica e prática, e refletir sobre as consequências da vulnerabilidade do território moçambicano para a atividade turística.

Na sequência, a bacharel em turismo Carina Santos compartilha suas experiências vanguardistas com o Afroturismo no Brasil, revelando, em entrevista concedida ao *Boletim GeoÁfrica*, as fontes de inspiração desse movimento, seu público-alvo principal, e suas

experiências com o turismo em países da África, sugerindo novas possibilidades de turismo para além das grandes agências e dos destinos tradicionais (e estereotipados) do continente.

Ainda na esteira desse turismo “alternativo” no continente africano, o primeiro artigo do dossiê, intitulado *Geossítios e seu potencial contributo para o turismo alternativo em Moçambique*, de autoria de Alberto José Paulino Silva, explora novas possibilidades para o turismo moçambicano para além dos chamados “turismo de sol e praia” e de “parques e reservas naturais”. Com base em técnicas de geoprocessamento, o autor mapeou e visitou potenciais (geo)ssítios turísticos no Centro do país (províncias de Tete e Manica), apresentando aos leitores lugares com formações geológicas particulares e possibilidades de funções terapêuticas, além de possuírem também significações religiosas e históricas fundamentais para uma maior compreensão da sociedade moçambicana. Ao final, o autor propõe também um sistema de gestão desses geossítios, visando sua incorporação oficial no planejamento turístico nacional de maneira mais ampla.

Dando sequência ao dossiê, Dário Manuel Isidoro Chundo e Maria Rosa Ligório Noteque deslocam a discussão sobre turismo para o espaço urbano, através de uma análise sobre *A experiência turística de consumo de souvenirs na cidade de Maputo*, também em Moçambique. Após resgatar a discussão teórica sobre a função simbólica dos souvenirs, os autores apresentam resultados de trabalhos de campo com vendedores e turistas na capital moçambicana, identificando os principais tipos de artefatos comprados e mapeando a presença de pontos de venda (estimulados pela demanda) na cidade. Deste modo, os autores mobilizam a discussão sobre outros agentes envolvidos com o turismo em Moçambique, para além dos estabelecimentos hoteleiros, de alimentação e transportes.

A despeito dessas dinâmicas emergentes do turismo no continente africano, setores tradicionais como o de transportes continuam sendo fundamentais para a atividade turística, e é esse o assunto principal do artigo *Comércio Internacional e o agravamento da crise dos aeroportos e do setor de turismo na África – estudo comparativo entre Cabo Verde e Moçambique*, de Celso Branquinho Mário Dodo e Luís Miguel Dias Caetano. Assim, além de Moçambique, os autores introduzem a discussão sobre o turismo em Cabo Verde, destacando o papel desse setor para a economia caboverdiana – seja na participação do PIB, na geração de empregos ou na diminuição da pobreza. Fundamental para o turismo (sobretudo em um arquipélago oceânico), os autores destacam também a importância do transporte aéreo e da empresa Cabo Verde Airlines, e

fazendo um comparativo com Moçambique, contabilizam a diminuição drástica de voos internacionais ocasionada pela pandemia de Covid-19, com suas inevitáveis consequências para o setor turístico de ambos os países.

Por fim, e aprofundando ainda mais a discussão sobre o turismo em Cabo Verde, Rui Jacinto faz, no texto *Cabo Verde: turismo & morabeza. Motivações de viagem a um destino empático*, uma rica introdução da geografia do arquipélago, e apresenta as razões históricas, geográficas e culturais do turismo no país, mobilizando inclusive argumentos musicais e literários. Após essa introdução, e como proposta principal dessa seção de GeoImagens, o autor nos brinda com uma sequência belíssima de fotos de Cabo Verde, divididas em temas como o mar, a terra, o tempo, as pessoas e o turismo, fechando assim com chave de ouro nosso dossiê sobre o turismo na África subsaariana.



4

Na sessão *Varia*, no artigo *Caracterização morfométrica da bacia hidrográfica do Rio Zambeze: uma contribuição na identificação do grau de susceptibilidade a inundações no município de Tete*, os autores Wairose Miguel Wairose, Victor Benjamin Victor e Ringo Benjamin Victor fazem uma análise, baseada em geoprocessamento, sobre os riscos de inundação na cidade de Tete (Moçambique), perpassada pelo rio Zambeze e próxima à represa de Cahora Bassa. Como produto da investigação, os autores apresentam um mapa com as áreas mais suscetíveis a essas inundações, fornecendo assim subsídios ao governo nacional e provincial para a melhor gestão desse fenômeno, potencializado recentemente pelo aumento de chuvas na região decorrentes das mudanças climáticas em escala global.



Na sessão *Atualidades: Áfricas em Movimentos*, Antonio Gomes de Jesus Neto argumenta, no artigo *África do Sul, Etiópia e o deslocamento da circulação aérea africana no século XXI*, que o epicentro do transporte aéreo africano está se deslocando do Sul para o Leste do continente, acompanhando de alguma maneira a transição do centro hegemônico de acumulação capitalista em direção ao Oriente, e sobretudo à China. Dentro dessa discussão, o autor destaca o papel desempenhado pelo Estado na circulação aérea africana desde os seus primórdios na África do Sul,

atravessando o século XX e desembocando no Estado-desenvolvimentista etíope do século XXI, não por acaso fortemente influenciado pela experiência chinesa.



A sessão *Áfricas na Pós-Graduação* apresenta resultados de pesquisas de Mestrados e Doutorados recém-concluídos cujas temáticas, linhas de abordagem, procedimentos metodológicos e/ou contribuição teórico-conceitual são considerados relevantes. Nesta edição, o professor José Guambe, docente na Universidade Pedagógica de Maputo (UPM), apresenta sua Tese de Doutorado defendida em 2018, e que acompanhando o tema principal do dossiê temático deste número, versa sobre o turismo em Moçambique, especialmente na Zona Costeira de Inhambane.



5

Já para a sessão *Experiências culturais*, aberta à expressão de ideias, reflexões e ensaios de caráter mais pessoal e subjetivo, apresentamos nesta edição a subseção *As Áfricas entre as quatro linhas*, que propõe a discussão do esporte (e mais especificamente, o futebol) não apenas como reflexo das sociedades nacionais africanas, mas também como produtor dessas identidades. Para inaugurar a discussão, Antonio Gomes de Jesus Neto reflete sobre os rumos do futebol africano em 2022 através de uma pergunta fundamental, e que dá título ao texto: *Ganhar na África ou ganhar o mundo?*



Finalmente, na seção *Resenha*, a professora Suzete Lourenço Buque faz uma leitura crítica de um artigo, assinado por Kelane Oliveira, sobre a utilização do filme “Adú” no ensino de geografia da África, presente em uma coletânea sobre o tema organizada pelos professores Rosemberg Ferracini, Jhonatan Marcelino e Sávio Rodrigues. Destacando positivamente a abordagem da autora, a professora Suzete pontua, por outro lado, que a escolha do recurso audiovisual apropriado precisa sempre ser cuidadoso, para não reforçar velhos estereótipos sobre o continente africano.

Boa Leitura!!!



DOSSIÊ TEMÁTICO: *O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS*

Entrevista



Turismo em Moçambique: teoria e prática, potenciais e desafios Entrevista de José Julião da Silva

Por *José Julião da Silva, Antonio Gomes de Jesus Neto e José Júlio Júnior Guambe*

6

José Julião da Silva

Geógrafo, docente aposentado da Universidade Pedagógica de Maputo (UPM) e docente no Instituto Superior de Ciências e Tecnologias de Moçambique (ISCTEM) nos cursos de arquitetura e medicina.

Contato: dasilva3254@hotmail.com

Como citar:

SILVA, J. J. Turismo em Moçambique: teoria e prática, potenciais e desafios Entrevista de José Julião da Silva **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 3, p. 6-11, jul.- set. 2022

Biografia do entrevistado. José Julião da Silva é Geógrafo, docente aposentado da Universidade Pedagógica de Maputo (UPM) e docente no Instituto Superior de Ciências e Tecnologias de Moçambique (ISCTEM) nos cursos de arquitetura e medicina. Doutorado em Geografia pela Universidade de Poitiers (França), diploma de estudos aprofundados em migrações espaços e sociedade pela Universidade de Poitiers (França), licenciado em ensino de Geografia pelo Instituto Superior Pedagógico (Maputo), bacharel em ensino de História e Geografia pela Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane. Trabalhou como professor de História e Geografia no Ensino Secundário antes de ingressar como docente no ensino superior. Tem interesse nas áreas de Mobilidade, População, Geografia do Turismo e Geografia da Saúde. Autor de manuais de Geografia (8^a-12^a classe) e de livros de professor (8^a-10^a classe) para o ensino secundário geral (8^a-10^a classes).



Entrevista de José Julião da Silva¹

Boletim GeoÁfrica. Prof. José Julião, para começar nossa conversa, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre aspectos gerais do turismo em Moçambique. Quais são os principais atrativos, lugares e agentes do turismo moçambicano? Qual é o potencial, e quais são os desafios do turismo em Moçambique atualmente?

José Julião da Silva: Falar do turismo em geral e em Moçambique em particular é para mim muito interessante. Vou referir-me ao turismo em Moçambique, considerando por um lado o seu lugar no turismo mundial, e por outro lado, o lugar do turismo entre os outros sectores ou actividades em Moçambique. Ora, a nível global, o turismo moçambicano tem uma importância ou um peso muito pouco significativo, o que é evidenciado no mapa do turismo mundial, onde Moçambique praticamente não aparece, quando aparece está geralmente associado à África do Sul, como se de um anexo se tratasse. No entanto, não se pode negar a existência de atractivos interessantes, entre os quais se evidenciam as praias que se distribuem ao longo dos cerca de 2500 km de extensão, a biodiversidade representada pelos parques e reservas, aspectos associados à história, à cultura, ao património... Por razões óbvias, a região sul apresenta-se com os atractivos mais valorizados, devido, talvez, à localização nesta região, de Maputo, a capital do país, que, é preciso que se diga, constitui a principal porta de entrada para o país. Além disso é necessário que se refira a proximidade da África do Sul, grande potência da região, principal emissor de turistas para o país e um importante investidor no sector, além de ser, também a principal porta de entrada para a região. Aliás é conveniente referir que foi da África do Sul que vieram os primeiros “aventureiros” quando o Moçambique se abriu para o mercado global em finais dos anos 80 do século passado. Parte dos quais se transformou em investidor na área de turismo.

Já internamente, no quadro da economia nacional, o turismo já tem alguma expressão. Relativamente ao potencial para o desenvolvimento do turismo, talvez dizer que existe um potencial latente que precisa de ser transformado em Recurso. E aí entram os desafios: os desafios são enormes sendo que o primeiro é que Moçambique deve desenvolver-se. É o desenvolvimento que vai ser a condição para o turismo se desenvolver e não o contrário. É claro que o turismo pode participar nesse processo, mas a participação será proporcional do estágio de desenvolvimento.

¹ A entrevista foi realizada por e-mail. As respostas foram recebidas em 05 de julho de 2022.

Não é em vão que no mapa do turismo mundial, praticamente só estão presentes os países desenvolvidos, que são ao mesmo tempo os principais emissores e receptores de turistas. Ademais, nesses países o turismo doméstico tem uma grande importância. Nesses pode-se dizer, que existe uma cultura de turismo. Como dizem alguns autores o turismo é uma actividade supérflua, ela não faz parte das necessidades básicas, por isso para se engajar no turismo as pessoas devem ter antes de mais satisfeitas as necessidades básicas.

Voltando aos desafios, embora de um modo geral a actividade turística esteja sob a alçada do sector privado, o Estado é um importante agente do turismo, pois é a ele que cabe assegurar a existência e a qualidade de infra-estruturas sociais para servir, em primeiro lugar a população que ela jurou servir, beneficiando-se o turismo dessas mesmas infra-estruturas e outras facilidades. Sem essas infra-estruturas, refiro-me aqui ao abastecimento de água e energia eléctrica, rede viária, mas igualmente a saúde e educação. A população não deve perceber o turismo como uma concorrente, mas como uma aliada, o que passa por aquela ver as suas necessidades básicas satisfeitas. Parece ser uma condição muito importante para que o turismo se desenvolva.

8

Como me referi um actor importante no desenvolvimento do turismo é constituído pelos agentes do sector privado, engajados em diferentes sectores de actividade desde os considerados característicos do turismo (hotelaria e restauração) como em outros (transportes, lazer...). Relativamente à hotelaria, não se pode deixar de referir também à existência de condições para o chamado turismo de negócios, para a realização de conferências, seminários...

Não se pode deixar de referir à população em geral e sobretudo daquela que vive nos espaços das práticas turísticas (dos destinos turísticos) que directa ou indirectamente, livre ou forçadamente acaba se engajando na actividade turística. Uns por que oferecem os seus serviços, a sua mão-de-obra... Uma actividade que teve um impulso importante graças ao turismo é artesanato, cuja evidência é a presença de obras de artesanato em espaços próximos dos espaços de hospedagem de turistas.

Enfim escusado será falar do turista que é o actor principal de todo esse processo, aliás, sem turistas não há turismo. É para servir este autor que o território de organiza, ao mesmo tempo que procura tirar o proveito máximo do mesmo: atraindo-o, procurando retê-lo, procurando fazer com que ele gaste aqui uma parte das suas poupanças.

Boletim GeoÁfrica. *Pensando do ponto de vista do ensino superior, e especialmente na Geografia, de que maneira a produção do conhecimento sobre turismo na academia moçambicana ajuda a identificar e intervir nesse potencial e desafios? Em outras palavras, como se dá a interação entre a academia e a prática do turismo em Moçambique hoje?*

José Julião da Silva: De um modo geral, o ensino superior parece ser algo desligado de tudo o resto, parece um mundo fechado em si mesmo. A academia produz conhecimentos, mas os mesmos não chegam aos destinatários certos, por exemplo aos que devem usar esses conhecimentos no apoio à tomada de decisões. Os decisores devem vir ao encontro da academia. Há monografias, dissertações, teses nas bibliotecas das diferentes Universidades, quem as lê? Provavelmente só os estudantes. Ademais o que se produz é partilhado entre académicos em seminários, conferências e outros fóruns do género. As academias produzem conhecimentos, produzem ciência, não estão directamente vocacionadas à resolução de problemas da sociedade. Para a resolução de problemas há outros actores. Por isso os decisores devem aproximar-se das academias. Infelizmente os decisores preferem recorrer aos consultores. Como qualquer actividade, o turismo não deve ser visto de maneira isolada, mas como parte de um todo e para esta visão de totalidade, nada melhor que os geógrafos para verem o movimento no seu todo.

Boletim GeoÁfrica. *Voltando um pouco “atrás” no caminho formativo dos profissionais do turismo em Moçambique, “antes” de chegar no ensino superior, o senhor poderia falar um pouco sobre a formação de técnicos em turismo em Moçambique? Desde quando há essa preocupação no país, e qual a relação do ensino com o mercado de trabalho nessa área? Há alguma incidência do turismo no ensino secundário de jovens moçambicanos?*

José Julião da Silva: Do que me recordo é o Hotel Escola Andalucia que se dedicava ao desenvolvimento de acções de formação para as diferentes áreas da hotelaria e da restauração, ou seja, virados para dar resposta às necessidades desses sectores. Sei também de um centro de formação do então Ministério de Trabalho que dentre outras formações para o sector, formava guias turísticos. A preocupação com o mercado de trabalho tornou-se mais acirrada a partir de finais dos anos 80, ou seja, na altura da abertura do país ao mercado global. E nessa esteira, o turismo passou a ter um lugar os programas de ensino, em particular na disciplina de geografia na sua componente humana e socioeconómica.

Boletim GeoÁfrica. *Pensando o turismo em um contexto mais amplo, qual papel o senhor vê para o turismo, hoje e no futuro, na sociedade moçambicana? De que maneira o turismo pode contribuir para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural do país?*

José Julião da Silva: Na economia moçambicana o turismo vai continuar a ter um papel que não deverá ser negligenciado. Acredito que por durante ainda algum tempo, o turismo continuará a ter um papel modesto. Tal cenário, sem dúvida que vai mudar, mas tal facto deve ser à custa de um maior engajamento por parte de todos os agentes envolvidos que devem trabalhar em sintonia. As autoridades públicas, não apenas no quesito da legislação e dos regulamentos, ou seja, o papel regulador, mas igualmente cumprido com as suas obrigações, entre as quais garantindo uma qualidade aceitável das infraestruturas como como as de abastecimento de água e energia eléctrica, saneamento do meio... O turismo pela sua natureza de ter um efeito multiplicador vai sem dúvida contribuir para o aparecimento e desenvolvimento de outros sectores como o de transportes, comércio, artesanato, restauração entre outros.

10

Boletim GeoÁfrica. *Moçambique, como muitos outros países africanos, tem hoje que lidar com uma série de situações de insegurança em seu território, como a pandemia de coronavírus, as mudanças climáticas e o conflito na província de Cabo Delgado. De que maneira essas situações impactam no turismo moçambicano, e quais caminhos Moçambique pode percorrer para que esses desafios não se sobreponham ao potencial do país nessa área?*

José Julião da Silva. Os aspectos referidos na questão, designadamente as situações de insegurança, a pandemia de coronavírus, e as mudanças climáticas vem evidenciar as vulnerabilidades da actividade turística, uma actividade que é muito dependente da mobilidade, ou melhor, cuja existência depende da mobilidade. Ora, qualquer das situações referidas constitui um entrave à mobilidade, ou seja, ao movimento de turistas e, por isso, afectam a actividade e todos os agentes envolvidos a actividade e por consequência do território, no seu todo.

Neste processo não devemos esquecer da concorrência existente entre os diferentes destinos turísticos, sendo que os mais poderosos com a sua máquina de marketing, nem sempre agindo de maneira mais correcta e justa, o que acaba influenciando as decisões e as escolhas dos potenciais turistas.

Para terminar gostaria de dizer, retomando ao que já me referi, que para que o turismo em Moçambique se desenvolva é imprescindível e fundamental que cada um dos actores ou agentes desenvolva o papel ou a função que lhe cabe: ao estado criar as condições promotoras de

desenvolvimento: infra-estruturas sociais, ou seja as condições necessárias para a vida (água, energia, estradas, saneamento, escolas, centros de saúde, segurança, jardins...), legislação e regras para o funcionamento; estas condições criadas vão atrair investidores que vão desenvolver actividades e acções para atrair e reter turistas (alojamento, restauração, actividades de lazer...), procurando pôr em evidência as potencialidades existentes (naturais, humanas, sociais, culturais...).

Algumas publicações de José Julião da Silva

SILVA, J. J. Turismo em Moçambique: oportunidades, desafios e riscos. **AbeÁfrica (Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos)**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 38-58, out. 2019

_____. Espaço público, lazer e qualidade de vida em Maputo, Moçambique. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 7, n. 2, 2017.



**DOSSIÊ TEMÁTICO:
O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Entrevista



**Afroturismo e turismo brasileiro na África: iniciativas e alternativas.
Entrevista de Carina Santos**

Por Carina Santos e Antonio Gomes de Jesus Neto

Carina Santos
Bacharel em Turismo pela Universidade Federal
de Juiz de Fora (UFJF)
Fundadora da Afrotrip Brasil
Contato: afrotripbrasil@gmail.com

Antonio Gomes de Jesus Neto
Doutorando no Programa de Pós-Graduação
em Geografia Humana (PPGH),
Universidade de São Paulo (USP);
Membro do GeoÁfrica
<https://orcid.org/0000-0001-7483-7274>
Contato. antoniogjneto@yahoo.com.br

Biografia da entrevistada. Uma pessoa apaixonada por viagens e tudo que o turismo pode proporcionar. Seguindo esta linha, visitou 13 países e, após realizar duas viagens em específico (Europa 2015 e Moçambique 2018), teve a coragem de colocar o sonho de abrir uma agência de turismo afrocentrada em prática. Então, ela acredita no poder transformador e criativo que o turismo proporciona, e desde 2006, quando ingressou na graduação pela UFJF, tem se dedicado inteiramente a este setor.



Como citar:
SANTOS, C; JESUS NETO, A. G. Afroturismo e turismo brasileiro na África: iniciativas e alternativas. Entrevista de Carina Santos. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 3, p. 12-16, jul.- set. 2022

Apresentação. Construído social e historicamente, o imaginário internacional do turista brasileiro é formado, em grande medida, por destinos da Europa Ocidental (Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Alemanha etc.), dos Estados Unidos da América e, especialmente pela proximidade geográfica, da América do Sul (Argentina, Chile, etc.). Apesar de ser possível rastrear algumas dinâmicas ao menos desde a década de 1980, foi com a reaproximação política e econômica do Brasil em direção à África, no alvorecer do século XXI, que os olhos do turista brasileiro passaram a mirar também para esse continente, e pouco a pouco países como África do Sul, Egito, Marrocos, Quênia, Tanzânia e Etiópia passaram a ser destinos procurados por certos tipos de turistas brasileiros – mesmo que de maneira tímida quando em comparação com os destinos mais consagrados. Dentre outros fatores que facilitaram este processo, está a ampliação de voos diretos com origem no Brasil e destino em cidades africanas nas últimas duas décadas – em que pese, mais uma vez, sua menor densidade em relação ao hemisfério Norte e à América do Sul. De maneira geral, contudo, esse turismo brasileiro para a África tem sido muito focado em safáris, resorts e parques naturais (para a África Subsaariana), e em certo “exotismo” (questionável) atrativo de países muçulmanos da África do Norte, quase nunca dedicando atenção à riqueza e diversidade histórica, cultural e econômica dos 55 países do continente (a única exceção, talvez, sendo a

Etiópia). Ademais, esse turismo tem sido também amplamente dominado pelas agências de viagens tradicionais, que têm passado, nas últimas décadas, por um processo de grande concentração em poucas (e poderosas) empresas cada vez mais baseadas em vendas pela internet. Na contramão dessas macrotendências, porém, os últimos anos tem revelado a ascensão de um tipo de turismo relativamente “alternativo”, constituído de iniciativas muitas vezes individuais e igualmente possibilitadas pela difusão da internet e das redes sociais, e que organizam viagens para pequenos grupos visando destinos nem sempre oferecidos pelas grandes agências tradicionais. Especificamente em relação ao turismo brasileiro para a África, diferentes veículos de mídia têm destacado o fenômeno do Afroturismo, no qual diversas iniciativas de pequena escala (geralmente capitaneadas por mulheres negras) tem oferecido viagens que propõem outros olhares para os países africanos, além de, no território brasileiro, promover também pacotes voltados ao conhecimento das rotas e lugares da população negra do país. Nas próximas páginas, nossa entrevistada conta um pouco sobre sua experiência de vanguarda com o Afroturismo, mostrando que outra forma de turismo brasileiro na África é, sim, possível. Bem vindxs ao mundo do Afroturismo, e boa leitura!

Entrevista de Carina Santos¹

Boletim GeoÁfrica. *Para iniciar nossa conversa, acho que poderíamos falar um pouco sobre o conceito de Afroturismo. Quando, e em que contexto, ele surgiu? Que tipos de turismo ele abarca? Em linhas gerais, como está o desenvolvimento do Afroturismo no Brasil hoje?*

Carina Santos: Sinceramente eu não sei exatamente quando ele surgiu, risos! Durante minha graduação, entre 2006 e 2010, eu nunca escutei nada sobre este termo. E mesmo depois de formada, trabalhando em agência de viagens, continuei não escutando nada sobre. O contexto do surgimento eu acredito que esteja relacionado com a experiência do turista preto que viaja pelo mundo afora, e começa a se questionar: onde estão os meus? Onde está a minha história? Assim como aconteceu em outros setores, como por exemplo, produtos para cabelos crespos. Confesso que quando voltei da Europa, em 2015, eu pesquisei por empresas pretas americanas e descobri que este tipo de turismo por lá já era conhecido, tinha muitas agências e turistas inseridos nesse contexto, nesta época no Brasil eram poucas iniciativas. E com o sucesso das redes sociais, as conexões foram maiores e hoje já vemos empresas de turismo na Colômbia, Portugal, França, mas acredito que o início se deu por uma demanda do próprio turista. O Afroturismo engloba experiências de turismo que insiram a história e o fazer preto além do viés da escravatura e acolhe o turista preto em um espaço seguro para que ele compartilhe suas vivências e tenha o seu lugar de fala. Valoriza pessoas que foram historicamente apagadas, como o Quilombo dos Palmares na Serra da Barriga, em União dos Palmares. O desenvolvimento do Afroturismo no Brasil está na sua melhor fase, hoje falamos sobre isso, hoje é possível fazer experiências de afroturismo em vários lugares do Brasil. Embora a caminhada seja mais longa e árdua para este setor, já avançamos se eu comparar com a época da minha graduação, que como mencionei acima, nem sequer foi abordado este tema. Participar desta entrevista para mim é uma grande vitória, à medida que a academia agora já fala sobre nós.

Boletim GeoÁfrica. *Conte um pouco para nós sobre a história da Afrotrip Brasil. Vocês também organizam pacotes de viagem para a África, certo? Com quais países vocês trabalham, e por que vocês os escolheram? Qual o perfil das pessoas que viajam com vocês?*

¹ A entrevista foi realizada por e-mail. As respostas foram recebidas em 23 de agosto de 2022.

Carina Santos. A Afrotrip Brasil é a união de dois projetos anteriores: a Black Travelers (uma agência receptiva) e a Destino Afro (uma agência emissiva). Ao longo dos anos, entendi que precisava unir as marcas em uma, e isso aconteceu em maio de 2022, quando mudamos tudo: nome, identidade e logo! Organizamos pacote de viagens em grupo para África e países da Diáspora. Eu gosto de visitar o país antes de propor o roteiro aos nossos clientes, mas em linhas gerais escolhemos lugares que tenham o português ou espanhol como idiomas oficiais, para facilitar a conexão dos clientes, com boa logística para voos e passeios terrestres. Nossos clientes são 99% pretos e mulheres e que estão indo a primeira vez a África ou a uma viagem Afrocentrada.

Boletim GeoÁfrica. *Pesquisando os sites das agências de viagens tradicionais, fica claro que o turismo para a África Subsaariana oferecido no mercado brasileiro é o turismo dos safaris, reservas naturais e resorts. Por outro lado, sobretudo nos destinos da África do Norte, há uma clara valorização do “exótico”, mas sempre com o chamariz da riqueza e do luxo. Que tipo de turismo vocês oferecem na Afrotrip? Há alternativas ao turismo tradicional das agências de viagem para a África? Como vocês encaram o chamado “heritage tourism”, ou “turismo de patrimônio (cultural)”?*

15

Carina Santos. Nós oferecemos um turismo afetivo e de experiência. Queremos que nosso cliente se emocione com a viagem, que interaja com as pessoas, que dance, que cante, e que entenda que a África é um local riquíssimo em culturas, histórias, festivais e passeios, que vão além de safári e voluntariado. Por isso, eu gosto de visitar o destino antes de propor o roteiro, pois nas minhas viagens não faço apenas os passeios tradicionais, na verdade eu crio roteiros que não estão em nenhuma agência. São feitos com afeto a partir da minha experiência ou de pessoas que colaboram conosco. Alternativas ao turismo tradicional vai acontecer com empresas não tradicionais, como a Afrotrip, ou algumas agências receptivas locais, porém são as tradicionais que realmente dominam a maior parte do mercado e influenciam muitos turistas.

Boletim GeoÁfrica. *Imagino que a questão da logística seja um desafio para vocês quando organizam viagens para o continente africano. Como tem sido as experiências de vocês com o transporte aéreo Brasil-África? Vocês priorizam rotas diretas com o continente, ou também trabalham com escalas na Europa e/ou Oriente Médio? Uma vez em um país africano, como vocês fazem os deslocamentos internos? Há parcerias com empresas locais?*

Carina Santos. É um grande desafio, principalmente pós-pandemia. É uma nova era, e a África está sem a retomada dos voos. Sei que isso é racismo, que exclui um continente com 54 países na rota do turismo Brasil x África. A nossa última experiência com a TAAG foi péssima, estamos processando esta empresa por não nos deixar seguir a viagem para o destino final (Maputo, Moçambique) em julho de 2022. Priorizamos atualmente empresas sérias. Voos diretos atualmente só tem a TAAG e a Ethiopian Airlines, e os valores subiram exponencialmente comparado ao período pré-pandemia. Isso mais uma vez é racismo, uma vez que o público preto não está preparado para pagar tarifas tão altas. Nos países que fazemos pacotes, sempre trabalhamos com agências locais e eles nos auxiliam com deslocamento interno.

Boletim GeoÁfrica. *Aparentemente, parte importante das iniciativas do Afroturismo no Brasil (pelo menos as disponíveis na internet) são capitaneadas por mulheres negras. Isso seria uma resposta às experiências prévias das mulheres negras como turistas? As mulheres negras também tem demonstrado interesse em viajar para a África?*

16

Carina Santos. Acredito que sim, como mencionei acima 99% das minhas clientes são mulheres. Acredito que a mulher tem mais coragem em topiar uma viagem dessa sozinha.

Boletim GeoÁfrica. *Além de viagens para o continente africano (foco principal da nossa entrevista), o Afroturismo também tem como objetivo percorrer rotas e lugares da população negra no Brasil. Você poderia contar um pouco como tem sido essas experiências? Há algum diálogo com a academia na elaboração desses roteiros, e especialmente com a Geografia?*

Carina Santos. Sim, o Afroturismo tem alcançado muitas cidades no Brasil. Neste tempo que atuo na área não vejo a academia participar na criação de roteiros. A parceria tem sido muito através das redes, eu participo de grupos de Afroturismo, que reúnem profissionais de várias partes do Brasil que trocam experiências, que promovem roteiros, que visitam comunidades Quilombolas, Festivais Culturais, Terreiros de Candomblé, Escolas de Samba, Escolas de Percussão e assim vemos este setor ganhar cada dia mais corpo e voz!

***Para saber mais sobre a Carina Santos, e sobre a Afrotrip Brasil, acesse:**
<https://www.afrotrip.com.br/>



DOSSIÊ TEMÁTICO:

O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Artigo



**GEOSSÍTIOS E SEU POTENCIAL CONTRIBUTO PARA TURISMO
ALTERNATIVO EM MOÇAMBIQUE**

**GEOSITES AND THEIR POTENTIAL CONTRIBUTION TO ALTERNATIVE
TOURISM IN MOZAMBIQUE**

**LES GÉOSITES ET LEUR CONTRIBUTION POTENTIELLE AU TOURISME
ALTERNATIF AU MOZAMBIQUE**

Por Alberto José Paulino Silva

Alberto José Paulino Silva
Mestre em Educação/Ensino de Geografia pela Uni-
Púnguè
Doutorando em ciências de Educação -
especialização em Educação Inclusiva e Pedagogia
Diferenciada pela Universidade Jean Piaget de
Moçambique
Pesquisador e Professor da Escola Secundária de
Jécua e do Instituto Superior Mutasa – Manica
tinholas@gmail.com

Como citar

SILVA, A. J. P.. Geossítios e seu potencial
contributo para o turismo alternativo em
Moçambique. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 3,
p. 17-36, jul.- set. 2022

Submetido: 05/07/2022

Aceito: 22/08/2022

RESUMO

O presente artigo objectiva ilustrar alguns geossítios, apresentar o potencial que os mesmos têm para a actividade turística em Moçambique e propor acções geoeducativas para a conservação e valorização da geodiversidade onde os mesmos estão inseridos. Quanto a metodologia, apropriou-se da revisão bibliográfica, observação directa, trabalho de campo, a aplicação de Sistema de Informação Geográfica em ambiente ARCGIS 10, versão *ArcMap* 10.5; e Sensoriamento Remoto. Os resultados da pesquisa evidenciaram a existência de seis (6) Geossítios de importância relevante, para a prática do turismo ecológico ou ecoturismo nas províncias de Tete e Manica, respectivamente. Deste modo, é imperioso que se difunda a informação em termos de sua ocorrência com intuito de atrair maior fluxo de visitantes (turistas) e, por conseguinte, permitir a indissociabilidade entre o geoturismo e geoconservação. Baseando-se nas informações levantadas em campo, percebe-se que a divulgação e aproveitamento destes lugares de interesse relevante em termos geológicos, se afigura um desafio. Assim, a realização de palestras, se constitui numa ferramenta imprescindível para desenvolver nos Moçambicanos o gosto pelo Turismo alternativo.

Palavras-Chave: Geossítios; Turismo alternativo; Geoconservação; Moçambique.

ABSTRAT

This article aims to illustrate some of the geosites, present the potential they have for tourism in Mozambique and propose the geoeducational actions for the conservation and enhancement of the geodiversity where they are located. As for the methodology, it was appropriated the literature review, direct observation, field work, the application of Geographic Information System in ARCGIS 10 environment, ArcMap version 10.5; and Remote Sensing. The research results showed the existence of six (6) Geosites of relevant importance for the practice of ecological tourism or ecotourism in the provinces of Tete and Manica, respectively. Thus, it is imperative to disseminate information in terms of its occurrence in order to attract a greater flow of visitors (tourists) and, therefore, allow the inseparability of geotourism and geoconservation. Based on the information collected in the field, it is clear that the dissemination and use of these places of relevant interest in geological terms, appears to be a challenge. Thus, the holding of lectures is an essential tool to develop in Mozambicans a taste for alternative tourism.

Keywords: Geosites; Alternative tourism; Geoconservation; Mozambique.

RÉSUMÉ

Cet article a pour objectif d'illustrer quelques géosites, présenter le potentiel qu'ils ont pour le tourisme au Mozambique et proposer des actions géoéducatives pour la conservation et la valorisation de la géodiversité où ils se trouvent. Quant à la méthodologie, elle s'est appropriée la revue de littérature, l'observation directe, le travail de terrain, l'application du Système d'Information Géographique dans l'environnement ARCGIS 10, ArcMap version 10.5 ; et Télédétection. Les résultats de la recherche ont montré l'existence de six (6) géosites d'importance pertinente, pour la pratique du tourisme écologique ou de l'écotourisme dans les provinces de Tete et Manica, respectivement. Ainsi, il est impératif de diffuser l'information quant à son occurrence afin d'attirer un plus grand flux de visiteurs (touristes) et, par conséquent, de permettre l'inséparabilité du géotourisme et de la géoconservation. Sur la base des informations recueillies sur le terrain, il est clair que la diffusion et l'utilisation de ces lieux d'intérêt géologique pertinents, semblent être un défi. Ainsi, la tenue de conférences est un outil essentiel pour développer chez les Mozambicains le goût du tourisme alternatif.

Mots clés : Géosites; Tourisme alternatif; Géoconservation; Mozambique.

INTRODUÇÃO

O turismo representa um importante instrumento de transformação das sociedades, que promove a inclusão social, oportunidades de emprego, novos investimentos, receitas e empreendedorismo. Além de ser uma actividade de relevante importância para a economia mundial (MOREIRA, 2014). De acordo com da Silva (2019), o Governo moçambicano definiu o turismo como uma área prioritária para a diversificação da economia do país, ao lado da agricultura, da energia e das infra-estruturas.

No entanto, quando se fala de turismo em Moçambique, o destaque vai ao Turismo de Sol e Praia, ou seja, pensa-se logo em grandes Praias paradisíacas e Cristalinas, Ilhas ou Arquipélagos ainda que com alguma tendência para novos segmentos turísticos em algumas regiões, como os Parque Nacionais e Reservas. Todavia, nem todas as regiões de Moçambique detêm das mesmas condições para se desenvolver esse tipo de turismo, mas a maior parte possui uma enorme variedade da geodiversidade, porém há ainda carência de conhecimento dos recursos abióticos locais que podem de certa forma ser utilizados para a actividade do turismo alternativo. Contudo, os pesquisadores são chamados a fazer estudos de modo a mudar esta realidade para a concepção de novas formas de pensar e fazer turismo em Moçambique, passando a explorar esses vários recursos abióticos que cada região possui por forma a dar o seu devido valor. Diante do exposto, o presente artigo objectivou, ilustrar alguns geossítios existentes na região Centro de Moçambique, concretamente nos Distritos de Changara, Moatize e Mágoe da Província de Tete e no Distrito de Manica e Cidade de Chimoio, da Província de Manica, apresentando o potencial que os mesmos têm na actividade turística e finalmente, propor acções geoeducativas para a conservação e valorização da geodiversidade onde eles estão inseridos. O artigo contribui para a literatura ao ampliar a reflexão sobre a aproximação das temáticas de geossítios e a do turismo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Geossítios

Silva et al (2015), conceituam geossítios sendo locais representativos do património geológico de um território e compõem a base da sua geodiversidade, ou seja, o termo Geossítio refere-se a um local onde, por razões naturais ou antrópicas, estão expostos elementos notáveis da geodiversidade do território onde o mesmo está inserido.

Por sua vez, Gray (2004) define geossítio como “elementos de geodiversidade, delimitados geograficamente, e que, pela sua peculiaridade ou raridade, apresentam valor científico, pedagógico, cultural, estético, económico ou outro”. Já, Molina e Mercado (2003), consideram Geossítios como “porções espacialmente delimitadas da geosfera, com um significado geológico, geomorfológicos ou geocológico especial, que devem ser conservados para as futuras gerações”. Na mesma perspectiva, Brilha (2005) conceitua Geossítio como ocorrência de um ou mais elementos da geodiversidade (aflorantes quer resultado da acção de processos naturais, quer devido à intervenção humana), bem delimitado geograficamente e que apresente valor singular do ponto de vista científico, pedagógico, cultural, turístico ou outro. Seguindo o mesmo fio de pensamento, Moreira (2008) afirma que um Geossítio pode ser definido como a “ocorrência de um ou mais elementos da geodiversidade, bem delimitada geograficamente, com valor singular do ponto de vista científico, pedagógico, cultural e turístico”. A valorização, divulgação e visitação dos Geossítios consistem em mecanismos importantes de difusão do conhecimento geocientífico, que podem resultar em retorno financeiro para os locais onde os mesmos estão inseridos através do Geoturismo, alavancando um conjunto de serviços de suporte para esta actividade (SILVA et al., 2015).

Turismo

Kaspar (1981) define turismo como “o conjunto das relações e fenómenos resultantes da viagem e da estada de pessoas para as quais o lugar da estada não é nem a residência principal e durável nem o lugar usual de trabalho”.

Para a Organização Mundial de Turismo (OMT, 1999) o turismo é a actividade de pessoas que viajam para lugares afastados de seu ambiente usual, ou que neles permaneçam por não mais que um ano consecutivo, a lazer, a negócios ou por outros motivos. Nesta ordem, Moreira (2014) afirma que o turismo acontece porque as pessoas viajam por diferentes motivações, como buscar locais para descansar, realizar actividades esportivas, conhecer culturas diferentes, distrair-se, fugir da rotina, entre outros motivos. Logo, os turistas buscam no turismo uma forma de satisfazer essas necessidades, deixando um pouco de lado o que fazem habitualmente. Gontijo e Rego (2001) *apud* Moreira (2014) alegam que todos nós, enquanto seres humanos, somos turistas em potencial e o que nos resta é resgatar em nós aquelas motivações que nos levam a conhecer e vivenciar novos horizontes, novas paisagens. O foco deste artigo é o turismo alternativo, que será encontrado no Geoturismo, ou seja, turismo que utiliza em suas actividades elementos do património geológico, pois dentro dele estão agregados vários outros como o histórico-cultural, o académico, o de lazer, o de aventura, o de águas termais, o ecológico, o ambiental, o rural, entre outros.

Segundo Moreira (2014) o geoturismo é um segmento que vem crescendo a cada ano, sendo uma nova tendência em termos de turismo em áreas naturais. As pesquisas nessa área ainda estão no início e faz-se necessário conhecer mais as características, impactos e definições de tal segmento. Com uma ênfase particular na conservação, educação e atractivos turísticos em relação aos aspectos geológicos, interpretar o ambiente em relação aos processos que o modelaram pode ser uma ferramenta de educação ambiental, proporcionando um melhor aproveitamento dos recursos que a natureza nos oferece. Para Mc Keever, Larwood e Mckirdy (2006) *apud* Moreira (2014), o geoturismo, se comparado com outras modalidades turísticas, ainda está na infância, mas que é através do suporte para a geoconservação que se assegura o recurso para as suas actividades. Segundo Manosso, Moreira & Silva Júnior (2014) *apud* Vale e Moreira (2019) o ecoturismo, turismo de aventura e o geoturismo são realizados em Unidades de Conservação e “a atractividade turística promovida pelo conjunto de elementos da geodiversidade, e algumas vezes relacionada ao património geológico é factor primordial, visto que estes elementos acabam sendo relevantes como foco de atracção e motivação turística no local.”

Melendéz-Hevia, Moreira e Carcavilla-Urqui (2017) *apud* Vale e Moreira (2019) afirmam que certos elementos geológicos, neste caso os geossítios, são ícones autênticos para o turismo nacional e internacional e evocam lugares emblemáticos que evidenciam a dinâmica do planeta, como cavernas, cachoeiras, entre outros. Esse pensamento, mostra claramente que os geossítios potencializam o turismo alternativo.

Geoconservação

Segundo Gray (2004) e Brilha (2005), a geodiversidade é dotada de valores: intrínseco, cultural, estético, económico, funcional e científico e, educacional. Moreira (2008) também utiliza valores para a avaliação do património geomorfológico, a saber: científico; ecológico; estético; económico e cultural. Além destes, diversos outros autores atribuem valores aos elementos do meio abiótico, os quais precisam ser (geo) conservados. Por geoconservação se entende uma actividade voltada para a conservação do Património Geológico de uma região, visando a sustentabilidade dos geossítios que expressam valor cultural, histórico, científico, educativo, turístico, económico e que quando inventariados, identificados, classificados, tendo como principal objectivo a conservação e a divulgação deste património representativo de um território onde o desenvolvimento deve ser sustentável (LORENCI, 2013 *apud* SILVA; AQUINO; NUNES, 2020).

Para Gray (2013) *apud* Silva, Aquino e Nunes (2020), a geodiversidade precisa ser conservada em razão dos valores que possui e das ameaças que sofre, por actividades humanas. Estas actividades também são apontadas por Gordon (2019) *apud* Silva, Aquino e Nunes (2020) que as classificam como pressões e ameaças que tornam a geodiversidade vulnerável. Prosser (2013) *apud* Silva, Aquino e Nunes (2020) destaca que a conservação do património geológico engloba actividades voltadas a conservar lugares, processos e elementos relacionados à geologia, solos e geomorfologia, por meio de acções que visam a divulgação, levantamento, resgate ou registro. Ainda nesse contexto, segundo Carcavilha et al. (2014) *apud* Silva, Aquino e Nunes (2020) a conservação do património geológico representa uma responsabilidade e obrigação, tanto das administrações públicas, quanto da sociedade em geral, haja vista que o património geológico constitui uma herança recebida que deve ser transmitida para as próximas gerações, a

fim de possibilitar um melhor progresso social e científico, representa ainda importante mecanismo para o desenvolvimento sustentável no meio rural.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa por tratar a compreensão ou interpretação de processos de forma complexa e contextualizada (GIL, 1996).

Quanto aos objectivos é exploratória devido ao carácter ainda incipiente da pesquisa destes geossítios e a sua relação com o turismo. É também descritiva porque visa descrever as características e as propriedades destes geossítios, sua relação existente na comunidade e com o turismo, em sua condição natural, sem acções que possam alterar essa descrição.

No tocante aos métodos da pesquisa, os procedimentos desenvolvidos basearam-se primeiramente no levantamento bibliográfico, que consistiu na consulta e leitura de diversas obras literárias do âmbito nacional e internacional úteis a pesquisa, seguido do cartográfico que baseou-se na consulta e na produção de diversos mapas temáticos da área de estudo, com auxílio das técnicas de Geoprocessamento, a título de exemplo, o uso do Sistema de Informação Geográfica (SIG) e Sensoriamento Remoto (SR); e finalmente a observação directa que se verificou pela ida ao campo de modo a auferir *in loco* todos os fenómenos existentes, tendo sido usadas as técnicas de tomada de nota e a captura de imagens fotográficas.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo localiza-se na região centro de Moçambique a saber: Província de Tete, integrando os distritos de Changara, Moatize e Mágoe, e Província de Manica, integrando a Cidade de Chimoio e o Distrito de Manica, respectivamente.

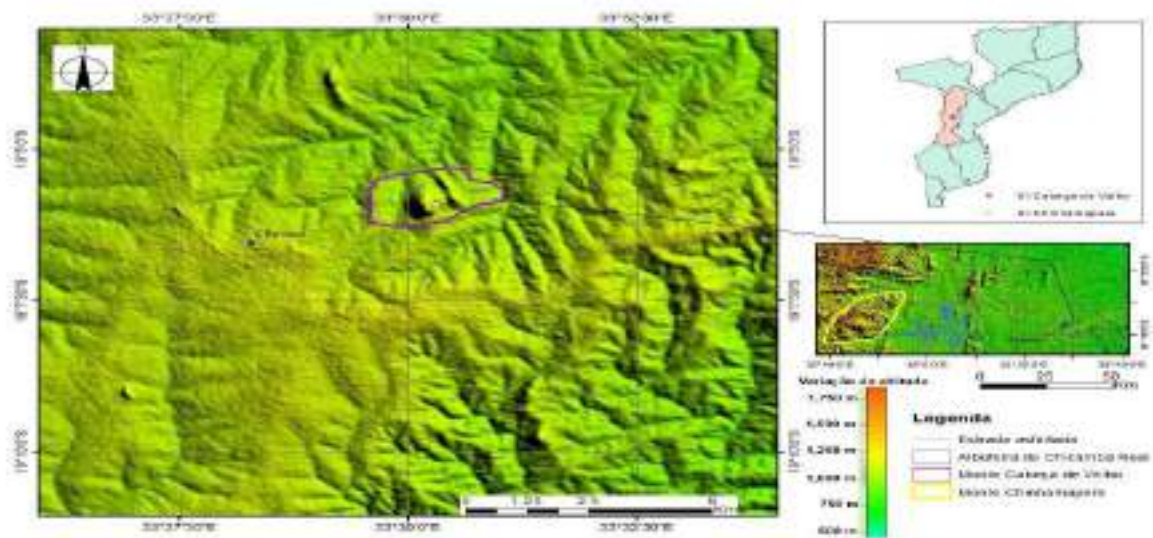
Figura 1. Mapa de localização geográfica da área do estudo (Província de Tete)



24

Fonte: Autor (2021)

Figura 2. Mapa de localização geográfica da área do estudo (Província de Manica)



Fonte: José da Silva Mazumbe (2022)



ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES DOS GEOSSÍTIOS PARA O TURISMO

a) PROVÍNCIA DE TETE

DISTRITO DE MÁGOE

Geossítio de Troncos Fossilizados de Cadzewe

Figura 3. Troncos Fossilizados de Cadzewe



Fonte: Autor (2020)

Os Fósseis em si, são considerados registos de corpos ou partes deles que viveram em épocas geológicas passadas, como também os vestígios da sua actividade biológica, os icnofósseis (pegadas, coprólitos, ninhos, marcas de raízes e mais). Entre os organismos sujeitos a processos de fossilização, existem alguns que têm maior viabilidade de ficarem preservados, por exemplo, os animais com partes do corpo duras (conchas, ossos, dentes).

Os designados troncos fossilizados constituem uma das notáveis distinções de organismos intrigantes do distrito de Mágoè, essencialmente no Povoado de Cadzewe, com referências geológicas, capaz de promover um fluxo turístico, através dos seus atractivos de Troncos de enormes árvores fossilizadas. Portanto, o seu notável potencial de atractividade é constituído por uma floresta fóssil com troncos petrificados *in situ* em bom estado de



conservação ambiental, ocorrendo assim, dentro do perímetro do Parque Nacional de Mágoè, ao longo da faixa junto à margem da Albufeira de Cahora-Bassa.

Os troncos petrificados desta região abarcam em si uma das tipologias de património geológico. Todavia, estudos recentes indicam que o seu processo de fossilização ou petrificação tenha ocorrido a cerca de 280 milhões de anos atrás, no período Permiano.

Ferrara (2004) *apud* Cumbe (2007) referindo-se da vegetação fóssil, menciona a ocorrência de troncos fossilizados do Pérmico na Província de Tete, de espécie coníferas *Dadoxylon nicoliseward* e *Dadoxylon* podendo ser encontrados na Província de Tete em áreas como: Mágoè; Carangache (Estima); Chipera; Sudeste de Moatize e Doa.

No que concerne a área ao redor da floresta, a geomorfologia das margens do rio Zambeze, é possível notar que ela oferece um enorme potencial para à implantação de estâncias turísticas. Embora não seja muito comum receber turistas nesse Geossítio, em termos da sua representatividade é uma das poucas áreas do País que apresenta abundância de troncos petrificados. Diante disso, as acções voltadas a conservação deste local (geossítio) devem priorizar o valor científico, socioeconómico e turístico com o valor didáctico associado.

DISTRITO DE MOATIZE

Geossítio da Caverna e Rocha Cogumelo

Figura 4. Geossítio de Caverna de Nhakalata (a) e Rocha Cogumelo de Nhaonde (b)



Fonte: Cedido gentilmente pelo Jenato Quenh (2019).

A paisagem cárstica e suas cavernas podem ser percebidas por várias pessoas de maneira variada. Uma caverna define-se em termos legais como cavidade natural subterrânea. De acordo com Travassos et al. (2009) a caverna corresponde a abertura ou reentrâncias na rocha, capazes de permitir a entrada do ser humano. Geologicamente, compreende a reentrância na rocha provocada pela dissolução. As cavernas são cavidades naturais rochosas que possuem um conduto de circulação de água entre a entrada (sumidouro) e a saída (fonte ou exutório). Assim, sua origem está ligada a processos da geodinâmica externa a exemplo de corrosão, erosão e colapso. Nhaondue é uma referência para quem queira conhecer a beleza espeleológica escondida no seio da sua exuberante floresta, descrita por cavernas, vales, nascentes, paredes verticais, furnas e lápides sob rochas dispostas paralelamente nas ombreiras e ladeiras dos montes Nhaondue. As suas cavernas constituem um grande potencial para o turismo de aventura, científico e geoturismo, pois sua paisagem geomorfológica, é repleta de vegetação quase intacta decorada por gazelas, macacos, pássaros, cágados e serpentes com especial menção à jibóias vislumbram uma rara beleza cénica tipicamente da savana africana. Este biótopo estrutura ecossistemas de intensa complexidade, de grande fragilidade ambiental, com elevado grau de endemismo faunístico e florístico, imensa geodiversidade, deposição de minerais e estratégicos reservatórios de mananciais de água. Todavia, a localização dessas cavernas e/ou grutas em áreas de elevada altitude possibilita mirantes panorâmicos da paisagem natural ao nível regional, com especial menção o rio Zambeze, e até algumas comunidades, factores favoráveis para abarcar a actividade turística. No interior destas feições, são observadas geofomas que facilitam a compreensão do processo de formação geológica local e regional e vestígios arqueológicos, paleontológicos e paleopedoclimáticos fundamentais para a ciência da nossa pré-história.

Nascentes Hidrotermais de Nhaondue e Mawhira

Figura 5. a) Nascente de Mawhira; b) Nascente de Nhaondue



Fonte: Cedido gentilmente por Victor (2019)

As nascentes hidrotermais em Moatize possuem três ocorrências. A primeira, designada por Fontes Hidrotermais de Nhaondue ou águas quentes de Nhaondue, com a sua expressão na Comunidade de Nhaondue. Suas águas fluem ininterruptamente de mais de 10 fontes, e a segunda e terceira, respectivamente na povoação de Mawhira. Classificadas como as mais importantes nascentes de águas quentes do Distrito.

Uma nascente termal, também designada comumente de fonte hidrotermal é uma fissura na crosta terrestre a partir da qual emerge um fluido geotermal ou hidrotermal. A água penetra na crosta em altas profundidades e reage com os minerais presentes, sofrendo alterações físico-químicas ao longo do seu percurso.

As nascentes representam manifestações secundárias de vulcões do tipo não eruptivo. Seu surgimento está estritamente ligado aos agentes da geodinâmica interna: sismo, tectonismo e vulcanismo. Dependendo da natureza das águas ou melhor, da composição mineralógica (físico-química) e bacteriológica.

De acordo com Souza e Orlando (2010) águas termais são águas de chuvas que penetram no solo chegando à superfície com temperatura muito elevada com profundidade de cerca de 1500 metros, por conta de uma fissura no subsolo e por essa água subir com uma velocidade muito rápida não a tempo do resfriamento, isso ocorre por que onde essas águas se localizam há rochas mineralizadas que fazem pressão sobre essas águas e com isso elas se mantêm aquecidas pelo fenómeno denominado de gradiente geotérmico.

Acredita-se que esses locais possuem características terapêuticas de certas doenças, como o reumatismo, doenças de pele e problemas estomacais.

Contudo, eis um local com enorme vocação ao nível turístico para o turismo de água termais ou turismo de saúde, praticado por pessoas que buscam as estâncias hidrominerais para o tratamento de saúde ou simples recreação.

DISTRITO DE CHANGARA

Geossítio de Luenha

Figura 6. a) Ponte sobre o Rio Luenha; b) Afloramentos Rochosos e geoformas.



Fonte: Cedido gentilmente por Victor (2019)

Localizado no rio com o mesmo nome, estabelece divisão com a Província de Manica. No verão as suas águas são calmas, frescas e límpidas criando condições favoráveis para mergulhar nelas. Este geossítio apresenta aspectos geomorfológicos, geológicos e ecológicos deslumbrantes com grande valor estético, apresentando um potencial para o turismo por evidenciar elementos singulares da geodiversidade. Destacam-se primeiramente os afloramentos rochosos e as geoformas esculpidas pela acção fluvial, que se assenta sobre uma geologia de ocorrência de areia e cascalhos de terraços fluviais, despertando, assim, como já dito anteriormente uma enorme curiosidade turística e científica por quem de lá passa. Esses sítios constituem locais privilegiados para o desenvolvimento de várias actividades turísticas, a título de exemplo o turismo de lazer, pesca desportiva, com destaque ao turismo académico com

acções de formação para os estudantes, dado o carácter multidisciplinar, pois é possível organizar excursões e actividades para os estudantes de diversas especialidades, tanto nacionais como estrangeiros.

b) PROVÍNCIA DE MANICA

CIDADE DE CHIMOIO

Geossítio de Cabeça de Velho

Figura 7. a) Geossítio de Cabeça de Velho vista frontal; b) Escalada ao geossítio Cabeça de Velho; c) no cimo do geossítio Cabeça de Velho.



Fonte: Cedido gentilmente pela Triptime Moz (2021)

Nome dado ao monte por parecer uma cabeça humana deitada olhando para o céu. Está localizado na província de Manica, no Bairro Nhamaonha, a cerca de cinco quilómetros do centro da cidade Chimoio, do lado este podendo ser observada à partir de vários pontos da cidade, pois tem uma altitude de cerca de 789 metros. A origem e o nome verdadeiro da montanha têm divergido muitos pesquisadores, razão pela qual toma dois nomes: Cabeça do Velho ou Monte Bengo. Sendo uma das maiores atracções da cidade pelo seu formato incomum e uma beleza natural, cada detalhe do monte coincide com um o rosto humano nomeadamente: *a testa, os olhos, o nariz, a boca e o queixo*, um facto realmente impressionante criando uma enorme curiosidade dos turistas que visitam o lugar. Neste geossítio, é frequente a realização de cultos tanto religiosos quanto tradicionais de pessoas de todas as idades, pois é associado a questões míticas ou sobrenaturais, sendo frequente a presença de vários animais com destaque

para os cabritos sem ninguém que os reivindique como seus. No verão, sobretudo nos finais de semana nota-se uma concentração massiva de jovens da Cidade na companhia de seus amigos ou parceiros, que escalam o monte em busca de sossego, ar fresco, apreciar a paisagem e até fugir da rotina. Em dias festivos ou em feriados nacional, muitas famílias escolhem esse geossítio para passar o dia inteiro, ouvindo música, cantando e dançando, e no final do dia, juntas assistem o pôr-do-sol, fenómeno que para muitos é raro, devido a correrias do quotidiano.

Dado ao seu potencial turístico, o Governo de Manica através Direcção Provincial do Turismo, teve que desdobrar-se em acções concretas tendentes a maximizar a importância turística do “geossítio Cabeça do velho”, culminando com a criação de um gabinete Executivo do Festival Turístico-cultural “Cabeça do velho”, o primeiro de género, de iniciativa local em reconhecimento da importância e do papel histórico-cultural que representa o monte Bengo, cuja 1ª Edição teve lugar nos dias 5 e 6 de Dezembro de 2017 envolvendo os mais diversificados grupos artístico-culturais de danças, cânticos, música e gastronomia local.

DISTRITO DE MANICA

Geossítio de Pinturas Rupestres de Chinhamapere

Figura 8. Pinturas Rupestre de Chinhamapere



Fonte: Autor, no âmbito da abertura da semana do Professor (2018)

O geossítio de Chinhamapere contém segundo Notice (2015), um conjunto de imagens únicas da arte rupestre das comunidades de caçadores e colectores e assenta um rico e conhecido contexto arqueológico. Esse local oferece uma visão turística de várias pinturas rupestres, que compreendem representações gráficas por meio de pigmentos ou sobre uma rocha, ilustrando um

acontecimento ocorrido. No entanto, o lugar encerra eventos do passado e reflecte um longo período da pré-história e da época dos bosquímanos, primeiras comunidades que habitaram nesta região de Moçambique. A arte de Chinghamapere é uma expressão patrimonial (herança da ancestralidade) cujo valor ultrapassa as fronteiras étnicas, tornando-se, assim, património da humanidade. As pinturas rupestres de Chinghamapere representam um grande legado deixado pelos antepassados em Manica, que deve ser estudado e preservado para as gerações futuras. Pela sua característica peculiar, este geossítio, enquadra-se na tipologia de um património iconográfico e cénico, pela sua beleza e a representação gráfica invulgar de objectos que podem relevar vertentes na história do conhecimento passado. Segundo Notice (2015) o significado dessas pinturas não é facilmente decifrável, devido a sua complexidade, riqueza de detalhes e às crenças que lhes servem de suporte. Sobre a natureza, os pintores bosquímanos representavam os animais que consideravam espécies potentes, particularmente, os grandes antílopes, o Elande e o Kudo, animais mais importantes, acreditando que estes possuíam um grande poder sobrenatural que se podia utilizar com vista à penetração no mundo dos espíritos. O geossítio reserva-se essencialmente no descrever de um património de carácter cénico, mas com maior peso iconográfico, por possuir conteúdos gráficos que retratam a história de uma dada fase desta comunidade.

Vale ainda ressaltar que a brilhante fisionomia da rocha permite de certa forma a conservação das pinturas rupestres, evitando que as mesmas sejam degradadas pela intempérie e pode abarcar lugar seguro para acomodação para quem queira fotografar ou mesmo fazer uma representação gráfica das pinturas em turismo académico (em aulas de campo), turismo cultural ou religioso. Nesta, os turistas poderão entender sobre os *modus vivendis e operandis* das comunidades primitivas. Para tal, é necessária uma intervenção por parte das instituições de tutela, com vista a adopção de medidas de geoconservação, para o aproveitamento ainda mais longânime deste geossítio cuja fisionomia desenvolve nos turistas/excursistas o espírito ou gosto pela geografia física, podendo configurar-se como ponto indispensável para melhor conhecimento do passado e da própria evolução da humanidade, constituindo marco histórico insubstituível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa tinha como objectivo ilustrar os geossítios, apresentar o potencial que os mesmos têm na actividade turística e propor acções geoeducativas para a conservação e valorização da geodiversidade onde os mesmos estão inseridos. Os resultados da pesquisa evidenciaram a existência de seis (6) geossítios nomeadamente: Geossítio de Troncos Fossilizados caracterizado pela existência de elementos paleobotânicos (troncos fossilizados) com importantes valores geológicos, geomorfológicos e culturais, o que confere uma forte identidade local e regional para o turismo científico, cultural de lazer, ambiental, ecológico ou ecoturismo, possibilitando a prática de desportos; rotas e circuitos; Geossítio de Caverna e Rocha Cogumelo, onde são observadas geoforamas que facilitam a compreensão do processo de formação geológica local e regional e vestígios arqueológicos, paleontológicos e paleopedoclimáticos fundamentais para a ciência da nossa pré-história. Neles pode ser praticado o do turismo de aventura, científico e geoturismo; Geossítio de águas Termais, com características terapêuticas para certas doenças, como o reumatismo, doenças de pele e problemas estomacais. Contudo, eis um local com enorme vocação ao nível turístico (turismo de água termais) praticado por pessoas que buscam as estâncias hidrominerais para o tratamento de saúde ou simples recreação; Geossítio de Luenha, que evidencia elementos geomorfológicos, geológicos e ecológicos deslumbrantes com grande valor estético, científico e sobretudo turístico, constituindo local privilegiado ao turismo de lazer, pesca desportiva e académico; Geossítio de Cabeça Velho, uma das maiores atracções da cidade de Chimoio pelo seu formato incomum e uma beleza natural, com detalhes que coincidem com um o rosto humano nomeadamente: *a testa, os olhos, o nariz, a boca e o queixo*, um facto realmente impressionante com um potencial para o turismo de montanha, lazer, aventura, e cultural; Geossítio de Pinturas Rupestres que se caracteriza essencialmente no descrever de um património de carácter cénico, mas com maior peso iconográfico, por possuir conteúdos gráficos do passado que reflectem um longo período da pré-história e da época dos bosquímanos, primeiras comunidades que habitaram no Distrito de Manica, com relevante importância ao nível da geodiversidade e para a prática do turismo académico, religioso ou cultural.

Com base nos aspectos acima referenciados, há que se dizer que os geossítios apresentados possuem o potencial para o Turismo Alternativo em Moçambique, dados os elementos da geodiversidade com valores geológicos, geomorfológicos e culturais, o que lhes confere uma forte identidade local e regional. A sua localização geográfica é favorável à atracção de roteiros e fluxos turísticos, com acessibilidade rodoviária, aérea e até marítima. No entanto, nestes geossítios constata-se que, as acções humanas têm um impacto negativo significativo nos ecossistemas através da sucessão agro-pecuária, desflorestamento, assentamentos humanos, mineração artesanal (garimpo) sem o devido planeamento, o que representa uma negação a sustentabilidade destes patrimónios geológicos, bem como da actividade geoturística, tendo em conta que esse património representa inquestionavelmente matéria-prima para o desenvolvimento do segmento turístico.

Diante disso, as acções voltadas a conservação destes geossítios por parte das instituições de tutela são de extrema urgência, com vista a adopção de medidas de geoconservação, para o aproveitamento ainda mais longânime priorizando os valores científico, socioeconómico e turístico com o valor didáctico associado. Nesse sentido, propõe-se que os geossítios apresentados passem por uma **inventariação e avaliação** que consiste no levantamento e registo sistemático da área onde estão inseridos; **Classificação**, que visa dotar os geossítios de um estatuto legal para a sua protecção e gestão; **Conservação**, com o objectivo de assegurar a integridade física dos geossítios, permitindo ao mesmo tempo, que o público possa ter acesso aos mesmos; **Valorização e divulgação**, que consiste no desenvolvimento de acções e de infra-estruturas no local de ocorrência dos geossítios, com o objectivo de disponibilizar informação que auxilia o público na interpretação de aspectos da geodiversidade, através da produção de painéis informativos ou interpretativos a ser colocados próximos dos geossítios ou em outra posição adequada para a transmissão da informação pretendida, e finalmente; **Monitorização**, que é o processo de verificação periódica da perda de relevância de um dos geossítios estudados ao longo do tempo.

A pesquisa apresenta limitações decorrentes do uso do método qualitativo, que não permitiu testar as relações exactas entre os geossítios e o turismo, e do bibliográfico, dada a sua insipiência em relação a temática. Por outro lado, o uso de dados secundários (dados cedidos), não permitiu identificar claramente o tipo de actividade turística que se pode praticar nos mesmos



geossítios. Diante disto, recomenda-se que as futuras pesquisas, analisem as relações entre os tipos de geossítios e a respectiva actividade turística específica, permitindo deste modo o melhor direccionamento das acções, de políticas públicas de intervenção bem como melhor exploração turística do geossítio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRILHA, J. Inventory and Quantitative Assessment of Geosites and Geodiversity Sites. A Review. *Geoheritage*, v. 8, n.2, p. 119-134, 2016.

BRILHA, J. **Património geológico e geoconservação, a conservação da natureza na sua vertente geológica**. Braga: Palimage, 2005.

CUMBE, A. N. F. **O Património Geológico de Moçambique: Proposta de Metodologia de Inventariação, Caracterização e Avaliação**. Dissertação (Mestrado em Património Geológico e Geoconservação), Departamento de Ciências de Terra, Universidade do Minho, Braga, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projectos de pesquisa**, 3ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GODOY, L. H.; SARDINHA, D. S.; BERTINI, R. J.; CONCEIÇÃO, F. T.; DEL ROVERI, C. e MOREIRA, C. A. Potencial Geoparque de Uberaba (MG): geodiversidade e geoconservação. *Revista Sociedade & Natureza*, v. 25, n. 2, p. 395-410, 2013.

GRAY, M. **Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature**. Londres: John Wiley & Sons Ltd., 2004.

KASPAR, C., **Loisirs, Recreation, Tourisme – Une introduction au theme generale du 31º Congrès**. Annue. Cardiff : Aiest (International Association of Scientific Experts on Tourism), 1981.

MOLINA, J.; MERCADO, M. Patrimonio geologico minero y geoturístico - enfoque conceptual y de casos em Colombia. In: VILLAS-BÔAS, R. C.; MARTINEZ, A. G.; ALBUQUERQUE, G. A. S. C. (Ed.). **Patrimonio geologico y minero en el contexto del cierre de minas**. Rio de Janeiro: CNPq/CYTED, 2003. p. 169- 185.

MOREIRA, J. C. **Património geológico em Unidades de Conservação: actividades interpretativas, educativas e geoturísticas**. Tese (Doutorado em Geografia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MOREIRA, J. C. **Geoturismo e interpretação ambiental** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

NOTICE, J. Pinturas Rupestres de Chinhamapere: uma perspectiva da preservação do património sociocultural de Moçambique no contexto da gestão ambiental. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 5, n. 2, p. 366-380, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (OMT). **Conta Satélite do Turismo**. Quadro Conceptual. Madrid, 1999.

SILVA, J. F. A.; AQUINO, C. M. S.; NUNES, H. K. B., Geodiversidade, geopatrimónio e valores dos geomorfossítios na “Capadócia Nordeste”, Piauí, Brasil. **William Morris Davis - Revista de Geomorfologia**, v. 1, n. 1, p. 232-250, jul. 2020.

SILVA, J. J. Turismo em Moçambique: oportunidades, desafios e riscos, Universidade Pedagógica de Maputo. **Abe-África: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos**, v. 3, n. 3, p. 38-58, out. 2019.

SILVA, L.; PEREIRA, D e TORRES M. M., **Contributo do património geomorfológico para a oferta turística do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PANC)**. Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos, V. VIII, Braga, p. 291-294, 2015.

SOUZA, S. P; ORLANDO, P. H. K. Caldas Novas (GO): Turismo e uso das Águas Termiais. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS (ENG), 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, UFRGS, 2010.

TRAVASSOS, L. E. P.; GUIMARÃES, R. L.; BATELLA, W. B.; M. A utilização de cavernas como lugares de devoção e práticas ritualísticas. **OLAM – Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, 2009.

VALE, T. F.; MOREIRA, J. C., O uso de geossítios em actividades turísticas em Fernando de Noronha, Pernambuco, Brasil. **Revista Turydes: Turismo y Desarrollo**, v. 12, n. 26, jun./jul. 2019.



DOSSIÊ TEMÁTICO:

O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Artigo



**A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA DE CONSUMO DE SOUVENIRS NA
CIDADE DE MAPUTO**

THE TOURIST EXPERIENCE OF SOUVENIR CONSUMPTION IN MAPUTO CITY

**LA EXPERIENCIA TURÍSTICA DEL CONSUMO DE SOUVENIRS EN LA CIUDAD
DE MAPUTO**

Por Dário Manuel Isidoro Chundo e Maria Rosa Ligório Noteque

Dário Manuel Isidoro Chundo
Universidade Pedagógica de Maputo
darioisidoro17@gmail.com

Maria Rosa Ligório Noteque
Universidade Pedagógica de Maputo
maronoteque31@gmail.com

Como citar

CHUNDO, D. M. I.; NOTEQUE, M. R. L. A experiência turística de consumo de souvenirs na cidade de Maputo. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 3, p. 37-58, jul.- set. 2022

Submetido: 05/07/2022

Aceito: 25/08/2022

RESUMO

A cidade de Maputo é um destino turístico urbano por onde seus visitantes têm a oportunidade de consumir souvenirs, ofertados em estabelecimentos comerciais no entorno dos seus principais atractivos turísticos. A pesquisa tem como objectivo compreender a experiência turística de consumo de souvenirs na Cidade de Maputo. Para atingir este objectivo foram utilizadas metodologias e técnicas: a abordagem Quali-Quanti, auxiliado na pesquisa bibliográfica e documental, os métodos monográficos, estatísticos e cartográficos e como técnicas de observação directa e questionário. Assim, por meio da observação directa e questionários, identificou-se os estabelecimentos comerciais de souvenirs. Em seguida foram entrevistados 12 turistas para poder explicar as experiências de consumo de souvenirs. A partir disso, foi elaborado um mapa para demonstrar a distribuição espacial destes elementos e realizou-se uma análise com base no referencial teórico previamente realizado. Os principais resultados apontam que as experiências de consumo de souvenirs estão relacionadas com as experiências dos turistas no destino e com as atitudes dos mesmos em relação ao espaço visitado. A partir dessa discussão pôde-se compreender o souvenir sob o olhar do consumidor turista, em meio às diversas experiências vividas e atitudes demonstradas em relação ao espaço urbano, encontra-se o consumo de souvenirs. Recomenda-se a valorizar o poder económico e valorizar a negociação no comércio de souvenirs, considerando que isso pode fazer parte da experiência do turista

Palavras-chave: Experiências; Consumo; Souvenirs; Cidade Maputo.

ABSTRACT

The city of Maputo is an urban tourist destination where its visitors have the opportunity to consume souvenirs, offered in commercial establishments around its main tourist attractions. The research aims to understand the tourist experience of souvenir consumption in Maputo City. To achieve this objective, methodologies and techniques were used: the Quali-Quanti approach, assisted in bibliographic and documentary research, monographic, statistical and cartographic methods and as direct observation techniques and questionnaire. Thus, through direct observation and questionnaires, the commercial establishments of souvenirs were identified. Next, 12 tourists were interviewed to explain the experiences of souvenir consumption. From this, a map was elaborated to demonstrate the spatial distribution of these elements and an analysis was performed based on the theoretical framework previously performed. The main results indicate that the experiences of souvenir consumption are related to the experiences of tourists in the destination and their attitudes towards the space visited. From this discussion it was possible to understand the souvenir under the view of the tourist consumer, in the midst of the various experiences lived and attitudes demonstrated in relation to the urban space, there is the consumption of souvenirs. It is recommended to value economic power and value trading in the souvenir trade, considering that this may be part of the tourist experience.

Keywords: Experiences; Consumption; Souvenirs; Maputo City.

RESUMEN

La ciudad de Maputo es un destino turístico urbano donde sus visitantes tienen la oportunidad de consumir souvenirs, ofrecidos en establecimientos comerciales alrededor de sus principales atractivos turísticos. La investigación tiene como objetivo comprender la experiencia turística del consumo de recuerdos en la ciudad de Maputo. Para lograr este objetivo, se utilizaron metodologías y técnicas: el enfoque Quali-Quanti, asistido en investigación bibliográfica y documental, métodos monográficos, estadísticos y cartográficos y como técnicas de observación directa y cuestionario. Así, a través de la observación directa y cuestionarios, se identificaron los establecimientos comerciales de souvenirs. A continuación, se entrevistó a 12 turistas para explicar las experiencias de consumo de souvenirs. A partir de esto, se elaboró un mapa para demostrar la distribución espacial de estos elementos y se realizó un análisis basado en el marco teórico realizado previamente. Los principales resultados indican que las experiencias de consumo de souvenirs están relacionadas con las experiencias de los turistas en el destino y sus actitudes hacia el espacio visitado. A partir de esta discusión se logró entender el souvenir bajo la mirada del consumidor turístico, en medio de las diversas experiencias vividas y actitudes demostradas en relación al espacio urbano, está el consumo de souvenirs. Se recomienda valorar el poder económico y el comercio de valor en el comercio de souvenirs, considerando que esto puede ser parte de la experiencia turística.

Palabras-clave: Experiencias; Consumo; Souvenirs; Ciudad de Maputo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo científico aborda sobre a experiência turística de consumo de souvenirs na Cidade de Maputo. Com os novos padrões de consumo turístico da sociedade moderna, as lembranças representam materialmente um determinado destino turístico e, imaterialmente as experiências de cada turista consumidor destes produtos. O consumo do produto é uma actividade que compõe as experiências dos turistas na maior parte dos destinos turísticos do mundo. Porém, a experiência de consumo de souvenirs é intrínseca à actividade do turismo. Este consumo está relacionado com a experiência turística, sendo que a lembrança é um item inerente ao turismo, pois na maioria das vezes, está presente como um dos atractivos turísticos dando a possibilidade do seu consumo aos turistas.

A existência dos locais de comercialização deste produto turístico na zona nobre da cidade, tem em vista não só oferecer comodidade e segurança aos turistas, mas também constitui-se como um dos locais de cartaz, que expõe, preserva e divulga o rico acervo artístico da Cidade e desta enorme pérola do Índico. A proximidade entre os estabelecimentos de comercialização destes produtos e os espaços de maior circulação de turistas é notória na maior parte dos destinos turísticos da Cidade de Maputo, evidenciando-se assim, o desejo dos visitantes de consumirem objectos como lembrança das experiências turísticas vividas em um determinado espaço.

A Cidade de Maputo é um destino turístico urbano que favorece aos seus visitantes a experiência no consumo de souvenirs durante a actividade turística, ofertados em estabelecimentos comerciais, feiras de artesanato e em alguns pontos nas principais avenidas. A partir destas ponderações, cabe analisar como e por que a experiência do consumo deste produto ocorre no contexto da actividade turística. O principal objectivo é *compreender a experiência turística de consumo de souvenirs na Cidade de Maputo*. Também conhecidos como "lembranças", é o objecto que tem características de um determinado lugar, e é vendido como lembrança, podendo ser encontrado das mais diversas formas e tamanhos.

Os produtos se desdobram em diversas categorias atendendo a perfis diferentes de turistas, configurando-se em um sector económico significativo e associado, de forma directa, à actividade turística. Fica clara a importância do sector de turismo para o fomento da produção de inúmeros bens destinados, directamente ou indirectamente, ao mercado dos produtos. Porém, cabe indagar

se estes mesmos objectos possuem um papel significativo para o próprio turista, quando se trata da preocupação com as experiências do visitante em um determinado destino.

Considerando a profusão de lojas de souvenirs, localizadas em espaços de circulação de turistas, e distribuídas ao entorno dos atractivos turísticos, bem como as feiras de arte e artesanato comuns na maioria dos destinos, há que se questionar se este mercado deve ser entendido meramente pela relação do consumo ou se a oferta destes bens afecta nas experiências dos visitantes. Assim posto, o presente estudo é orientado pela seguinte questão:

- *Qual é a experiência turística de consumo de souvenirs na Cidade de Maputo?*

O estudo tem como objectivo geral compreender a experiência turística de consumo de souvenirs na Cidade de Maputo, seguido dos específicos que são: mencionar os diferentes tipos; mapear a distribuição espacial dos pontos de comercialização destes produtos na Cidade de Maputo; identificar souvenirs com maior demanda por parte dos turistas; explicar as experiências dos turistas no consumo de souvenirs na cidade de Maputo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Entende-se por metodologia aos procedimentos que serão observados para o alcance dos resultados esperados, isto é, ao caminho que será percorrido ao longo do trabalho da pesquisa (LAVILLE; DIONE, 1999). Desta feita, para a concretização do presente trabalho privilegiou-se a combinação dos métodos de abordagem (qualitativa e quantitativa), com os métodos de procedimentos (monográfico e estatístico), e várias técnicas de pesquisas (revisão bibliográfica, pesquisa documental, observação directa e o questionário).

Como foi referido no parágrafo supra-citado, para a presente pesquisa recorreu-se a abordagem mista que compreende a abordagem qualitativa e a quantitativa. Bogdan e Biklen (1994) referem que a pesquisa qualitativa possui um ambiente natural como fonte directa de recolha de dados, e o pesquisador como seu principal instrumento através de um intensivo trabalho de campo.

Conforme Marques et al. (2006), a pesquisa quantitativa é aquela cujos dados colectados podem ter um tratamento estatístico, recorrendo a tabelas, gráficos, percentagens e estudos probabilísticos. Neste âmbito, uma vez que o tema é exploratório, a autora foi ao encontro da realidade na Cidade de Maputo, para se inteirar com a situação, no que diz respeito as experiências de consumo de lembranças turísticas. As actividades da pesquisadora focaram-se na avaliação do comportamento dos turistas em relação aos souvenirs neste caso específico a realização da pesquisa poderia ser condicionada a elementos como domínio linguístico da autora, fraco ou quase inexistente movimento turístico devido a pandemia, disponibilidade dos turistas em participar na pesquisa, isto é, através da observação e contacto com os Gestores, vendedores e turistas, para perceber até que ponto estes, estão satisfeitos com o consumo deste produtos.

Considerando a natureza do tema em estudo "compreender a experiência turística de consumo de souvenirs na Cidade de Maputo", os autores basearam-se nos seguintes métodos de procedimentos: a utilização do método estatístico foi extremamente importante, pois permitiu a interpretação dos dados qualitativos, através de cálculo de médias. Tais dados foram tabelados em gráfico de barras como forma de sintetizar os resultados de campo.

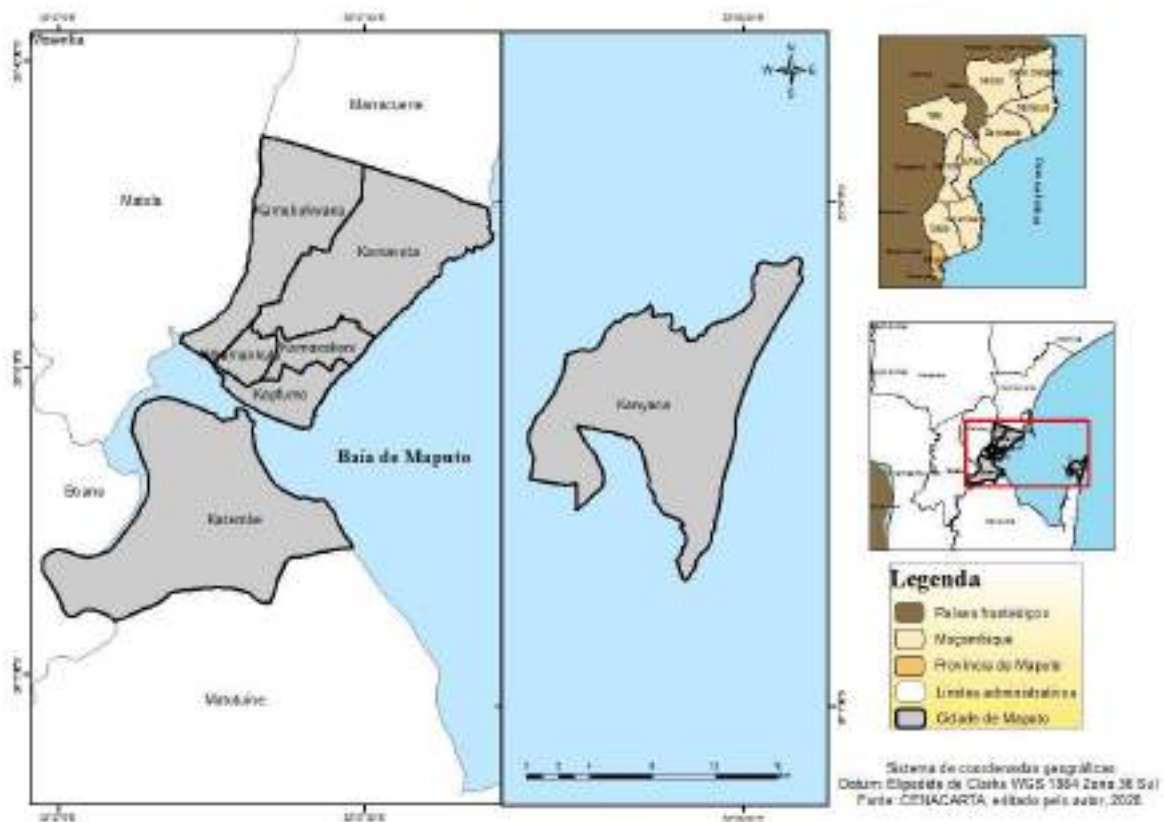
Este método é sem dúvida, indispensável para o estudo geográfico, dado que permite perceber a localização exacta de um determinado ponto da superfície terrestre. Este método permitiu fazer um enquadramento geográfico da cidade de Maputo e a construção do mapa dos locais da venda dos souvenirs. A pesquisa bibliográfica permitiu na recolha e posterior leitura e análise de determinados documentos oficiais como é o caso do Boletim da República (BR), o qual regula a actividade turística no País e na cidade de Maputo. Esta técnica permitiu, dentre vários aspectos, analisar o fluxo de turistas no local de estudo, compreender a comercialização dos souvenirs, bem como, o comportamento ou nível de satisfação destes, em relação aos serviços prestados, a partir do contacto directo com os mesmos. De referir que, esta actividade decorreu nos meses de Abril à Agosto de 2020. Assim, como se pode ver o presente instrumento é constituído por um conjunto de perguntas fechadas, abertas e diferenciadas, considerando que se destinou a vinte turistas e onze funcionários do estabelecimentos e vendedores informais do souvenirs incluindo gerentes, os quais responderam individualmente, permitindo assim a obtenção de informações qualitativas sobre as experiências de consumo de souvenir vivenciadas na Cidade

de Maputo, a respeito da qualidade dos serviços prestados na comercialização dos souvenirs e as experiências que os turistas tem no consumo turístico.

BREVE LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA CIDADE DE MAPUTO

Maputo é a capital da República de Moçambique. É a maior cidade e a mais importante do País. Localiza-se de acordo com Muchangos (1994, p. 7) na Costa Sudeste do País, no extremo Sul, entre os paralelos 25° 40' e 26° 30' e entre os meridianos de 32° 35' e 33° 10' Este. A norte é limitada pelo Distrito de Marracuene, a Sul pelo Distrito de Matutuine, a Oeste pela cidade da Matola e pelo Distrito de Boane, e a Este pelo Oceano Indico até a cadeia dos Libombos, conforme o exemplo o Mapa 1.

Mapa 1. Localização Geográfica da Cidade de Maputo



REFERENCIAL TEÓRICO

Assim eis as definições abaixo: Theobald (2001) *apud* Abranja (2005, p. 5) afirma que: A palavra *tour* deriva, etimologicamente, do latim *turnare* e do grego *torno*, que significam ‘uma volta em círculo’; ‘o movimento ao redor de um ponto central’. Actualmente, o inglês atribui o significado “movimento em círculo de alguém”.

O sufixo *ismo* é definido como “acção ou processo”, “comportamento ou qualidade típicos”, e o sufixo *ista* caracteriza-se como sendo “aquele que realiza determinada acção”. O entrosamento da palavra *tour* com os sufixos *ismo* e *ista* resulta na acção de um movimento em círculo de uma pessoa. Como é sabido, um círculo é uma linha que parte de um ponto fixo e retorna ao mesmo ponto, assim como turismo que implica a partir de um determinado lugar e regressar ao local de partida.

Segundo Walker (2002, p. 33), turismo pode ser definido como ciência, a arte e actividade comercial especializadas em atrair e transportar visitantes, acomodá-los, e atender, com cortesia as suas necessidades e desejos.

Para OTM, segundo Dias (2002, p. 15) o turismo é descrito como: "as actividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadia em lugares distintos do seu entorno habitual, por período de tempo consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, por negócios e outros motivos, não relacionados com exercícios de uma actividade remunerada no lugar visitado".

Analisando atentamente as definições acima descritas nota-se alguns aspectos em comum, nomeadamente: deslocamento e duração. No entanto, a definição apresentada por Dias (2002) é mais completa uma vez que para além dos elementos em comum, acrescenta outro aspecto importante o qual refere a motivação ou finalidade da deslocação que não está ligada a fins lucrativos.

Assim sendo, o turismo é uma actividade que consiste no deslocamento individual ou colectivo para fora do seu domicílio num período superior a um dia e inferior a um ano com finalidade de lazer, desporto, recreação, negócio entre outras, sem fins lucrativos.

O *souvenir* é um signo, mas não menos um símbolo. Nesse sentido, estamos diante de uma construção social arbitrária, cuja convenção social, operada também pela tradição, relaciona um significante a um significado, incluindo os atores que jogam o jogo dessa operação. Assim, “O

signo é uma coisa que está em lugar de outra, sob algum aspecto” (PEIRCE *apud* ARANHA, 1993, p. 35). E, geralmente, o souvenir é um signo do tipo ícone, já que, entre ele e o referente, estabelece-se uma relação de semelhança. É o caso dos cartões-postais, das miniaturas de monumentos, das réplicas, etc. Tal observação serve para introduzir o uso social primordial do souvenir: o de memorar, mediar ou religar.

Souvenirs são objectos comumente ofertados em espaços de circulação turística, e consumidos por grande parte dos visitantes de qualquer destinação do mundo.

Gordon (1986) observa que muitas pessoas, em algum momento de suas vidas, colecionam souvenirs, produtos estes, que ajudam a lembrar da viagem realizada.

Para Medeiros e Castro (2007, p. 35) “souvenirs são o que o viajante traz consigo – representam materialmente o vínculo entre o lugar visitado e o lar para o qual se retorna”.

Para Pine II e Gilmore (1999) as pessoas compram objectos em suas viagens como lembranças, recordações, e “funcionam como memória tangível das sensações que se deseja recordar” (PINE II; GILMORE, 1999, p. 68). Para os autores citados anteriormente, algumas lembranças consistem nos bens mais valiosos das pessoas, podendo ser, desde um canhoto de um ingresso, a um pedaço de papel, mas que guardam uma sensação vivida e possui um valor especial para o indivíduo.

Com base nestes autores é possível afirmar que consumir souvenirs é parte relevante das experiências turísticas (WICKS, 2004), pois, para Gordon (1986), a utilidade do souvenir perpassa a sua utilidade e/ou função, porque, na realidade, o souvenir é um elemento que possibilita tangibilizar aquilo que é intangível em uma viagem: a experiência turística. Nyffenegger e Steffen (2010) observam que a função utilitária do souvenir está sempre em segundo plano, pois, a sua função é o estímulo de memórias e a associação com o espaço visitado. Uma simples ‘lembrança de...’ pode gerar emoções que o objecto por si só, não geraria.

Sendo objectos que despertam o interesse de turistas no mundo inteiro (SCHLÜTER, 1993), cabe aos pesquisadores compreenderem que experiências estão envolvidas nestas motivações de consumo.

As actividades de consumo fazem parte do cotidiano dos turistas na maioria dos destinos turísticos do mundo (MACHADO; SIQUEIRA, 2008), mas são poucos os estudos que se dedicam a compreender o comportamento de consumo na actividade turística (YÜKSEL, 2007). Estudos

que relacionam o turismo e o consumo, em geral, buscam compreender as motivações para a escolha e a compra de uma viagem (SWARBROOKE; HORNER, 2002), mas, a compreensão das actividades de consumo dos turistas em um destino, como um objeto de estudo, configura-se, ainda, em um tema pouco explorado (HORODYSKI, 2014; YÜKSEL, 2007).

O consumo envolve diversos aspectos relacionados à vida social e económica, à condição geográfica e às atitudes do consumidor no local da compra. Por isso, a abordagem do consumo deve ser económica e cultural (CREWE, 2000), e, também, turística (MACHADO; SIQUEIRA, 2008; YÜKSEL, 2007). O consumo de souvenirs no turismo, objecto da presente discussão, configura-se como uma das actividades preferidas dos turistas em quaisquer destinos turísticos, sendo parte da sua diversão, e, por isso, necessita de maior compreensão por meio de estudos científicos (HORODYSKI, 2014; SWANSON; HORRIDGE, 2004).

Quando se trata do consumo de souvenirs essa discussão se torna pertinente considerando a importância da compreensão das experiências turísticas no espaço urbano na decisão de compra de um determinado produto pelo turista.

Assim, as experiências propostas correspondem com as diversas situações que os indivíduos vivenciam em uma viagem turística. Por isso, essa teoria vem sendo aplicada como uma estratégia para planejar destinos turísticos competitivos. Contudo, Tonini (2009) critica projectos voltados à experiência turística com uma visão meramente comercial, pois, para ela, trata-se de uma abordagem capitalista, em que a experiência é tratada apenas como um bem de consumo.

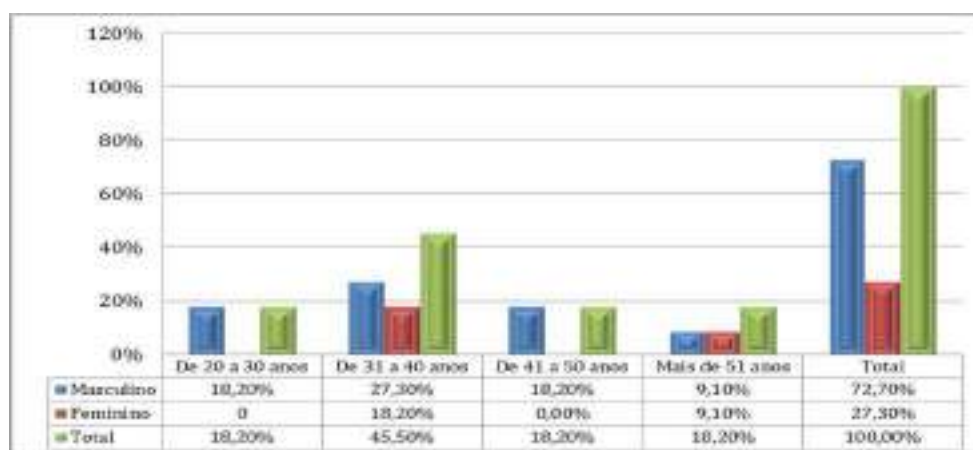
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já foi mencionado na introdução, o último capítulo deste estudo visa apresentar e discutir os resultados dos dados colectados sobre os souvenirs na Cidade de Maputo, concernente experiência do consumo dos souvenirs e da percepção dos vendedores ambulantes e dos funcionários vendedores das lojas dos souvenirs em relação a compra dos souvenirs, de modo a responder fielmente a pergunta levantada na problemática. Os dados foram recolhidos à partir da observação directa e questionário dirigido aos funcionários das lojas, vendedores ambulantes de souvenirs e turistas, realizada no período de cinco meses, sendo Abril e Agosto de 2020.

Análise de dados sobre os Vendedores de Souvenirs

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram entrevistados um universo de 11 vendedores de souvenirs, onde 8 eram do género masculino que correspondem a 72,7%, 3 eram do género feminino que totaliza 27,3%. Olhando o género e idade dos vendedores de souvenirs entrevistados na Cidade de Maputo no distrito municipal Ka Mpumfu, nota-se que na faixa etária de 31 a 40 anos a maior percentagem de 45,50% representa os dois géneros, sendo que para as restantes faixas etárias estão representadas com uma percentagem de 18,20%. (Gráfico 1)

Gráfico1. Faixa etária dos vendedores



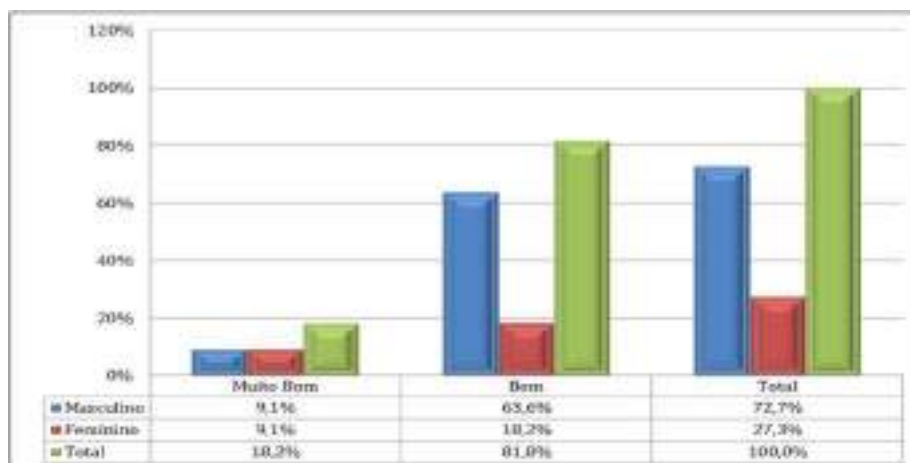
Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Como dito anteriormente o género masculino tem maior número de entrevistado isso é possível verificar nos dados a maior percentagem representada por esse género. Assim sendo no que tange as habilitações literárias dos entrevistados os dados mostram que o ensino secundário representa a maior percentagem com 63,60%, seguido pelo ensino básico e superior com menor percentagem de 18,20%. 72,70%.

Pese embora os entrevistados avaliam o comportamento dos seus clientes com base na primeira impressão ou contacto que ele tem, através da simplicidade, exclusividade, elogios e atenção que o cliente tem para com os seus serviços que são oferecidos numa determinada loja. Ainda no decorrer da conversa com alguns vendedores foi possível perceber que alguns dos seus clientes são pessoas com alto sentido crítico na selecção das lembranças que procuram, isso porque

buscam algum simples que seja autêntico, que possa cativar a quem ira recebe-lo, conforme o Gráfico 2.

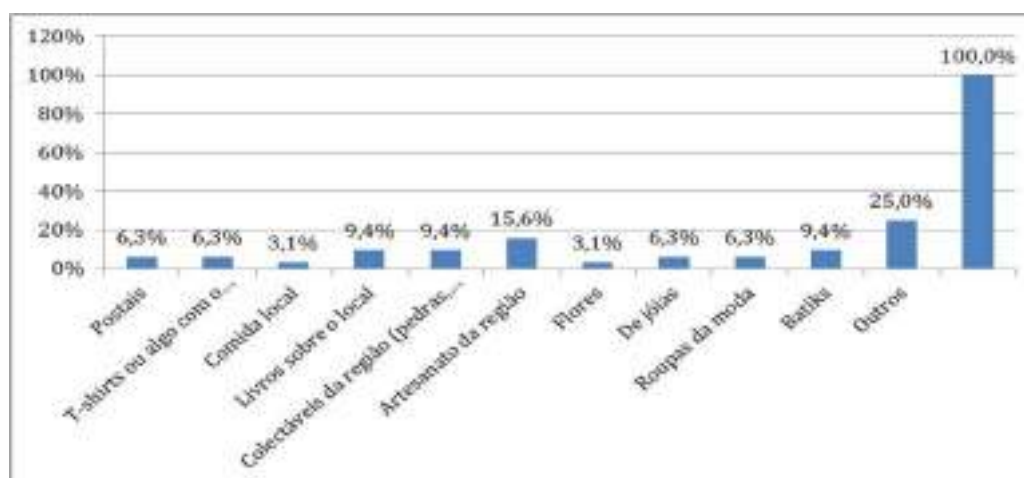
Gráfico 2. Comportamento dos clientes



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

No que concerne aos tipos de souvenirs que vende os dados mostram que a maior percentagem deste item está associada a outros com 25,0%, em seguida o artesanato da região com 15,6%, e a menor percentagem esta associada na comida local e flores com 3,1%. No geral todos os vendedores afirmam que os seus clientes procuram uma diversidade de souvenirs, isso porque eles não aparecem com uma ideia do que estão querem comprar para ofertar alguém. (Gráfico 3).

Gráfico 3. Tipos de souvenirs que vendes



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A Imagem 1 ilustra uma visão dos tipos de souvenirs que os vendem: veja que das respostas dadas pelos entrevistados encontramos o artesanato da região; veja a timbila, cestos feitos de palha, potes ou vasos de barro, entre outros.

Imagem 1. Tipos de souvenirs mais vendidos



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

“Quais são os souvenirs que os turistas mais procuram?”

De acordo com Gordon (1986) há vários tipos de elementos que podem ser considerados souvenirs, dentre eles destacam-se: produtos da comunidade local (por exemplo, artesanato e alimentos); artigos que representam o destino turístico através das imagens (por exemplo, cartões postais); objectos em seu estado natural (por exemplo, conchas); elementos que indiquem a marca do local (por exemplo, imãs); produtos que traduzam os elementos principais do destino turístico. (Figura 1)

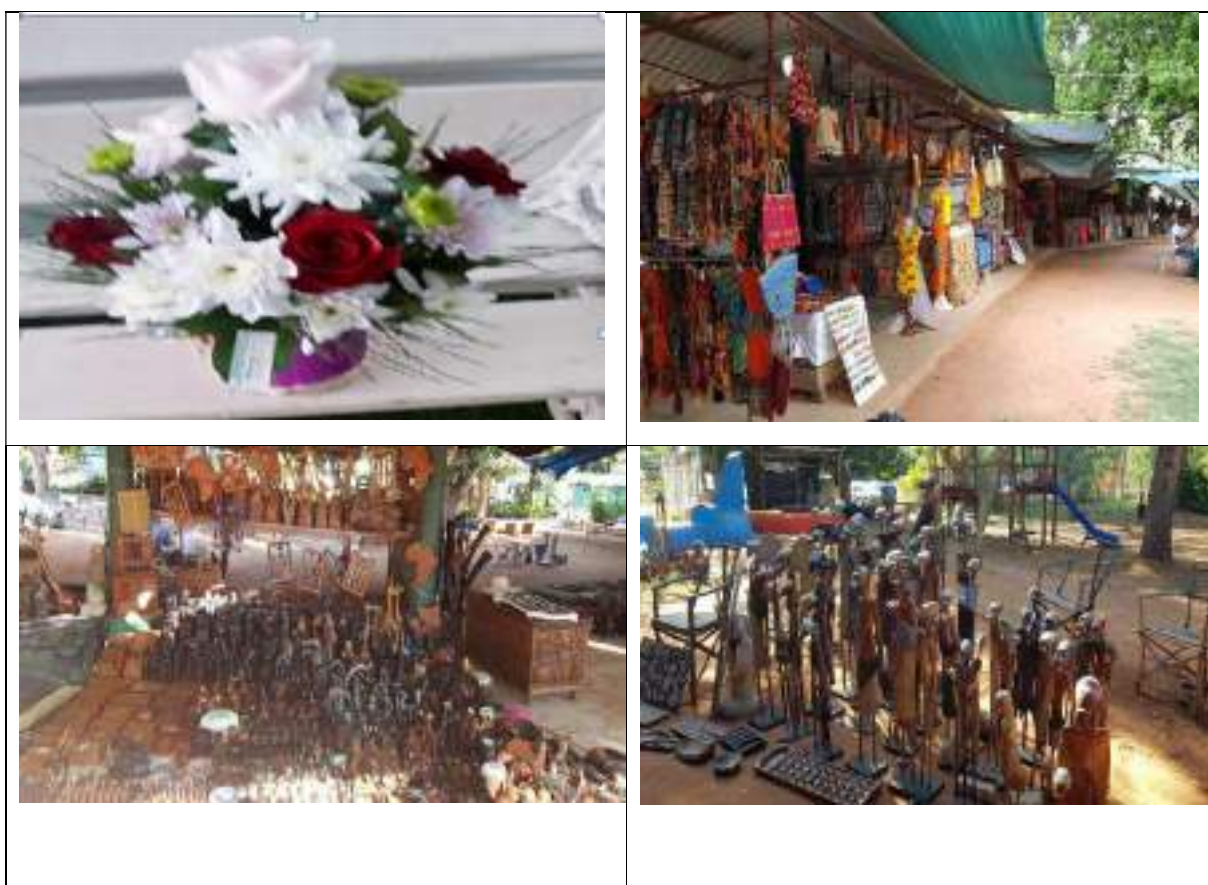
Figura 1. Os souvenirs que os turistas mais procuram



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Observando a Figura 1 e a Imagem 1 é possível perceber que o turista tem uma preferência no que tange aos souvenirs que mais procuram. As palavras mais usadas são telas, capulanas, túnicas, porta-joias, esculturas. Os vendedores afirmam que os seus clientes quando forem escolher as capulanas e túnicas preferem as mais coloridas. E nas telas e esculturas as que retracta a beleza africana. Por fim quando querem porta-joias não tem preferência se não a que mais lhe chama atenção no momento da compra.

Imagem 2. Souvenirs mais procurados



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

“O que cativa mais os turistas a comprar os Souvenirs?”

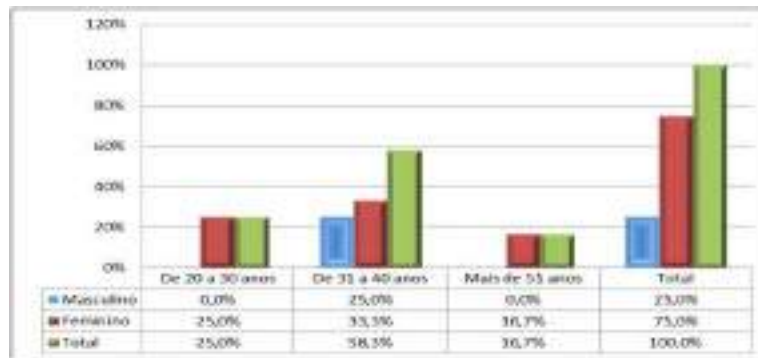
Entende-se como atracção para a compra de souvenirs, a exclusividade, a autenticidade, a diferenciação e a originalidade, considerando que ela demonstra, durante o passeio, interesse pelos

aspectos da cultura local (PEACH, 2007; HORODYSKI, 2006) do destino turístico visitado, por isso se destaca pelas experiências de aprendizagem (PINE II e GILMORE, 1999).

Análise de dados dos Turistas

Para a construção da pesquisa foram inqueridos 12 turistas do género masculino e feminino com idades compreendidas entre 20 a mais de 51 anos. A faixa etária que se destacou foi dos 31 a 40 anos com maior percentagem de 58,8%, e com menor percentagem de 16,7% foram turistas com mais de 51 anos do género feminino. (Vide o gráfico abaixo).

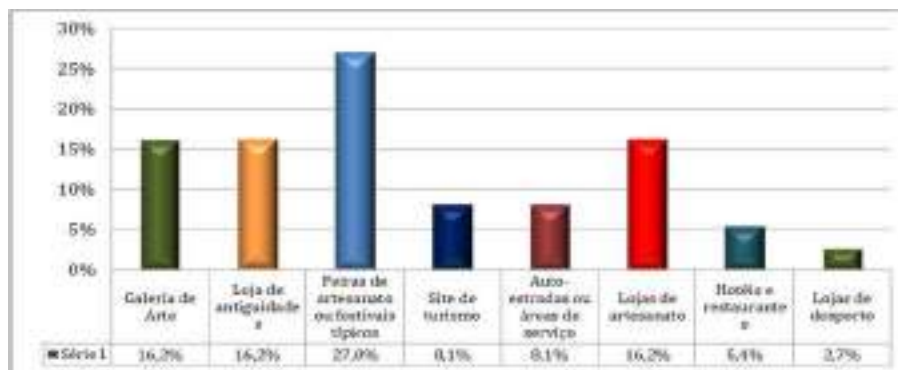
Gráfico 4. Faixa etária dos turistas



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Após a compra, o turista considerou que este souvenir vai fazê-lo lembrar dos momentos vividos na viagem; segundo as teorias apresentadas, esta característica é inerente ao souvenir (Gráfico 5).

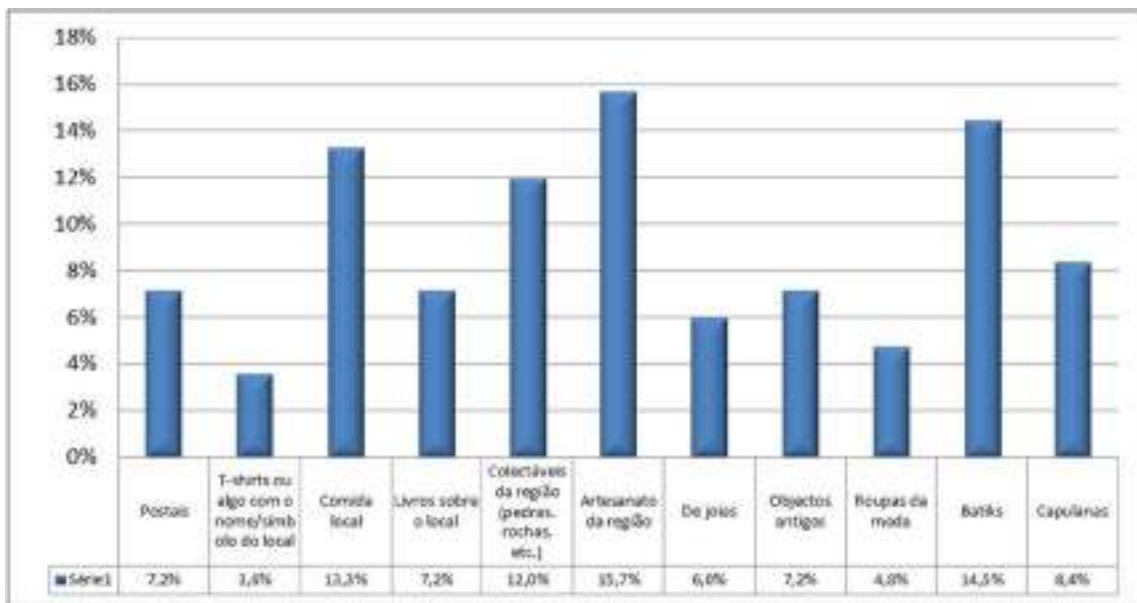
Gráfico 5. Onde comprou os souvenirs



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A pesquisa mostra que a maior parte dos turistas, quando questionados sobre o tipo de souvenirs comprados, 15,7% responderam que compraram artesanato da região, seguido de batiks com 14,5% e por fim a menor percentagem indica para T-shirts ou algo com o nome/símbolo do local. (Gráfico 6).

Gráfico 6. Tipo de souvenir



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Observa-se que na Imagem 3 estão expostos alguns tipos de souvenirs que os turistas compraram nas lojas da cidade de Maputo. Desde a comida local, artesanato, baticues e capulanas.

Imagem 3. Souvenirs mais destacados nos tipos





Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A Imagem 4 abaixo traz os locais que os turistas entrevistados mais visitaram durante a sua estadia na cidade de Maputo mesmo com as limitações do estado de emergência decretados por causa da pandemia mundial Covid 19.

Imagem 4. Locais mais visitados



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Locais da venda dos souvenirs

Verificou-se que a análise da distribuição de souvenirs em um determinado destino turístico deve partir da perspectiva da demanda (COUGHLAN et al., 2001), que determina a localização espacial destes estabelecimentos comerciais próximos aos atractivos turísticos mais visitados. Isto porque o consumo de souvenirs ocorre da conveniência espacial, isto é, o turista dificilmente se deslocará em direcção a um centro de vendas de souvenirs, mas sim, consumirá aquelas lembranças estrategicamente localizadas próximas aos espaços de visitaçao, se pode verificar no destino da Cidade de Maputo conforme o Mapa 2.

Mapa 2. Distribuição Espacial do Comercio de Souvenirs na Cidade de Maputo



No caso dos souvenirs, acredita-se que é a actividade turística que determina os pontos de venda mais favoráveis, ou seja, próximos aos atractivos turísticos de maior circulação de visitantes. Em suma, o comércio de souvenirs deve se instalar onde há demanda, conforme determina Coughlan et al (2001).

De acordo com de Paula e Vianna (2016), a presença de uma loja de souvenir é benéfica no sentido de que, além de proporcionar renda directa ou indirecta para a instituição, pode ser um factor de relevância para a experiência do visitante e para a divulgação do museu. Além disso, as representações dos objectos ofertados podem auxiliar na construção de uma experiência positiva e memorável para quem os consome.

No entanto, cabe ressaltar que seria importante que as mesmas realizassem uma pesquisa para diagnosticar o tipo de clientes que mais frequentam o estabelecimento, com a finalidade de estarem aptas a atender melhor os seus anseios. Esse tipo de estratégia é definido no marketing como orientação voltada para o cliente, na qual é valorizado o conhecimento sobre o seu consumidor (KOTLER; ARMSTRONG, 2007).

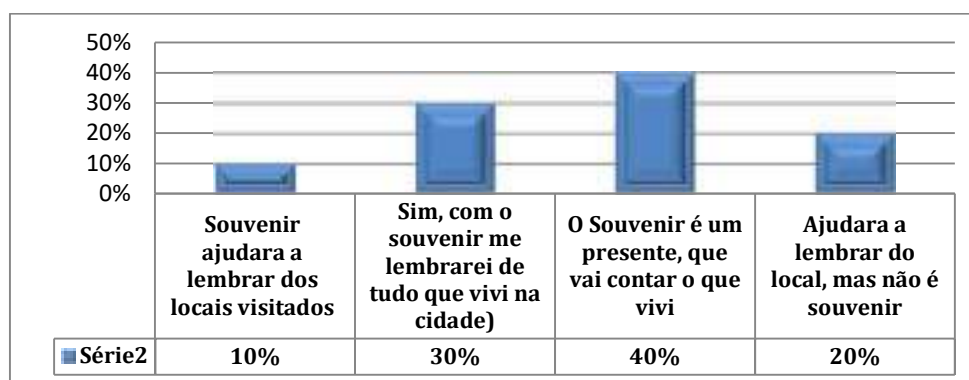
Mapa 3. Estabelecimentos Comerciais de Souvenirs da Cidade de Maputo



A experiência turística e o consumo de souvenirs

A última questão refere-se às relações entre a experiência turística e o consumo de souvenirs e os dados colectados demonstram que estes objectos afectam a experiência de consumo dos visitantes, principalmente para aqueles que entendem que o souvenir permite recordar-se da viagem e do ambiente onde o mesmo foi adquirido (SWANSON, 2004).

Gráfico 7. Relação do consumo de souvenirs e experiência turística



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Como mostra o Gráfico 7, 40% dos turistas quando questionados da relação do consumo de souvenirs e a experiência turística afirmam que o souvenir é um presente que vai contar o que viveu, entretanto 10% disseram que o souvenir ajudara a lembrar dos locais visitados. Cabe salientar que parte dos turistas entende que o souvenir é um presente que vai contar o que viveu no destino turístico, proporciona emoções a quem ganha este objecto, principalmente quando quem oferece a presente conta um pouco da sua viagem e os motivos pelos quais aquele souvenir foi escolhido. Esse aspecto é de relevante importância quando se trata da divulgação do destino turístico por meio dos souvenirs (SHLÜTER, 1998), que, quando dados de presente, podem gerar o desejo da visita a quem ganha este objecto. Dos que responderam não ver relação entre a experiência turística e o consumo de souvenirs entendeu-se que existem turistas que consomem lembranças apenas para satisfazer exigências sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, do estudo concluímos que os souvenirs são objectos constantemente presentes nos destinos turísticos à disposição dos turistas e/ou visitantes para o consumo deste produto. Entretanto depois da pesquisa bibliográfica, realizou-se a pesquisa de campo em duas vertentes, aos vendedores de souvenirs e aos turistas, onde verificou-se os souvenirs comercializados na Cidade de Maputo com destaque para os objectos que são: telas, capulanas, túnicas, porta-joias, escultura. Assim, ficou comprovado que os souvenirs vendidos em Maputo são uma atracção para o consumo de souvenirs na experiência turística. A sua exclusividade, a autenticidade, a diferenciação e a originalidade destes muitos atractivos, contribuem assim para atracção dos Turistas. Sendo assim, concluímos que, a realização deste estudo possibilitou a compreensão de que a experiência de consumo de souvenirs no destino turístico na Cidade de Maputo está relacionada com as experiências turísticas visto que estes consideram os souvenirs vendidos neste destino turísticos como sendo muito atractivos. Daí que o destino turístico na Cidade de Maputo deslumbra-se como um local turístico com muitos atractivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANJA, N. **A situação dos intermediários turísticos face à ameaça dos canais de reserva directos**. Dissertação (Mestrado), Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2005.

BOGDAN, R.; BIKLEN, R. B. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

CREWE, L. Geographies of Retailing and Consumption. **Progress in Human Geography**, v. 24, n. 2, p. 275-290, jun. 2000.

DIAS, Célia Maria de Morais. **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

GORDON, B. The Souvenir: messenger of The Extraordinary. **Journal of Popular Culture**, v. 20, n. 3, 1986

HORODYSKI, G.S. **Artesanato dos Campos Gerais do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2006.

HORODYSKI, G.S. **O Consumo na Experiência Turística: o caso dos souvenirs no destino Curitiba-PR**. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

KOTLER, P. **Marketing para o século XXI: como criar, conquistar e dominar mercados**. São Paulo: Futura, 1999.

KOTLER, P; ARMSTRONG, G. **Princípios de marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

LAVILLE, C.; DIONE, J. **A construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artes Medicas/UFMG,1999

MACHADO, P.S. e SIQUEIRA, E.D. Turismo, Consumo e Cultura: significados e usos sociais do souvenir em Petrópolis-RJ. **Revista Contemporânea**, v. 6, n.1. jan./jun.2008

MARQUES, J; SANTOS, N. Espaços turísticos e novas formas de alojamento. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 1, p. 103-126, jun. 2012.

MEDEIROS, F. B.; CASTRO, C. A Cidade e seus Souvenires: O Rio de Janeiro para o turista ter. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 1, n. 1, p. 34-53, set. 2007.

MUCHANGOS, Aniceto dos. **Moçambique, Paisagens e Regiões Naturais**. Maputo, Edição do Autor, 1994.

NYFFENEGGER, F.K.; STEFFEN, D. Souvenirs – local messages. An exploration from the design Perspective. In: CHEN, L.; DJAJADININGRAT, T.; FEIJS, L.; KYFFIN, S. DESFORM. **Design and Semantics of Form and Movement**. Lucerne, Suíça, 2010.

PAULA, T.; VIANNA, S.L. A percepção dos gestores de lojas de souvenirs da atracção turística Maria Fumaça- Região da Uva e do Vinho, RS. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 4, n. 2, p. 223-241, jul./dez. 2016.

PEACH, A. Craft, Souvenirs and the Commodification of National Identity in 1970s' Scotland. **Journal of Design History**, v. 20, n. 3, p. 243-257, 2007.

PINE II, B.J.; GILMORE, J.H. **The Experience Economy – work is theatre & every business a stage**. Massachusetts: Ed. Harvard Business School Press, 1999.

SWANSON, E. B. Information System Innovation among organizations. **Management Science Review**, v. 40, n. 9, 1994.

SWANSON, K. Tourist's and Retailer's Perceptions of Souvenirs. **Journal of Vacation Marketing**, v. 10, n. 4, p. 363-377, out. 2004.

SWANSON, K.K; HORRIDGE, P.E. A Structural Model for Souvenir Consumption, Travel Activities, and Tourist Demographics. **Journal of Travel Research**, v.42, n. 4, p. 372-380, mai. 2004.

SWARBROOKE, J.; HORNER, S. **O Comportamento do Consumidor no Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

TONINI, H. Economia da Experiência: o consumo de emoções na Região Uva e Vinho. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v. 3, n. 1, p. 90-107, abr. 2009.

WALKER, J. R. **Introdução à hospitalidade**. Barueri: Manole, 2002.

WICKS, B. et al. **Direct Marketing of Crafts and Souvenirs to Vladmir Visitors. Vladimir Tourism Development Project**. University of Illinois at Urbana-Champaign College of Applied Life Studies, Department of Recreation, Sport and Tourism, 2004.

YÜKSEL, A. Tourist Shopping Habitat: effects on emotions, shopping value and behaviors. **Tourism Management**, v. 28, n. 1, p. 58-69, fev. 2007.



DOSSIÊ TEMÁTICO:

O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Artigo



**COMÉRCIO INTERNACIONAL E O AGRAVAMENTO DA CRISE DOS
AEROPORTOS E DO SETOR DE TURISMO NA ÁFRICA -
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE CABO VERDE E MOÇAMBIQUE**

**INTERNATIONAL TRADE AND THE WORSENING CRISIS IN AIRPORTS AND
TOURISM SECTOR IN AFRICA –
A COMPARATIVE STUDY BETWEEN CAPE VERDE AND MOZAMBIQUE**

**COMERCIO INTERNACIONAL Y EL ENDURECIMIENTO DE LA CRISIS DEL
SECTOR AEROPORTUÁRIO Y TURÍSTICO EN ÁFRICA –
ESTUDIO COMPARATIVO ENTRE CABO VERDE Y MOZAMBIQUE**

Por Celso Branquinho Mário Dodo e Luís Miguel Dias Caetano

Celso Branquinho Mário Dodo
Graduando pela UNILAB (Redenção/CE)
celsobramdodo@gmail.com

Luís Miguel Dias Caetano
Docente na UNILAB (Redenção/CE)
migueldias@unilab.edu.br

Como citar

DODO, C. B. M.; CAETANO, L. M. D. Comércio internacional e o agravamento da crise dos aeroportos e do setor de turismo na África – estudo comparativo entre Cabo Verde e Moçambique. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 3, p. 59-79, jul.- set. 2022

Submetido: 11/08/2022

Aceito: 23/08/2022

RESUMO

O turismo internacional tem adquirido uma importância crescente, sendo definido como potencial dinamizador da economia, facilitador da modernização das infraestruturas, promotor da requalificação da mão-de-obra e veículo de criação de novos postos de trabalho. Considera-se que o sector do turismo e das viagens é estratégico para o desenvolvimento, sobretudo das regiões mais vulneráveis, porque contribui para uma revalorização múltipla: socioeconómica; cultural e ambiental, permitindo abrir novas possibilidades para estimular uma melhoria nas condições de vida das populações locais. O progresso de desenvolvimento humano, no setor de turismo tem feito com que alguns países africanos nos anos 2020 e 2021 sejam completamente revertidos pelo novo Coronavírus – Covid 19. Além disso, os países dessa Região, como é o caso de Cabo Verde e Moçambique, continuam com sérios problemas produzidos pelo homem, os mesmos têm se feito sentir através da falta de migração em grande escala, o decréscimo do PIB e o declínio económico neste setor. As análises têm resultado na construção de modelos teóricos tendencialmente interdisciplinares e transversais em resultado da evolução dos segmentos e das motivações dos seus praticantes. É a partir desta situação, e no contexto da temática, que se desenvolve esta pesquisa bibliográfica e documental, com o objetivo de analisar os efeitos do agravamento da crise das empresas gestoras dos aeroportos, com base no estudo comparativo a ser feito entre Cabo Verde e Moçambique. Desde 2019, até aos dias atuais, percebe-se que o governo de Cabo Verde e Moçambique enfrentaram muitas dificuldades para suprir as necessidades básicas dos seus povos. Como resultado dessa situação, ambos os governos tiveram que buscar e implementar novos mecanismos de políticas públicas local e regional, em contrapartida a obtenção de novas dívidas públicas.

Palavras-chave: Comércio Internacional; Turismo; África; Aeroportos.

ABSTRACT

International tourism has acquired a growing importance, due to its potential of stimulating of the economy, facilitating the modernization of infrastructure, promoting the requalification of the workforce and a vehicle for creating new jobs. The tourism and travel sector is considered to be strategic for development, especially in the most vulnerable regions, because it contributes to a multiple revaluation: socio-economic; cultural and environmental, opening up new possibilities to stimulate an improvement in the living conditions of local populations. The progress of human development in the tourism sector has caused some African countries in the years 2020 and 2021 to be completely reversed by the new Coronavirus – Covid 19. In addition, countries in this Region, such as Cape Verde and Mozambique, continue to have serious man-made problems, which were felt through the lack of large-scale migration, the decrease in GDP and the economic decline in this sector. The analyzes have resulted in the construction of theoretical models that tend to be interdisciplinary and transversal as a result of the evolution of the segments and the motivations of their practitioners. It is from this situation, and in the context of the theme, that this bibliographic and documentary research is developed, with the objective of analyzing the effects of the worsening of the crisis of the airport management companies, based on the comparative study to be carried out between Cape Verde and Mozambique. From 2019 to the present day, it is clear that the government of Cape Verde and Mozambique faced many difficulties in meeting the basic needs of their people. As a result of this situation, both governments had to seek and implement new mechanisms of local and regional public policies, for which they obtained new public debts.

Keywords: International trade; Tourism; Africa; Airports.

RESUMEN

El turismo internacional ha adquirido una importancia creciente, definiéndose como un potencial dinamizador de la economía, facilitador de la modernización de las infraestructuras, promotor de la recualificación de la mano de obra y vehículo de creación de nuevos puestos de trabajo. El sector del turismo y los viajes se considera estratégico para el desarrollo, especialmente en las regiones más vulnerables, porque contribuye a una revalorización múltiple: socioeconómica; culturales y ambientales, abriendo nuevas posibilidades para estimular una mejora en las condiciones de vida de las poblaciones locales. El avance del desarrollo humano en el sector turístico ha provocado que algunos países africanos en los años 2020 y 2021 se vean completamente revertidos por el nuevo Coronavirus – Covid 19. Además, países de esta Región, como Cabo Verde y Mozambique, siguen teniendo serios problemas causados por el hombre, que se han sentido a través de la falta de migración a gran escala, la disminución del PIB y el declive económico en este sector. Los análisis han resultado en la construcción de modelos teóricos que tienden a ser interdisciplinarios y transversales como resultado de la evolución de los segmentos y las motivaciones de sus practicantes. Es a partir de esta situación, y en el contexto del tema, que se desarrolla esta investigación bibliográfica y documental, con el objetivo de analizar los efectos del recrudecimiento de la crisis de las empresas gestoras aeroportuarias, a partir del estudio comparativo que se realizará entre Cabo Verde y Mozambique. Desde 2019 hasta el día de hoy, está claro que los gobiernos de Cabo Verde y Mozambique han enfrentado muchas dificultades para satisfacer las necesidades básicas de su gente. Como resultado de esta situación, ambos gobiernos buscaron implementar nuevos mecanismos de políticas públicas locales y regionales, a cambio de obtener nuevas deudas públicas.

Palabras-clave: Comercio internacional; Turismo; África; Aeropuertos.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco central o *Comércio Internacional: o agravamento da crise dos aeroportos e do setor de turismo na África - estudo comparativo entre Cabo Verde e Moçambique*. Conforme Guambe (2020), o ano 2020 iniciou com uma enorme preocupação global, pois era o começo da circulação de informações sobre a ocorrência, em Wuhan, de um novo vírus da família coronavírus, designado Sars-CoV-2 ou novo Coronavírus, responsável pela doença infecciosa respiratória denominada Covid-19. A preocupação global intensificou-se, por vários motivos, dentre os quais, o modo de transmissão e disseminação do vírus, a fácil infecção com manifestação ou não de sintomas, a infraestrutura sanitária incapaz de atender ao rápido avanço quantitativo e espacial da doença, a ausência de cura e de vacina para a sua prevenção, tendo sido tomadas, por isso, como principal alternativa para frear o rápido avanço da pandemia, medidas de confinamento interno e externo, com diversos efeitos sociais, econômicos, políticos; em escalas local, regional e global.

Nos últimos tempos, as atividades turísticas têm sido objeto de estudos aprofundados, de âmbito temático, abrangentes e generalistas, ou ainda metodológicos e estratégicos, focando as principais tendências e variações; motivações que levam o Homem a deslocar-se para ambientes diferentes do de residência habitual para estadias de duração limitada no tempo. No entanto, percebe-se que, a deslocação turística, o gosto pelas viagens e pela descoberta de povos, de culturas e de paisagens diferentes sempre existiram, tendo historicamente evoluído a partir de uma concepção elitista, fundamentada na curiosidade e no prazer de descobrir outras pessoas e outros lugares, apenas acessível a uma faixa minoritária da população, para uma acessibilidade generalizada e aberta à maioria. Esta perspectiva evolutiva acompanhou também o ritmo da valorização do lazer e da ocupação de tempos livres (BRITO, 2010, p.12).

Considerando a importância e o estado do Comércio Internacional e do Turismo Africano, até que ponto as empresas aéreas de Cabo Verde e Moçambique sobreviveram em prol da pandemia (Covid-19), e quais os mecanismos foram criados para que as mesmas empresas saíssem do estado de crise e voltassem a se reerguer?

A relevância deste trabalho justifica-se pela sua crescente importância, permeando que o comércio internacional é extremamente importante para um país, em geral, porque exportamos o

que produzimos com maior eficiência e importamos o que os outros países conseguem fazer da mesma forma com os seus produtos, e, no que tange ao turismo internacional em África, definido como potencial dinamizador da economia, facilitador da modernização das infraestruturas, promotor da requalificação da mão-de-obra e veículo de criação de novos postos de trabalho, é comumente considerado como um pólo de atração do desenvolvimento socioeconômico, por um lado, porque permite gerar receitas, idealmente retidas nos países receptores; por outro lado, porque contribui para estimular o desenvolvimento de outros setores de atividade económica, através do efeito de difusão, tais como o agropecuário, as pescas, a indústria, o comércio e os serviços, o artesanato e a animação sociocultural.

Como objetivo geral, esta pesquisa visa analisar os efeitos do agravamento da crise das empresas gestoras dos aeroportos, com base no estudo comparativo entre Cabo Verde e Moçambique, em prol da prática socioeconômica. Além disso, apresentam-se como objetivos específicos: (a) abordar sobre o conceito e importância do comércio internacional; (b) apresentar alguns contextos e desafios do turismo em Cabo Verde e Moçambique; (c) compreender o papel do comércio internacional no desenvolvimento dos países africanos de língua oficial portuguesa (os PALOP) apresentar alguns contextos e desafios do turismo em Cabo Verde e Moçambique; (d) descrever a situação do setor dos transportes no apoio ao turismo de Cabo Verde e Moçambique.

A criação da Organização Mundial do Comércio, órgão que supervisiona as negociações e operações na área de comércio externo dos países aderentes, para além de ter ajudado a reforçar a liberalização do comércio internacional, também contribuiu para a eliminação de algumas das barreiras fronteiriças e para a sistematização de conceitos de comércio internacional (COELHO et al., 2017, p. 2). Desta feita, propõem-se que a importância do comércio internacional para a economia de um país se deve a diversos fatores, dentre eles está a garantia da venda do excedente de produção desse país, ao mesmo tempo em que permite que seu mercado consumidor tenha acesso a mercadorias não disponíveis localmente. Além disso, o comércio internacional dilui os riscos das atividades, uma vez que, com a diversificação de mercados, as empresas podem continuar a comercializar seus produtos mesmo se houver uma crise econômica interna no país em que estão baseadas.

Atendendo e considerando o atual estado pandêmico nos PALOP, nomeadamente Cabo Verde e Moçambique, o que motivou o presente estudo foi a análise da importância do turismo

internacional bem como as consequências do quadro pandêmico para estes países. No que concerne ao apoio e vantagem que o turismo tem trazido a estes países no seu PIB, com base nos acordos do comércio internacional, pensou-se em criar mecanismos como viés de alternativas sucessivas para resgatar o turismo internacional nos patamares anteriores ao advento da pandemia.

Metodologicamente, o presente artigo quanto a abordagem do problema classifica-se como qualitativo – descritivo, operacionalizado por meio de um estudo bibliográfico e documental. De acordo com Richardson (1999), a pesquisa qualitativa pode descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais. [...] em maior nível de profundidade, possibilita o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

De acordo com Oliveira, Ponte e Barbosa (2006), esta mesma abordagem:

[...] vem assumindo certo grau de importância no campo das ciências sociais. Esse tipo de pesquisa adota como base científica a fenomenologia para moldar a compreensão da pesquisa, respondendo a questões dos tipos “o quê?”, “por quê?” e “como?”. Em geral, a pesquisa qualitativa analisa pequenas amostras não necessariamente representativas da população, procurando entender as coisas, em vez de mensurá-las.

Partindo dessa perspectiva, Bryman (1992) *apud* Jacobsen (2017, p.5), defende a ideia de que uma estratégia de pesquisa qualitativa é mais indicada para a análise de fenômenos sociais, e, portanto, mais alinhada às Ciências Sociais, já que seus praticantes poderão estar mais próximos às pessoas que estão investigando e ficarão menos propensos a lhes impor estruturas conceituais impróprias.

No que se refere aos objetivos da pesquisa, a presente pesquisa classifica-se como descritiva. Para Gil (1999), esta pesquisa tem como principal foco descrever características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis. Uma das suas características mais visíveis está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

No que tange à coleta dos dados, quanto ao método ou procedimento técnico, a pesquisa em curso classifica-se como estudo bibliográfico. A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com

uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já estudou sobre o assunto (FANTINATO, 2015, p.20).

Este artigo encontra-se estruturado em seis (6) partes ou secções, as quais são: Introdução — que contempla a contextualização do surgimento do comércio e turismo internacional —; Revisão da Literatura — onde constam as seguintes subsecções: Comércio Internacional no Contexto Africano, Turismo em Cabo Verde e Moçambique: contexto e desafios, Setor dos Transportes no apoio ao Turismo —; Considerações finais e Referências bibliográficas.

REVISÃO DA LITERATURA

Comércio Internacional

O Comércio Internacional refere-se ao intercâmbio de bens e serviços entre diferentes países. Em geral, tem como objetivo a maximização da riqueza, tanto do comerciante quanto do país, e/ou o aumento do bem-estar da população. O conceito envolve tudo que está relacionado com a operação comercial, inclusive o transporte, seguro e financiamento, caso existente (MINEIRO, 2014, p. 9).

Em outras vertentes define-se comércio internacional como conjunto de operações realizadas entre países onde há intercâmbio de bens e serviços ou movimento de capitais. Este comércio é regido por regras e normas, resultantes de acordos negociados, em órgãos internacionais, a exemplo da Organização Mundial do Comércio (OMC), da Organização Mundial das Alfândegas (OMA) e da Câmara de Comércio Internacional (CCI), e que são adotadas pelos governos dos países signatários (COELHO et al. 2017, p. 3).

O Comércio Internacional é de suma importância para os países a fim de vender seu excedente de produção e poder disponibilizar ao seu mercado consumidor mercadorias e serviços que o mesmo não produz. Esta relação também é composta de interesses e acordos políticos e econômicos, o que torna esta interação entre países ainda mais complexa. Outro fator importante é a diluição dos riscos por meio da diversificação de mercados, em caso de crise interna, os países podem continuar a comercializar seus produtos com parceiros comerciais e manter certo equilíbrio econômico (CALÇADA, 2013).

O papel do comércio internacional no desenvolvimento dos países africanos (os PALOP)

Projetos para desenvolver infraestruturas, acordos globais de comércio e diminuição de barreiras no setor do turismo podem melhorar o comércio em África, nomeadamente nos PALOP. Não só na África lusófona, mas em grande parte do continente africano, uma das maiores barreiras comerciais são os altos custos de comércio decorrentes de infraestruturas inadequadas, afirmou à agência de notícias Lusa Roberto Azevêdo, diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC) numa entrevista por e-mail (PROJETOS..., 2016).

Nessa mesma perspectiva frisa-se que, a iniciativa da OMC "Ajuda ao Comércio -- Aid for Trade" contribuiu bastante para ajudar esses países a desenvolver a infraestrutura para o comércio, encorajando os governos dos países em desenvolvimento e os doadores a reconhecerem o papel que o comércio pode desempenhar no desenvolvimento dos mesmos. Em particular, esta iniciativa procurou mobilizar recursos para enfrentar os constrangimentos relacionados com o comércio identificados nos países em desenvolvimento (PROJETOS..., 2016).

Turismo em Cabo Verde e Moçambique: contexto e desafios

A definição do que é turismo, continua ainda um daqueles debates acadêmicos sem consenso, no entanto, entendê-lo como uma modalidade de deslocamento espacial, que envolve a utilização de algum meio de transporte e ao menos um pernoite no destino. Esse deslocamento pode ser motivado pelas mais diversas razões, como lazer, negócios, congressos, saúde e outros motivos, desde que não correspondam a formas de remuneração direta (GUAMBE, 2020, p.7-8).

Entretanto, o debate desse conceito, a prática socioeconômica do turismo tem-se observado, desde o início da segunda metade do século XX, um acentuado e progressivo crescimento a nível mundial e na África Subsaariana, em particular, apesar das crises de diversas naturezas que se abateram sobre a economia do planeta, sobretudo relacionadas com conflitos motivados por fatores políticos e econômicos.

Segundo Guambe (2020, p. 8-9), a distribuição regional do turismo a nível mundial é dominada pelas designadas economias avançadas, localizadas na Europa, Ásia e Pacífico e América, onde se destacam a França, os Estados Unidos da América, a Espanha e a China. Do

ponto de vista de fluxos de turistas, frisa-se que as economias avançadas dominam uma quota de 55% de chegadas internacionais e 61,5% das receitas do mercado turístico mundial, enquanto as economias emergentes partilham 45% e 38,5% de chegadas e receitas, respectivamente. Esta situação deve-se, provavelmente, aos níveis de renda e de vida da grande parte da população dos países das economias avançadas, que já supriram as suas necessidades básicas e por conseguinte, fazem poupança de parte da sua renda e se dispõem de tempo para o lazer e o turismo, diferentemente da maioria da população dos países das chamadas economias emergentes que ainda se debatem com as necessidades básicas para a sua sobrevivência, não dispondo por isso, nem de tempo e muito menos de renda para o efeito.

No caso do continente africano, de acordo com UNWTO citado por Guambe (2020, p.9), apresenta-se uma participação muito baixa no mercado do turismo mundial, tendo sido registado em 2018 apenas 4.8% de chegadas internacionais e 2.6% do total das receitas mundiais geradas neste setor, embora, ao longo dos últimos vinte anos, tal como o turismo mundial tenha demonstrado um grande e progressivo crescimento de chegadas internacionais.

Turismo em Cabo Verde

Situado a 450 km da Costa Ocidental Africana, a Sul das Ilhas Canárias, no meio do Oceano Atlântico, Cabo Verde é um arquipélago composto por dez ilhas, sendo nove habitadas, perfazendo uma área de 4.033 km² e uma população de 550 mil habitantes, em que 40% têm menos 25 anos. Beneficia de uma localização geográfica estratégica, entre os Continentes Africano, Europeu e Americano, entre os paralelos 14° 15' e 17° 18' de Latitude Norte e por essa razão tem um clima tropical seco, com 360 dias de sol, belíssimas praias, mar de águas calmas, permitindo que o país esteja a despontar como um destino turístico de Sol e Mar de excelência (MTT-CV, 2020).

O setor do Turismo começou a ganhar expressão nos anos 90 e o crescimento da demanda turística do destino Cabo Verde tem sido uma constante, tendo registado uma taxa média de crescimento de cerca de 10% na última década. Fruto dessa demanda cada vez mais expressiva, o investimento em novas unidades tem crescido de forma sustentada, atingindo em 2019 uma capacidade instalada de 21 mil camas. Marcas como a Hilton, a Tui Robinson, a Riu Hotels & Resorts e a Meliá Hotels & Resorts, fazem parte do menu de hotéis em Cabo Verde. Cabo Verde

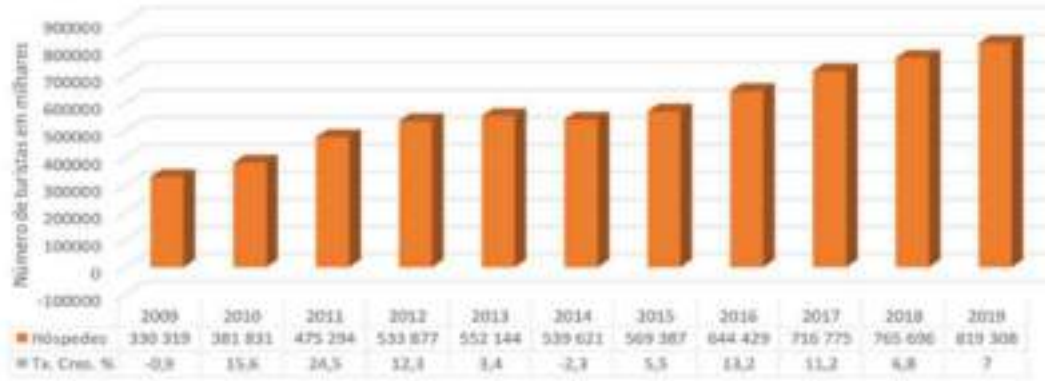
tem-se afirmado como um destino turístico de Sol & Mar, às portas da Europa, ganhando, devida a essa localização geográfica e pelo seu clima e belas praias de areia branca, a preferência dos europeus. A cultura e a hospitalidade do seu povo são também elementos que vêm captando cada vez mais clientes. O modelo *all inclusive* tem vindo a ganhar espaço no turismo em Cabo Verde devido às características naturais do país (MTT-CV, 2020, p.10).

Segundo o Ministério do Turismo e Transporte de Cabo Verde (MTT-CV, 2020, p.10), o turismo ganhou espaço na economia devido às excelentes condições naturais do país (praias, montanhas, etc.) as infraestruturas existentes (quatro aeroportos internacionais, portos, estradas, etc.) a localização a escassas horas das capitais europeias e a estabilidade social e política do país. Em resultado disso o número de visitantes em 2019, atingiu cerca de 820 mil turistas. A meta, antes da Covid-19, seria atingir um milhão de turistas em 2021.

De acordo com o mesmo Ministério, é um turismo organizado por *Tour Operators* de grande dimensão, muito direcionado para duas ilhas – as ilhas do Sal e da Boa Vista – que registam cerca de 90% das dormidas, concentradas no período do inverno, de novembro a abril. O impacto do Turismo no crescimento económico tem sido considerável e com ganhos na melhoria do nível de vida dos caboverdianos traduzidos em várias estatísticas, tais como:

1. a contribuição do Turismo em cerca de 24% do PIB nacional;
2. a ascensão das receitas do Turismo aos 49% das exportações de bens e serviços;
3. o crescimento das receitas fiscais em 17% em dois anos, em consequência do crescimento do setor;
4. a diminuição da pobreza, em 50% da taxa média nacional, das ilhas de Sal e Boavista, sendo por sua vez o PIB per capita nessas ilhas o dobro da média nacional;
5. a contribuição do Turismo, de forma direta ou indireta, por aproximadamente 20% dos empregos existentes no país;
6. a evolução do número de visitantes a Cabo Verde nos últimos 10 anos, que tem seguido uma curva ascendente, como se pode demonstrar no Gráfico 1:

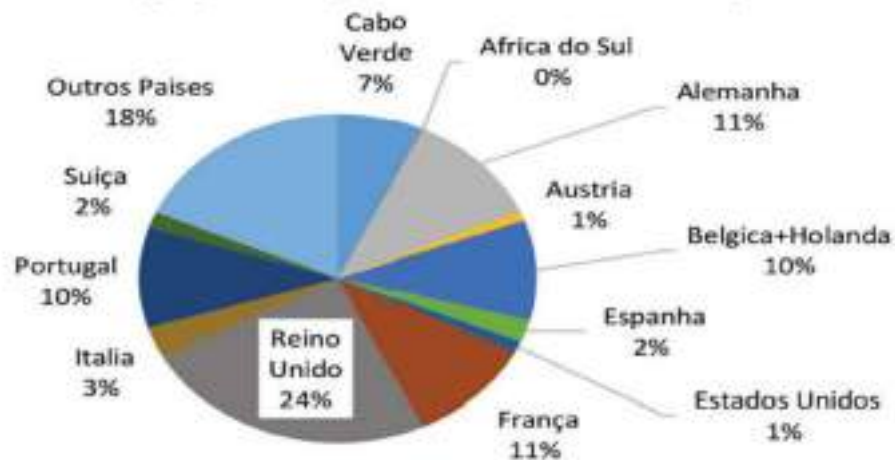
Gráfico 1. Evolução do número de visitantes a Cabo Verde, de 2009 a 2019



Fonte: Ministério do Turismo e Transporte de Cabo Verde (MTT-CV, 2020, p.10).

Por outro lado, a concentração do mercado emissor para o destino Cabo Verde é uma realidade, sendo que o Reino Unido continua a ser o responsável por 24% dos turistas que visitam Cabo Verde. O Gráfico 2 demonstra isso (MTT-CV, 2020, p.11):

Gráfico 2. Distribuição, por país de origem, dos emissores de Turismo para Cabo Verde



Fonte: Ministério do Turismo e Transporte de Cabo Verde (MTT-CV, 2020, p.11).

Todavia, determinados desafios continuam a merecer a atenção do Estado, designadamente as assimetrias sociais, económicas e demográficas entre as ilhas, geradas pela excessiva concentração do Turismo em apenas duas ilhas e o fraco impacto do turismo em outros setores de atividade económica, tais como a agricultura e as indústrias criativas, sem descurar a necessidade de maior diversificação e qualificação da oferta turística. Mas é de realçar que outros segmentos do mercado turístico, designadamente o Turismo Rural, de Natureza e Desportos Náuticos e o

Turismo de Cruzeiro começam a aumentar a sua contribuição para o total do Turismo em Cabo Verde, muito embora haja uma necessidade de estimular esse crescimento (MTT-CV, 2020, p.11).

Atualmente o Turismo contribui com 24% para o PIB e representa 67% do Total das Exportações (INE-CV, 2020).

De forma sintética, consta-se no plano da Visão 2030 – a designada “Nossa Ambição” segundo a Cabo Verde Airlines (2018, p.10), que o Turismo Aéreo de Cabo Verde seja desenvolvido de forma sustentável e que tenha como propósito último valorizar os recursos naturais e humanos do país e contribuir para o bem-estar dos caboverdianos, de forma individual e coletivamente, em todas as ilhas e municípios do país, em benefício das gerações presente e futuras, ao mesmo tempo que propiciando e promovendo experiências positivas para os visitantes. Esta visão de turismo sustentável tem implícitos quatro pilares fundamentais, que deverão nortear as políticas públicas aplicáveis ao setor do turismo em Cabo Verde ou com impacto nele, sendo eles: competitividade, desconcentração, sustentabilidade e a maximização do impacto líquido positivo (CABO VERDE AIRLINES, 2018, p.10)

Turismo em Moçambique

Moçambique, oficialmente designado República de Moçambique, fica localizado na costa oriental da África Austral, limitado a norte pela Tanzânia, a noroeste pelo Malawi e Zâmbia, a oeste pelo Zimbábue, a leste pelo Canal de Moçambique e Oceano Índico, e a sul e sudoeste pela África do Sul e Suazilândia. Tem uma área de 801.590 km² e uma população atual estimada em 32 311 533 habitantes (INE-M, 2021). Frisa-se que este país contém onze províncias, distribuídas em três regiões. Obteve a sua independência a 25 de Junho de 1975, após quase cinco séculos de dominação colonial estrangeira imposta por Portugal. Faz parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, da SADC, dos PALOP, da Commonwealth, da Organização da Conferência Islâmica e da ONU.

Está estrategicamente localizado, pois quatro dos seis países com quem tem fronteiras não têm acesso ao mar, e dependem por isso de Moçambique para ter acesso aos mercados globais. “É um país em desenvolvimento, localizado na África Austral que conta com um vasto leque de riquezas naturais, patrimoniais e culturais favoráveis ao desenvolvimento do turismo. Por essa

razão, o Turismo é considerado um pilar para o desenvolvimento do país” (MOÇAMBIQUE, 2004; GUAMBE et al., 2019, p. 3).

Em Moçambique, a prática da atividade socioeconômica do turismo digna de realce, iniciou na segunda metade do século XX, precisamente a partir de 1960. Os dados do Instituto Nacional de Estatísticas (INE-M), referente ao período 2004 a 2018, tal como os apresentados pela OMT, mostram que no geral, ao longo das duas últimas décadas, o turismo moçambicano, tal como o mundial e o subsaariano, foi caracterizado por um crescimento progressivo de chegadas internacionais (+57%), assim como se verificou em relação ao turismo doméstico (+61%). (Tabela 3). (GUAMBE, 2020, p.10-11).

Tabela 3. Evolução dos fluxos de turistas em Moçambique (2004-2018)

	Total	Turista Nacionais	Turistas Estrangeiros
2004	322.392	159.225	163.167
2005	339.049	167.490	171.559
2006	419.746	181.393	238.353
2007	474.360	217.075	257.285
2008	502.152	245.106	257.046
2009	482.550	245.891	236.659
2010	522.207	254.898	267.718
2011	555.985	277.754	278.231
2012	501.747	253.874	247.873
2013	511.109	251.400	259.709
2014	536.884	264.288	272.596
2015	513.109	257.031	256.077
2016	488.821	207.988	240.833
2017	488.821	207.988	240.833
2018	373.881	196.989	176.892

Fonte: (Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, 2018; GUAMBE, 2020, p. 11).

Consta-se que as principais fontes de receitas são provenientes da pesca (principalmente camarão), agricultura (cana-de-açúcar, algodão, mandioca, etc.), mineração (bauxita, ouro e pedras preciosas), extração de gás natural, exploração de madeira e do turismo. O setor industrial também é importante, atuando nos segmentos de bebidas e tabaco.

O Produto Interno Bruto (PIB) de Moçambique voltou a crescer nos primeiros três meses deste ano, 0,12% face ao mesmo período de 2020, após três trimestres em queda, anunciou o Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (INE-M, 2021). "O desempenho da atividade

económica no primeiro trimestre de 2021 é atribuído em primeiro lugar ao setor primário, que cresceu 0,25%", lê-se na nota sobre as contas nacionais trimestrais recentemente distribuída. O ramo da agricultura e afins foi o que teve maior representatividade (cerca de um quarto) na atividade económica, pelo que o seu crescimento de 4,8% contrabalançou a queda da indústria mineira, que recuou 18,02%. A nível setorial, além da indústria mineira, outra queda acentuada registou-se na área dos hotéis e restaurantes (-15,13%). Do lado do crescimento, além da agricultura e atividades relacionadas, destacam-se os serviços financeiros e as pescas e aquacultura (INE-M, 2021).

Os principais desafios enfrentados pelo país incluem a manutenção da estabilidade macroeconómica, considerando a exposição às flutuações dos preços das matérias-primas, e a realização de novos esforços para restabelecer a confiança através de uma melhor governação económica e de uma maior transparência. Além disso, são necessárias reformas estruturais para apoiar o sector privado que enfrenta atualmente sérias dificuldades. Outro grande desafio é diversificar a economia, para que se afasta do foco atual em projetos de capital intensivo e agricultura de subsistência de baixa produtividade, reforçando ao mesmo tempo os principais motores da inclusão, tais como a melhoria da qualidade da educação e da prestação de serviços de saúde, o que, por sua vez, poderia melhorar os indicadores sociais (BANCO MUNDIAL, 2021).

Entende-se como outros fatores notórios a destacar: cerca de dois terços da sua população de 31 milhões (2020), vive e trabalha em áreas rurais; a situação do conflito político militar na zona norte do país, onde também se demonstrou a instabilidade; insegurança alimentar por parte da população em razão de conflitos no norte do país, dos choques climáticos (ciclones tropicais), das medidas de mitigação da covid-19, etc.

Todavia, apesar do progressivo crescimento do turismo moçambicano é possível notar uma tendência decrescente dos fluxos tanto de chegadas internacionais, como do turismo doméstico (GUAMBE, 2020, p. 12).

Embora ainda não haja consenso em relação à definição de turismo, pelo menos é consensual que a sua prática passa necessariamente por um deslocamento socioespacial, o que significa, por outras palavras, uma mobilidade de pessoas de um lugar para outro, utilizando em geral diferentes modos de transporte. Esta necessidade produz, por conseguinte, uma relação intrínseca entre a prática socioeconômica do turismo e os transportes, com vários desdobramentos,

um dos quais é sanitário, pois eles transformam-se num vetor de disseminação de doenças (GUAMBE, 2020, p.12).

Sector dos Transportes no apoio ao Turismo

Segundo Guambe (2020, p. 12), o turismo é uma prática socioeconômica que envolve deslocamento espacial, ou seja, viajar, que na maior parte das vezes implica a utilização do transporte. Nos tempos que correm, o volume, velocidade e alcance das viagens não tem precedentes, fruto do desenvolvimento do meio técnico científico-informacional. De acordo com a UNWTO, em 2019, as chegadas internacionais de turistas chegaram a 1.461 milhões. Para a realização destes fluxos internacionais, os turistas utilizaram todos os modos de transporte, com maior destaque para o modo aéreo que, em 2018, participou na movimentação de 58% do total de chegadas de turistas, seguido do transporte rodoviário, com 37%. A contribuição dos modos aquático e ferroviário, com 4% e 2% respectivamente, foi a mais fraca (GUAMBE, 2020, p. 12).

No caso presente da pandemia do novo coronavírus, é evidente a grande participação do turismo de transporte, principalmente o modo aéreo, na disseminação internacional (importação e ou exportação) do vírus, a partir de Wuhan, para os diversos países de todos os continentes, em curto tempo, e em nível infranacional, com a participação dos outros modos de transporte. Todos os primeiros casos da covid-19 em todos os países, com a exceção da China, foram importados e tem uma relação direta com viagem e transporte, principalmente o aéreo (GUAMBE, 2020, p. 13).

Neste contexto, segundo o mesmo autor, os viajantes devem ser considerados parte integrante da rede global de vigilância para infecções emergentes, pois elas disseminam-se a partir destes. Importa sublinhar que a mobilidade de viajantes e ou turistas utilizando os diversos modos de transporte, em particular o aéreo, é responsável pela máxima e rápida difusão geográfica de diversas doenças infecciosas, tal como foi o caso presente da pandemização do Coronavírus (Covid-19), com todos os efeitos daí decorrentes.

Considerando-se que uma das características fundamentais da prática sócio espacial do turismo é a mobilidade e o contato interpessoal, é evidente que o temor de muitas nações em correr riscos de ver a sua população infectada pela Covid-19, atendendo a gravidade da sua sintomatologia, a inexistente de estruturas de saúde a altura, sobretudo na África Subsaariana, e

principalmente à ausência, ainda, de vacina e cura, levou muitos países a tomarem como uma das primeiras medidas, a restrição e controlo da mobilidade interna e o cancelamento da externa, através do fecho das fronteiras. Assim, um dos primeiros sectores e mais severamente atingidos pelos efeitos das medidas tendentes ao controlo da pandemia foi o turismo, e a África Subsaariana, consideravelmente, Cabo Verde e Moçambique, não são exceção.

Situação dos transportes aéreos de Cabo Verde e Moçambique

Depois de um recorde de 819.300 turistas em 2019, Cabo Verde perdeu assim mais de 610 mil turistas em 2020, devido à pandemia de covid-19, estimando iniciar a recuperação da atração turística, setor que garante 25% do Produto Interno Bruto (PIB) cabo-verdiano, ao longo deste ano. O arquipélago teve que suspender os voos internacionais de 19 de março a 12 de outubro de 2020, para conter a pandemia, e tentar agora retomar a atividade turística (INE-CV, 2021).

Face a esta situação, as unidades hoteleiras de Cabo Verde receberam 207.125 hóspedes em 2020, uma queda de 74,7% face ao ano anterior, explicada com as limitações impostas pela pandemia de covid-19, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (INE-CV, 2021).

De acordo com o relatório sobre Movimentação de Hóspedes em 2020, divulgado recentemente pelo INE caboverdiano, as dormidas caíram 77,5%, para 1.150.641 em todo o ano passado. Dos 207.125 hóspedes contabilizados em 2020, o INE-CV (2021), refere que 189.110 foram no primeiro trimestre (-19,1% em termos homólogos). Seguiram-se, logo após o confinamento generalizado e a suspensão de voos domésticos e internacionais, para conter a transmissão da covid-19, 5.280 hóspedes no segundo trimestre (-97,1%), 3.071 hóspedes no terceiro trimestre (-98%) e 9.034 hóspedes no quarto trimestre (-96%).

Já no caso de Moçambique, em 2019, os aeroportos moçambicanos movimentaram 17 mil toneladas de carga e prestaram serviços a 2,2 milhões de passageiros. Em 2020, os aeroportos de Moçambique registraram uma perda de receitas de US\$ 22 milhões devido à pandemia da Covid-19, que afetou todas as suas fontes de renda, conforme frisou o ministro dos Transportes e Comunicações do país, Janfar Abdulai, no seu comunicado, proferido no dia 25 de agosto de 2020 pelo portal Xinhua, em Maputo.

Em Moçambique, onde basicamente pratica-se o turismo de negócios, principalmente em Maputo, e de lazer no resto do país, particularmente em Inhambane, devido às medidas decretadas no âmbito do Estado de emergência, com vista a prevenção da propagação da pandemia do coronavírus, como por exemplo a limitação de entradas e saídas no e do território nacional, as restrições de mobilidade interna, a proibição de reuniões e ou encontros com mais de vinte pessoas, os recorrentes apelos ao isolamento social, o encerramento de muitos serviços, boa parte ligadas ao lazer, entre outras, têm várias consequências econômicas e socioespaciais diretas e imediatas (Guambe, 2020, p.16).

Os dados mostram que, no primeiro semestre de 2019, o município de Maputo teve 5.952 voos contra 3.287 voos, no mesmo período em 2020. Essa diferença representa 44,77% de redução de voos durante o período da Covid-19. Por sua vez, o município de Vilanculos teve a maior redução de voos, correspondente a -57,24%, de 1.852 voos no primeiro semestre de 2019 e caiu para 792 voos no primeiro semestre de 2020, afirmou Guambe et al. (2021, p. 103). Desta feita observa-se que o número total de passageiros que viajaram durante o primeiro semestre de 2019 e 2020, respectivamente no município de Maputo, em 2019, o número de passageiros que viajou correspondeu a 253.582 contra 153.039 no mesmo período em 2020, perfazendo uma diferença de 100.543 passageiros, uma redução equivalente a 39,6% (GUAMBE et al. 2021, p. 104).

Neste ritmo de dados, observou-se que o município de Inhambane e de Vilanculos foram os que tiveram maior redução de voos internacionais. Durante o primeiro semestre de 2019, para o município de Inhambane registaram-se 150 voos contra 37, em igual período em 2020, tendo uma redução na ordem de 75,5%, e o município de Vilanculos no mesmo período teve 999 voos internacionais, em 2019, face a 375 voos, em 2020, apresentando uma redução na ordem de 62,4% (GUAMBE et al. 2021, p. 105).

No que concerne ao número de total de passageiros internacionais, os dados revelam-nos que no primeiro semestre de 2019, no município de Maputo entraram 260.576 passageiros internacionais e, em 2020, 116.196, ou seja, uma redução em um pouco mais de 55%. Desta feita, constata-se que o município de Inhambane foi o que registou menor fluxo de entrada de passageiros internacionais, tendo sido observados 384 passageiros durante o 1º semestre de 2019 e, 155 em igual período em 2020, ou seja, uma redução de 229 passageiros, decréscimo de 59,6% (GUAMBE et al. 2021, p. 106).



Diante desta situação, os aeroportos de todo o país tiveram seus voos internacionais cancelados, voos nacionais reduzidos a mais da metade, com serviços de refeição fechados e lojas de conveniência funcionando com baixa capacidade, conforme o ministro dos Transportes e Comunicações do país, acima citado. As fontes de receitas incluem taxas de sobrevoos e pouso e outras cobranças não aeronáuticas, revelou o ministro em Maputo durante a abertura de uma reunião com a empresa gestora dos aeroportos para avaliar o seu desempenho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do quadro pandêmico, percebe-se que a demanda turística em Cabo Verde, recuou significativamente em 2020, perdendo dessa forma meio milhão de turistas num ano, com implicações econômicas dado pelo aumento da dívida pública (para cerca de 145% do PIB), donativos e ajudas orçamentais atribuídas por vários países e financiamentos contraídos junto de entidades globais, como Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial.

Em contrapartida, sem turismo para gerar atividade nas empresas e receita fiscal para o Estado, 2020 ficou marcado em Cabo Verde, além da crise sanitária, pela profunda crise econômica, que se inverteu em anos consecutivos de crescimento acima de 5%. Para este ano de 2021, perspectiva-se uma recessão à volta dos 10% do PIB, algo nunca visto nos 45 anos de independência.

De acordo com o cenário deste país, recomenda-se que o governo possa promover a sustentabilidade fiscal e da dívida no rescaldo da pandemia. E para o regresso de uma postura prudente de política fiscal, o país poderia impulsionar reformas que aumentem a cobrança de receitas, implementar reformas estruturais que possam aumentar a produtividade das empresas nacionais ligadas ao setor do turismo.

Diante da pausa imposta pela pandemia foi aproveitada pelo Ministério do Turismo e Transporte para se analisar o destino de Cabo Verde e rever alguns aspectos de planejamento e estruturação da oferta turística, de forma a preparar o país para um renascer triunfante na pós-pandemia. Neste contexto, elaborou-se um “Plano de Renascimento do Turismo” com quatro programas a se destacar: Segurança Sanitária Destino Cabo Verde; Qualificação e Diversificação

do Produto Turístico; Sustentabilidade Ambiental, Económica e Social; e Programa de Proteção e Fomento de Empresas e Empregos.

Já como observado em Moçambique, espera-se que a economia recupere gradualmente ainda neste ano (2021), mas subsistem riscos substanciais de uma queda devido à incerteza em torno da pandemia da Covid-19 (coronavírus). Embora a economia tenha registrado em 2020 a sua primeira contração em quase três décadas, espera-se que o crescimento recupere a médio prazo, atingindo cerca de 4% em 2022.

Com base na Atualização Económica de Moçambique (Março de 2021), o país precisaria avançar com a sua agenda de reformas estruturais à medida que a pandemia vai-se atenuando. Frisa-se que a curto prazo, as medidas de apoio às empresas viáveis e às famílias seriam cruciais para uma recuperação resiliente e inclusiva. Nessa fase de recuperação, as políticas centradas no apoio à transformação económica e à criação de empregos, especialmente para os jovens, terão uma importância crítica. Intervenções direcionadas para apoiar as mulheres e aliviar as desigualdades de género, assim como para aproveitar o poder da tecnologia móvel, para o apoio do crescimento sustentável e inclusivo a médio prazo.

Com viés na criação de mecanismos e soluções para se amenizar situação do turismo e transporte aéreo, o governo moçambicano sustenta e espera que tudo esteja sendo feito para o restabelecimento da atividade aeronáutica em todo país, haja vista na perspectiva que as medidas concretas para a viabilização deste setor que é fundamental para restaurar o turismo no país.

Neste cenário da pandemização, o Banco Mundial aprovou recentemente uma doação no valor de 100 milhões de dólares americanos da Associação Internacional de Desenvolvimento (IDA) e uma outra doação no total de 15 milhões de dólares americanos do Global Financing Facility (GFF) em apoio aos esforços de Moçambique para expandir a sua atual campanha de vacinação contra a Covid-19. Os fundos serão utilizados para adquirir, administrar e distribuir vacinas contra a Covid-19 e fortalecer a preparação e a capacidade do Sistema Nacional de Saúde, bem como para garantir a continuidade dos serviços essenciais de saúde, especialmente para mulheres, crianças e adolescentes.

Apesar de Cabo Verde e Moçambique, serem dois países de diferentes dimensões estruturais e territoriais, em prol das suas políticas públicas regionais e locais, constatamos que ambos continuam enfrentando problemas drásticas e similares no setor do turismo e transporte

aéreo, entre vários outros, desde o início da pandemia de Covid-19, até aos dias atuais. Em comparação a esses dois países, observamos que no começo da situação pandêmica de 2019, Cabo Verde continuou com os seus fluxos de voos em ativo, tendo registrado um nível de faturamento no seu PIB de (5,7%), equivalente a 1,982 bilhão USD.

Em contrapartida, Moçambique ficou com os fluxos de voos reduzidos, tendo sido cancelado com o passar do tempo, devido ao fraco registro dos passageiros nacionais e internacionais. Houve uma enorme recaída no seu PIB de (2,3%), equivalente a 15,29 bilhões USD, tendo se constatado nessa época a falência da empresa Aeroportos de Moçambique, devido ao cenário anteriormente citado. Diante dessa situação, cogitou-se que quase teriam privatizado a mesma empresa. Dessa forma, estratégias e mecanismos de novas políticas públicas internas e regionais para a retomada do turismo e do transporte aéreo seriam extremamente essenciais porque poderiam contribuir para o desenvolvimento socioeconômico de ambos os países.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO MUNDIAL. **Moçambique: aspectos gerais. Desafios ao desenvolvimento.** 2021. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/country/mozambique/overview>. Acesso em: 19 set. 2021.

BRITO, Brígida Rocha. **Turismo em Meio Insular Africano: Potencialidades, Constrangimentos e Impactos.** Lisboa : Gerpress, 2010.

CABO VERDE AIRLINES. **A importância da Cabo Verde Airlines para o crescimento do turismo em Cabo Verde.** Cidade-Praia, 2018. Disponível em: <https://www.cm-agueda.pt/cmagueda/uploads/writer_file/document/5579/4_a_importancia_da_cabo_verde_airlines_para_o_crescimento_do_turismo.pdf>. Acesso em: 02 out. 2022.

CALÇADA, Clarissa. **A importância do comércio internacional.** Brasil, 2013. Disponível em: <<https://administradores.com.br/producao-academica/a-importancia-do-comercio-internacional>>. Acesso em: 02 out. 2022.

COELHO, Rita Alexandra; ESPÍRITO SANTO, Marco; COELHO, Rita Rodrigues; FRADE, Rui. Revisão bibliográfica sobre comércio internacional. In: III ENCONTRO CIENTÍFICO I2ES, 2017, Santarém. **Atas...** Santarém, ISLA Santarém, 2017. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/29241/1/ecI2ES-2017%281%29.pdf>> . Acesso em: 02 out. 2022.

FANTINATO, Marcelo. **Método de Pesquisa.** São Paulo : PPgSI – EACH – USP, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUAMBE, José Júlio Júnior. Efeitos da Pandemia de Covid19 sobre o turismo na África subsaariana e em Moçambique. **AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos**, v.03, n.03, p. 59-78, 2020.

_____; SILVA, José Julião; VICTOR, Ringo Benjamin; AZEVEDO, Hélsio Amiro; CHUNDO, Dário Manuel Isidoro; GERENTE, Bianca Jaime. Covid-19, transporte aéreo e turismo em Moçambique. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, n. 39, jul./dez. 2019.

_____.; SILVA, J. J.; VICTOR, R. B.; AZEVEDO, H. A. M. A.; GERENTE, B. J.; CHUNDO, D. M. I.; MAHACHE, V. A.; BANZE, F. R.; MAPANGA, H. P. Impactos da pandemia Covid-19 no sector de transportes aéreos em Moçambique. In: CRUZ, Rita de Cássia Ariza. et. al. **Turismo em tempos de Covid-19: ensaios sobre casos na Argentina, Brasil, Moçambique e Portugal**. São Paulo: FFLCH/USP, 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DE CABO VERDE (INE-CV). Pandemia tirou mais de 610 mil turistas a Cabo Verde em 2020. **RTP Notícias**, Cabo Verde, 2021. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/covid-19/pandemia-tirou-mais-de-610-mil-turistas-a-cabo-verde-em-2020_n1303989>. Acesso em: 10 set. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DE MOÇAMBIQUE (INE-M). PIB de Moçambique cresce 0,12% no primeiro trimestre. **RTP Notícias**, Moçambique, 2021. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/economia/pib-de-mocambique-cresce-012-no-primeiro-trimestre_n1324307>. Acesso em: 18 mai. 2021.

JACOBSEN, Alexandra de Linhares; CONTO, Sabrina Fonseca; SILVÉRIO, Renata Costa; GUIMARÃES, Vanessa da Rosa; SILVA, Wanessa Caroline. Perfil metodológico de pesquisas elaboradas no âmbito das instituições de ensino superior brasileiras: uma análise de publicações feitas pela Revista Ciências da Administração. In: XVII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 2017, Mar del Plata. **Anais...** Mar del Plata, 2017.

MINEIRO, Rodrigo. **Comércio internacional para Auditor Fiscal da Receita Federal**. Direção Concursos. Escola de Administração Fazendária, Edital ESAF nº 18, Brasil, 2014. Disponível em: www.direcaoconcursos.com.br. Acesso em: 19 jul. 2021.

MINISTÉRIO DO TURISMO E TRANSPORTES DE CABO VERDE (MTT-CV). **Cabo Verde de olhos postos na retoma do Turismo**. Cabo Verde, 2020. Disponível em: <https://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2FFiles%2FFiler%2FPortalTurismo%2FCabo-Verde-turismo%2FBrochura_Retoma-do-turismo-em-Cabo-Verde.pdf>. Acesso em 02 out. 2021.

OLIVEIRA, M. C; PONTE V. M. R; BARBOSA J. V. B. Metodologias de pesquisa adotadas nos estudos sobre Balanced Scorecard. In: XIII Congresso Brasileiro de Custos, 2006, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2006.

PROJETOS... de infraestruturas e acordos globais podem melhorar comércio na África lusófona. **Deutsche Welle (DW)**, nov. 2016. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/projetos-de-infraestruturas-e-acordos-globais-podem-melhorar-com-%C3%A9rcio-na-%C3%A1frica-lus%C3%B3fona/a-36248531#:~:text=Internacional-,Projetos%20de%20infraestruturas%20e%20acordos%20globais%20podem%20melhorar%20com%20%C3%A9rcio%20na,da%20CPLP%2C%20defende%20a%20OMC>>. Acesso em: 02 out. 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

DOSSIÊ TEMÁTICO:

O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

GeoImagens



**CABO VERDE: TURISMO & MORABEZA¹.
MOTIVAÇÕES DE VIAGEM A UM DESTINO EMPÁTICO**

Por Rui Jacinto

Rui Jacinto
Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do
Território (CEGOT – Universidade de Coimbra). Centro
de Estudos Ibéricos (CEI)
E-mail: rjacintomm@gmail.com

Como citar

JACINTO, R.. Cabo Verde: turismo &
morabeza: motivações de viagem a um
destino empático **Boletim GeoÁfrica**, vol.
1, n. 3, p. 80-104, jul.- set. 2022.

¹ Morabeza é uma palavra crioula que a língua portuguesa integrou e que significa afabilidade, simpatia, amabilidade, gentileza.

GEOGRAFIA, INSULARIDADE, CABO-VERDIANIDADE, PANO DE FUNDO DO TURISMO EM CABO VERDE

Geografia: quadro natural adverso, desiguais dinâmicas territoriais

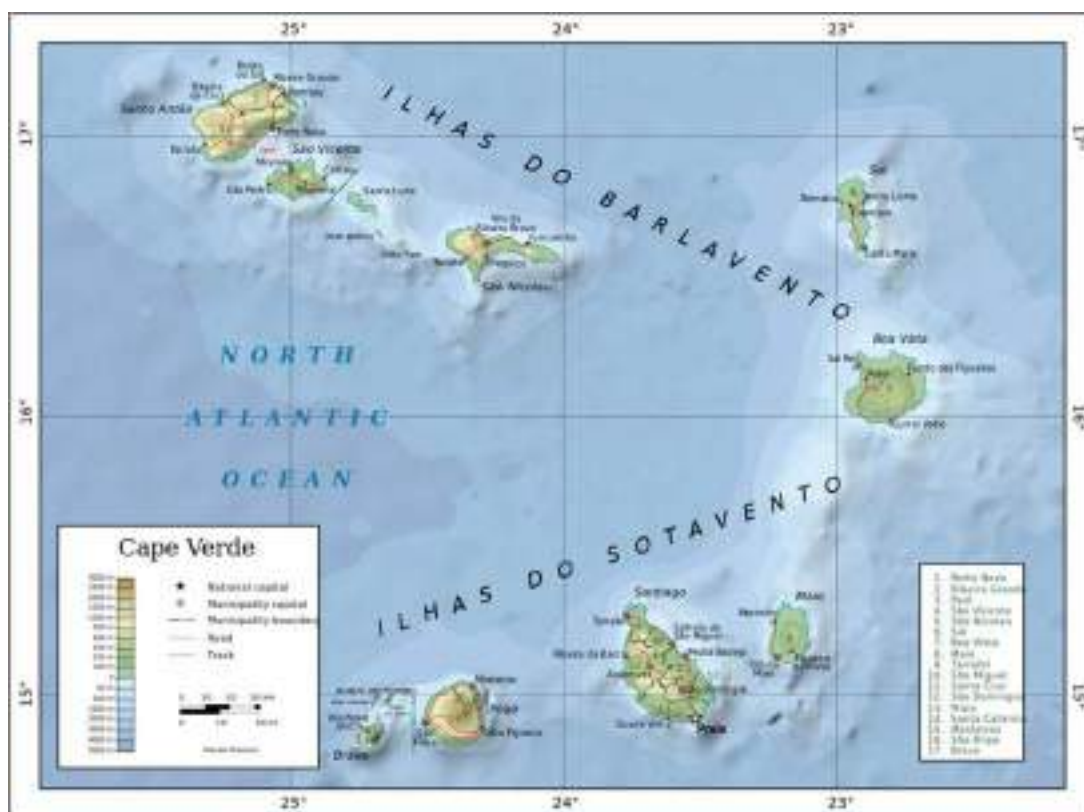
A história e a geografia adversa, patente na vulnerabilidade das condições naturais e na precaridade dos recursos, fizeram de Cabo Verde um país singular. Tais elementos, associados à permanente envolvimento do mar, vincaram a identidade insular deste pequeno estado arquipelágico com apenas 4.033 Km². A dispersão territorial e a consequente descontinuidade geográfica, fruto da fragmentação por 10 ilhas e alguns ilhéus, acentua o sentimento de isolamento e a típica propensão contemplativa do cabo-verdiano.

O arquipélago, que se encontrava desabitado quando foi alcançado em 1460, alberga 483.628 residentes nas nove ilhas habitadas, segundo os dados provisórios do Recenseamento de 2022, já que Santa Luzia não regista atualmente ocupação humana. O povoamento, então iniciado, fez-se, fundamentalmente, com pessoas oriundas do continente português e da costa ocidental de África. A posição do arquipélago no Atlântico, a meio caminho entre a Europa, a África e as Américas, conferiu-lhe um lugar geoestratégico privilegiado no contexto internacional emergente, logo aproveitado como entreposto do tráfico de escravos provenientes da costa africana. Tal localização, particularmente sensível relativamente aos ventos alísios, é igualmente responsável pelo clima agreste que acabará por ditar boa parte do “insucesso” da colonização então encetada.

Os estudos geográficos sobre Cabo Verde iniciados em meados do século passado, inspirados na geografia regional, como era timbre na época, retratam com eloquência o quadro natural e o panorama humano do arquipélago (RIBEIRO, 1954, 1955, 1956; RIBEIRO, 1961; AMARAL, 1964; MARTINS, 1943). A geografia madrastra, cabalmente descrita por estes autores, destaca a topografia acidentada, a litologia vulcânica, o clima adverso, semidesértico, marcado pela fraca pluviosidade e por longos períodos de seca extrema, responsáveis pelas frágeis condições onde se iria exercer a ação humana.



Mapa 1. Arquipélago de Cabo Verde



Fonte: Wikipédia

A paisagem vulcânica, imponente e austera, acaba por se impor - ainda é possível apreciar um vulcão ativo na ilha do Fogo -, esboçando um quadro natural salpicado por crateras, mais ou menos bem conservadas, que nos remetem para os cones dos antigos vulcões que deram origem às ilhas. Sucessivos vales encaixados, profundos e alcantilados, que entrecortam as ilhas mais montanhosas, desenhando no horizonte silhuetas bem pontiagudas.

A omnipresença do mar contrasta com a falta de água em terra, insuficiente para permitir uma agricultura capaz de garantir a adequada sobrevivência da população. A população tem aumentado a um ritmo acelerado nas últimas décadas, sobretudo nas áreas urbanas, com mais visibilidade nos municípios de Praia, Sal e Boavista. O ritmo demográfico mais longo é explicado pelos ciclos bioclimáticos, associadas às crises motivadas pela seca, pela história política de Cabo Verde e, mais recentemente, pelo desenvolvimento do turismo, especialmente nas Ilhas do Sal e

da Boavista. As condições de vida, apesar dos progressos registados, ainda são frágeis, com manifestos problemas ao nível do acesso à água potável, à energia elétrica, bem como à mobilidade e à acessibilidade a certos serviços, vincando desequilíbrios, que se manifestam de modo mais flagrante no ambiente urbano, com profundas consequências sociais e espaciais (NASCIMENTO; JACINTO, 2015).

Insularidade: condições geoestratégicas privilegiadas e propícias para o turismo

A posição estratégica no meio do Atlântico conferiu a Cabo Verde um papel destacado no tráfego marítimo e na pesca de alto mar, designadamente da baleia. Estes aspetos, fundamentais por permitirem a abertura ao mundo e favorecerem a emigração, tiveram grandes repercussões a nível cultural e no modo do cabo-verdiano estar e se relacionar com o mundo.

O Porto Grande da cidade do Mindelo, na Ilha de S. Vicente, teve grande importância na época da navegação a vapor, enquanto entreposto carvoeiro, desempenhando um papel igualmente crucial no período do telégrafo, articulando as comunicações intercontinentais entre a Europa e a América do Sul como ponto de amarração dos cabos submarinos. Foi ainda no Mindelo que amarou o hidroavião pilotado por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em 1922, quando realizaram a histórica viagem aérea entre Lisboa e o Rio de Janeiro, ligando a Europa ao Atlântico Sul.

O Mindelo ainda vive a nostalgia desses tempos áureos. A partir do momento em que o avião se tornou o principal meio de transporte entre os continentes a cidade perdeu aquela centralidade. Este golpe foi ainda mais abrupto e profundo após a independência com a inevitável afirmação da capitalidade e a inerente concentração de serviços na Praia. As consequências materiais e intangíveis deste processo são responsáveis pelo sentimento de perda, abandono e mal-estar que se instalou entre os mindelenses. A ilha do Sal, mais plana, com condições mais favoráveis para acolher um aeroporto internacional, capitalizaria aquela função que foi decisiva para impulsionar o turismo, o que fez da ilha o primeiro pólo turístico de Cabo Verde.

As ruturas decorrentes da independência, ocorrida em 5 de julho de 1975, e os progressos impulsionados em termos económicos, sociais e políticos não alteraram drasticamente o quadro existente, como mostram alguns estudos geográficos mais recentes, realizados após a independência (CUNHA; JACINTO, 2011; JACINTO, 2015a; 2015b; 2015c; JACINTO; RIBEIRO, 2020). A importante mudança política ocorrida em 1990 que pôs fim ao regime de



partido único não só acelerou a abertura ao exterior como foi decisiva para impulsionar o turismo. Apesar das debilidades e dos custos de contexto, o turismo passou a ser uma oportunidade incontornável para Cabo Verde, base de qualquer estratégia de desenvolvimento, motor de transformação, como havia sido, aliás, em todos os pequenos países arquipelágicos.

A evolução rápida e intensa do turismo no virar do milénio foi feita ao arrepio das idiossincrasias e especificidades do quadro natural, económico, social e cultural. Estes aspetos, que são os pilares do desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, revelaram-se tanto fragilidades e vulnerabilidades como, simultaneamente, forças e potencialidades. A reestruturação territorial resultante desta evolução organiza-se segundo duas coordenadas interpretativas fundamentais: *afirmação das ilhas planas e arenosas* (Sal e Boavista), mais propícias ao turismo balnear de massas, baseado no sol e na praia, como polos de desenvolvimento, embora com menos expressão que na Praia e no Mindelo; *fortes migrações internas*, decorrentes de dinâmicas económicas e sociais, aceleradas pelo desemprego elevado e endémico, que continua a ser um dos aspetos mais críticos de Cabo Verde. Os intensos fluxos migratórios do campo para os centros urbanos, sobretudo para os três polos atrás referidos, são também responsáveis pela intensa urbanização, onde o desordenamento se associa a uma enorme precariedade (NASCIMENTO; JACINTO, 2015).

Cabo-verdianidade: diáspora, música e imaginário

A penúria de recursos e o permanente contacto com tripulações que, em trânsito, tocavam as ilhas precipitaram o permanente desejo de evasão e o sonho legítimo por uma vida melhor. A emigração foi potenciada, pois, tanto por necessidades reais impostas pelo meio como pelo convívio permanente com o mar. Os portos que rodeiam as ilhas assumiram a função ambivalente de serem cais de chegada e de serem olhados como pontos de partida. Nestes lugares nostálgicos o ilhéu projeta o seu desejo de evasão e deposita as mais fundadas esperanças de partir para mudar de vida e dar largas ao seu inquebrantável espírito de aventura. A forte diáspora que levou inúmeros cabo-verdianos a muitos países da Europa, da América e da África colocou o país perante a realidade singular de, hoje, ser superior o número de cabo-verdianos residentes fora do país face aos que habitam o arquipélago. Também aqui reside um nicho de mercado para o turismo baseado na saudade!

Os laços indivisíveis tecidos por esta relação afetiva perseguem os naturais do arquipélago por todo o mundo, continuando a instigar, mesmo na ausência, o apego à terra que os acompanha para além da fronteira azul que limita o perímetro das ilhas. A identidade moldada por estes ingredientes mais intangíveis, que acabou incorporada na paisagem humana de Cabo Verde, alimenta as raízes mais fundas que prendem os cabo-verdianos ao torrão natal. Se os que partem para *terra longi* vivem o permanente sentimento de ausência, quem fica continua amarrado a uma certa solidão, apanágio da insularidade, que decorre da finitude do horizonte e do eterno convívio com o mar.

O imaginário cabo-verdiano está impregnado desta plêiade de sentimentos, universo rico que expressam magistralmente através da cultura e das artes, sobretudo através da música e da literatura. A cultura crioula que emana de influências tão mescladas está patente, desde logo, na língua materna. A música foi a fórmula encontrada pelas gentes das ilhas para exprimirem os seus sentimentos, o bálsamo que inventaram para saciar a saudade, superar a lonjura, vencer a distância e manter vivo o obsessivo desejo de regresso ao torrão natal. A qualidade e o simbolismo deste legado foram reconhecido quando foi classificado como Património da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO): a morna, em 2019, como Património Cultural Imaterial, e a Cidade Velha, em 2009. Por isso,

A musicalidade que os cabo-verdianos expressam ao cantar, ao abordar qualquer instrumento musical ou, corporalmente, enquanto dançam, espelha a relação íntima e cúmplice que têm com a música. A penetração em todos os sectores da vida pessoal e colectiva do país torna a música transversal à sociedade, marcante da identidade de Cabo Verde, referência incontornável com que se identificam todos os que se encontram tanto aquém como além do Mar Azul. A capacidade única que revela para esbater essa fronteira líquida que separa residentes e ausentes, transformou-a num traço de união eficaz para encurtar distâncias entre as origens e a Terra Longe (...) A música tem uma função unificadora, gregária, gera uma atmosfera tocante de convívio, que envolve os corpos e a comunidade numa fraterna comunhão. (...) Neste pequeno país insular cada ilha é um universo musical. Esta relativa diversidade não deixa de assumir uma certa harmonia sonora que lhe é conferida pelas lendárias mornas e coladeiras, que coexistem com outros géneros, onde relevam o batuque, a tabanca, o colá ou o funaná. Géneros musicais como o lundum, a valsa ou a mazurca, embora oriundas doutras paragens, adquiriram o doce aroma que os trópicos lhes emprestaram. As influências africanas, presentes nas tabancas, batuques ou nas femininas batucadeiras, foram paulatinamente temperadas por interferências doutras latitudes até ficarem sedimentadas e serem decantadas nas perfumadas e ternurentas mornas e coladeiras (JACINTO, 2016, p. 381).

Os grandes temas da natureza, da sociedade e da economia cabo-verdiana também se encontram plasmados numa literatura que nos oferece páginas inolvidáveis duma geografia poética.

A ligação umbilical entre água, chuva e milho conferiram a esta trilogia, além duma real importância material e afetiva, um profundo significado simbólico e cultural, verdadeiramente transcendente para os cabo-verdianos. (...) As mensagens de cunho geográfico que particularmente evidentes nos romances da geração claridosa e percorrem toda a literatura de Cabo Verde, têm em pano de fundo a saga da água, da chuva, da seca e da emigração, temas que já estavam presentes na principal obra do seu primeiro cultor, o Chiquinho (1947) de Baltazar Lopes. (...) A geograficidade latente na literatura dá maior profundidade à leitura do território, um contributo inequívoco para o conhecimento da sociedade e uma interpretação mais próxima e íntima da geografia vivida, bem evidente no caso da água em Cabo Verde. Mesmo se a narrativa evolui ao sabor duma certa (geografia) poética, a literatura não deixa de conter elementos culturais indispensável para captar o espírito dos lugares e, com isto, enriquecer a geografia. (...) Tendo presente este quadro, optou-se por focar a atenção na obra de Manuel Lopes, por se tratar dum dos autores mais representativos duma época e duma geração, cujas obras de referência foram publicadas no final da década de 50: *Chuva Brava* (1956), *O Galo cantou na Baía (e outros contos cabo-verdeanos)* (1959) e *Os Flagelados do Vento Leste* (1960). Estes livros reportam-se à mesma época dos trabalhos escolhidos entre os geógrafos, escritos entre 1954 e 1964, excetuando o caso referido, período em que ainda estavam bem presentes na memória de todos as secas extremas e as crises agrícolas, que degeneravam em anos de fome e mortalidade em larga escala. Referiremos, apenas, as que ocorreram na primeira metade do século XX, relevando 1910, 1911-13, 1921-23, 1934-36, 1941-43, 1946-48; a vulnerabilidade e o risco a esta catástrofe natural é enorme, ao ponto de a perda de população registada em Cabo Verde, entre 1940 e 1950 foi de 17,5%, perdendo S. Nicolau 30,2%, já que a erupção ocorrida na ilha do Fogo (1951) não influenciou esta evolução (JACINTO, 2016a).

Sem nos alongarmos em outras divagações musicais ou literárias atentemos em alguns versos que nos foram legados por Amílcar Cabral² que sintetiza de forma lapidar o que temos dito e são, além do mais, uma subtil e sentida introdução à geografia de Cabo Verde:

² Amílcar Lopes da Costa Cabral (12 de setembro de 1924 - 20 de janeiro de 1973) foi um dos fundadores do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e líder da luta armada que seria assassinado em Conacri com apenas 48 anos. Engenheiro agrônomo de formação também fez incursões literárias como testemunha o seu legado poético de que se apresentam alguns excertos.

Ilha // Tu vives — mãe adormecida — / nua e esquecida, / seca, / fustigada pelos ventos, / ao som de músicas sem música / das águas que nos prendem... // Ilha: / teus montes e teus vales / não sentiram passar os tempos / e ficaram no mundo dos teus sonhos / — os sonhos dos teus filhos - / a clamar aos ventos que passam, / e às aves que voam, livres, / as tuas ânsias! // Ilha: / colina sem fim de terra vermelha / — terra dura — / rochas escarpadas tapando os horizontes, / mas aos quatro ventos prendendo as nossas ânsias! (Amílcar Cabral, Praia, Cabo Verde, 1945).

Regresso // Mamãe Velha, venha ouvir comigo / o bater da chuva lá no seu portão. / É um bater de amigo / que vibra dentro do meu coração. // A chuva amiga, Mamãe Velha, a chuva, / que há tanto tempo não batia assim... / Ouvi dizer que a Cidade-Velha, / — a ilha toda — / Em poucos dias já virou jardim... / Dizem que o campo se cobriu de verde, / da cor mais bela, porque é a cor da esp'rança. / Que a terra, agora, é mesmo Cabo Verde. / — É a tempestade que virou bonança...

Naus sem rumo // Dispersas, / emersas, / sozinhas sôbre o Oceano ... / Sequiosas, / rochosas, / pedaços do Africano, / do negro continente, / as engeitadas filhas, / nossas ilhas, / navegam tristemente ... // Qual naus da antiguidade, / qual naus / do velho Portugal, / aquelas que as entradas / do imenso mar abriam ... / As naus / que as nossas descobriram. // Ao vento, à tempestade, / navegam / de Cabo Verde as ilhas, / as filhas do ingente / e negro continente ... / São dez as caravelas / em busca do Infinito ... / São dez as caravelas, / sem velas, / em busca do Infinito ... / A tempestade e ao vento, / caminham ... / navegam mansamente / as ilhas, / as filhas / do negro continente ... // — Onde ides naus da Fome, / da Morna, / do Sonho, / e da Desgraça? ... // — Onde ides? ... / Sem rumo e sem ter fíto, / Sozinhas, / dispersas, / emersas, nós vamos, / sonhando, / sofrendo, / em busca do Infinito! ...³

Geografia do Turismo de Cabo Verde: diversidade, assimetrias, políticas territoriais

Diversidade natural, desequilíbrios na distribuição dos recursos, dinâmicas territoriais assimétricas

Os vários estudos atrás referidos permitem-nos compreender a diversidade natural e na ocupação do espaço, as desiguais dinâmicas económica e social, as assimetrias territoriais, os constrangimentos e as oportunidades que têm estado subjacentes aos exercícios feitos para promover estratégias mais assertivas de desenvolvimento em Cabo Verde, tanto de índole em geral como, em particular, em termos de turismo.

A afirmação do país como destino turístico internacional assentam fundamentalmente nas especificidades do meio, nas singularidades da paisagem natural, nas condições climáticas, na temperatura da água do mar, na riqueza do património cultural e nas amenidades sociais. A procura também foi estimulada devido à progressiva qualificação da oferta, sobretudo de equipamentos turísticos, como testemunha o número crescente de estabelecimentos hoteleiros e de quartos

³ Amílcar Cabral em “Emergência da poesia em Amílcar Cabral” (30 poemas; Coleção Dragoeiro. Praia: Edição Grafedito, 1983) e recolha organizada por Oswaldo Osório.

disponíveis. Tanto a distribuição dos equipamentos hoteleiros como o aumento progressivo do número de estadias e de hóspedes não tiveram impactes idênticos em todo o território, porque se concentraram nas ilhas planas (Sal e da Boavista), onde os atrativos são o sol e a praia.

Em quinze anos (de 1999 a 2014) o número de estabelecimentos hoteleiros quase triplicou, enquanto o número de quartos e postos de trabalho relacionados com o setor multiplicou por quatro e a capacidade de alojamento quase multiplicou por seis. No que diz respeito à procura, o número de hóspedes triplicou e o número de dormidas quadruplicou entre 1999 e 2014, sendo este aumento especialmente significativo nas ilhas do Sal e da Boavista. Esta última tem-se afirmado como uma alternativa à ilha do Sal como destino turístico internacional.

O fenómeno turístico em Cabo Verde assume uma dimensão claramente internacional; o número de nacionais que viajam e utilizam as infraestruturas turísticas – embora nem sempre o façam por motivos diretamente relacionados com o lazer – não ultrapassa os 9%. Entre os estrangeiros, merecem destaque os turistas europeus e, em particular, os portugueses, os ingleses, os alemães e os franceses que, juntos, constituem cerca de 55% do número de hóspedes e cerca de 60% do número de noites. No entanto, a situação parece estar a mudar, na medida em que este destino começa a tornar-se extremamente atractivo para belgas, holandeses, espanhóis e americanos, para citar apenas os países que, entre 2001 e 2014, duplicaram o número de turistas” (CUNHA; JACINTO; CRAVIDÃO, 2015).

A distribuição assimétrica dos equipamentos, sobretudo os de apoio ao turismo, partilhada pela diversidade dos recursos naturais, bem como as dinâmicas que foram geradas, permite concluir que o incremento desta atividade não inverteu, mas, antes, apenas potenciou e ampliou desequilíbrios pré-existentes. As dinâmicas demográficas, económicas e sociais induzidas pelos fluxos turísticos revelaram-se ainda mais polarizadoras, acabando por transformar o Sal e a Boavista num novo pólo, baseado no turístico, com expressivo crescimento demográfico. A procura turística nas demais ilhas, revelou-se mais difusa, alcançando expressão em Santo Antão e no Fogo com base na natureza, em Santiago (Praia, Cidade Velha e Tarrafal) e no Mindelo motivada pelo património histórico e cultural.

Das assimetrias territoriais às abordagens estratégicas da promoção turística

O número de turistas em Cabo Verde cresceu em média, entre 2000 e 2008, 11,4% ao ano, passando de 145.000 turistas em 2000 para 333.354 em 2008. No que diz respeito às dormidas, deu-se um crescimento médio anual de 14,5% no mesmo período, passando de 684,7 mil para 1,8 milhões de dormidas em 2008. No entanto cerca de 95% dos fluxos turísticos centram-se “em



apenas quatro ilhas, nomeadamente Sal, (57%), Santiago (20,1%), Boavista (9,9%) e São Vicente (7,6%)” (CUNHA; JACINTO, 2013).

O lugar estratégico alcançado pelo turismo resulta crescimento que registou no passado recente e da importância que regista em domínios como: (i) *Económicos*: o turismo representa 20% do PIB de Cabo Verde, impulsionando de modo direto e indiretos os restantes setores económicos do arquipélago; (ii) *Sociais*: o turismo ocupa uma percentagem significativa da população ativa, além dos efeitos indiretos na restauração e na ocupação de mão de obra informal, que vive de expedientes, da venda de artesanato e outras atividades; (iii) *Territoriais*: o turismo tem forte expressão territorial que se manifesta na paisagem pela localização das infraestruturas, sobretudo equipamentos de apoio à atividade. Se os efeitos negativos que tem na paisagem e no ambiente obrigam a maior ponderação, os hipotéticos benéficos nas comunidades locais também devem mais repartidos, superando a concentração nas ilhas do Sal e da Boavista. As manifestações mais difusas, de âmbito mais localizado, mas importante para algumas comunidades mais remotas, sobretudo de Santo Antão e Fogo, devem ser potenciadas.

A escassez de recursos, a pequena dimensão do arquipélago, a geografia e as especificidades históricas do país sempre estiveram presentes na hora do debate das estratégias de desenvolvimento, designadamente as que têm implicações na expansão do turismo. Não se pode estranhar, pois, as sucessivas estratégias, programas, planos e políticas públicas de desenvolvimento orientadas para esta atividade, onde releva o Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Cabo Verde (2010/2013). Nortearam o plano os seguintes objetivos: “(i) identificar o potencial turístico do país no contexto das oportunidades geradas pela situação atual – e esperada – para o setor a nível global; (ii) identificar áreas de melhoria e obstáculos ao desenvolvimento sustentável do turismo no arquipélago; (iii) definir e transmitir uma visão clara sobre o tipo de turismo que queremos para Cabo Verde, de acordo com a estratégia de desenvolvimento do país definida pelo Governo; (iv) estabelecer as políticas e orientações estratégicas dos programas de ação que visem atingir objetivos previamente definidos no sector do turismo, bem como identificar os recursos necessários à sua consecução; e (v) estabelecer mecanismos eficazes para monitorar e avaliar os resultados de sua implementação” (CUNHA; JACINTO; CRAVIDÃO, 2015).

O referido plano para o turismo do arquipélago, focado na promoção do “destino Cabo Verde”, visava “definir o posicionamento de Cabo Verde em função do desenvolvimento da marca

turística ... um país único, diferenciado de outros destinos identificados como concorrentes diretos. Partia dos seguintes pressupostos: “definir o posicionamento de cada ilha no uma lógica de produto (de acordo com a oferta atual); definir uma estratégia de segmentação do turismo em Cabo Verde (de acordo com os principais mercados alvo e tipologias de turistas atuais e potenciais); definir ações de promoção do destino cabo-verdiano; identificar oportunidades para o desenvolvimento sustentável do turismo”. A aposta desta política pública visava: “aumentar a competitividade de Cabo Verde como destino turístico; garantir o desenvolvimento sustentável da atividade turística a curto, médio e longo prazo termo; maximizar a internalização e democratização dos benefícios do turismo” (CUNHA; JACINTO; CRAVIDÃO, 2015).

Turismo & desenvolvimento: entre vulnerabilidades e coesão (ambiental, económica, social e territorial)

Os limites e as fragilidades naturais, económicas, sociais e culturais, que se tornam patente ao longo deste texto, condicionam o desenvolvimento de Cabo Verde, e do turismo em particular, designadamente numa evolução ambiental mais durável, socialmente mais inclusiva e territorialmente mais equilibrada. Os fatores naturais, os impostos pela geografia e os que decorrem dos constrangimentos históricos e sociais explicam tanto as dificuldades como o êxito relativo que o turismo tem evidenciado no arquipélago, revelando capacidade de atração e de se impor no panorama internacional dum setor competitivo, bastante mutável e muito exigente. Sem nos determos detalhadamente sobre *forças, oportunidades, fraquezas e ameaças*, típica de qualquer análise SWOT, e que foram sucintamente afluídas, importa destacar a diversidade relativa dos contextos geográficos das diferentes ilhas como os recursos específicos que suportam e dão conteúdo a um destino alternativo e relativamente especializado. O estudo citado, feito para orientar o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, apontava três produtos âncora que deviam estruturar a especialização das ilhas:

- (i) *Sol e praia*, centrado nas *ilhas do sol* (Sal, Boavista e Maio). Estas ilhas revelam aptidões especiais para a praia e, complementarmente, para a prática de desportos náuticos.
- (ii) *Natureza insólita*, propício nas *ilhas dos sentidos* (Santo Antão, Santa Luzia, S. Nicolau, Fogo e Brava). O quadro natural, a par da cultura, apresenta condições específicas para a prática

de diferentes modalidades de turismo natureza, desporto (tracking, BTT, caminhadas), observação de aves e espécies marinhas;

(iii) *Negócios, eventos e lazer, nas ilhas do glamour* (Santiago, São Vicente). O contacto com estas ilhas permite uma vivência cultura rica e singular e usufruir dos encantos da história, da música, da dança e da gastronomia.

O que se acaba de expor põe em evidência que a crónica dependência do país não diminuiu com a expansão do turismo. Por outro lado, esta dependência externa acentua a vulnerabilidade do país e a exposição às crises, sejam as económicas, mais ou menos conjunturais, como as que temos vivido ciclicamente nas últimas décadas, como as de outro cariz, como a recente crise pandémica, responsáveis diretos pela diminuição da procura turística a nível internacional e o retraimento dos investimentos externos no país.

As políticas públicas são ainda mais relevantes em contextos tão frágeis como os apresentados por Cabo Verde. O seu papel é fundamental para orientar um desenvolvimento mais justo e equitativo, incluindo o do turismo, onde devem presença destacada as práticas de conservação e gestão a nível ambiental. O tão almejado desenvolvimento sustentável implica conciliar as potencialidades disponíveis sem sacrificar os recursos e o ambiente, onde a riqueza gerada não comprometa a equidade económica, social e territorial, do nível local ao nacional.

Após os últimos anos vividos sob uma crise profunda, o turismo das ilhas no período pós-covid debate-se com a enorme incerteza que o atual conflito bélico veio acentuar. Embora Cabo Verde não esteja imune aos efeitos colaterais desta tensão e esteja confrontado com a necessidade de percorrer estes caminhos de incerteza convidamos a realizar uma viagem imagética pelo arquipélago. O *Roteiro (geo)fotográfico pelas ilhas “afortunadas”* que vamos apresentar, a exemplo doutras anteriormente ensaiadas (JACINTO, 2011), segue o lema daquela expressão crioula, presente num verso de Eugénio Tavares, que significa “quem não parte/ *nunca regressa*”: *Se ca bado/ Ca ta birado*.

As imagens, recolhidas em sucessivas viagens a Cabo Verde (2005, 2008 e 2011), mostram sítios e lugares, vulnerabilidades ambientais e constrangimentos sociais, a importância decisiva da geografia, como problema, mas, também, como recurso que o país tem à sua disposição. Ficam evidentes pelas imagens as motivações que levam tantos estrangeiros a demandarem o arquipélago, as experiências que podem vivenciar. O convite a qualquer viagem não dispensa um roteiro que

foi desenhado a partir de cinco coordenadas que nos facultam uma introdução à leitura das singularidades do território de Cabo Verde: (i) O mar: sol, praia, insularidade; (ii) A terra: património natural, paisagens insólitas; (iii) O tempo: povoamento, património, memória colonial; (iv) As pessoas: cultura, identidade, morabeza; (v) O turismo: o sol, a praia, a natureza, a cultura.

Se ca bado/ Ca ta birado⁴: um roteiro (geo)fotográfico pelas ilhas “afortunadas”

I. O mar: sol, praia, insularidade.

Poema do Mar

O drama do **Mar**,/ **desassossego** do mar,/ **sempre/ sempre/ dentro de nós!** // O Mar! / cercando/ prendendo as nossa Ilhas! / Deixando o esmalte do seu salitre nas faces dos pescadores, / roncando nas areias das nossas praias, / batendo a sua voz de encontro aos montes, / baloiçando os barquinhos de pau que vão Poe estas costas... //

O Mar! / pondo rezas nos lábios, / deixando nos olhos dos que ficaram/ a nostalgia resignada de países distantes/ que chegam até nós nas estampas das ilustrações/ nas fitas de cinema/ e nesse ar de outros climas que trazem os passageiros/ quando desembarcam para ver a pobreza da terra! //

O Mar! / a esperança na carta de longe/ que talvez não chegue mais! // O Mar! / saudades dos velhos marinheiros contando histórias de tempos passados, / histórias da baleia que uma vez virou canoa... / de bebedeiras, de rixas, de mulheres, / nos portos estrangeiros... //

O Mar! / dentro de nós todos, / no canto da Morna, / no corpo das raparigas morenas,/ nas coxas ágeis das pretas, / no desejo da viagem que fica em sonhos de muita gente! // Este convite de toda a hora/ que o Mar nos faz para a evasão! / **Este desespero de querer partir/ e ter que ficar!**

(Jorge Barbosa. Ambiente, 1941)

⁴ Verso do poema Morna da despedida de Eugénio Tavares (*in* Mornas – canções crioulas, 1933), assim traduzido por Manuel Ferreira: “Se não partir (quem não parte)/ Não se regressa (*não regressa* ”).



O mar em Cabo Verde: presença constante e envolvente.
Ribeira Grande, Santo Antão.



Recorte de costa bastante pronunciado.
Santiago.



Lava da última erupção numa rechã junto
ao mar.
Relva, Fogo.



Enseada, antiga aguada.
Cidade Velha, Santiago.



Monte Cara e Porto Grande.
Mindelo.



O mar e a pesca.
Tarrafal, Santiago.



O mar, a pesca e o turismo.
Santa Maria, Sal.



Fronteira azul, a linha de costa e o vulcão
do Fogo no horizonte. Vista de avião sobre
Santiago.



Porto (Grande), cais de partida.
Mindelo, S. Vicente.

II. A terra: património natural, paisagens insólitas

Poema

Talvez um dia/ Quem sabe!... // Sim/ talvez um dia.../ pedra jogada/ a nossa gaiola de vidro/ e para nós/ a fuga/ além fronteira do mar. //

Talvez arrebente um dia/ o búzio dos mistérios/ no fundo do mar// e mais um vulcão venha a tona/ — dez vinte/ mil vulcões — Quem sabe!... /e as ilhas fiquem derretidas: /Estranha alquimia/ de montes e árvores/ de lavas e mastros/ de gestos e gritos. //

Talvez um dia/ onde é seco o vale/ e as arvores dispersas/ haja rios e florestas. /E surjam cidades de aço/ e os pilões se tornem moinhos. // Ilhas renascidas/nuvens libertas... Talvez um continente/ À medida dos nossos desejos. // Sim/ Talvez um dia...// Quem sabe!

(Arménio Vieira. Mákuá 1, 1962)



O vulcão do Fogo visto da caldeira.

Chã das Caldeiras, Fogo.



Antigo cone de vulcão agricultado.
Tope da Coroa, Santo Antão.



Escarpa da cratera vulcânica e a Chã das Caldeiras com lava da última erupção.
Fogo.



Ribeira Calabaceira vista do forte de S. Filipe.
Cidade Velha, Santiago.



Salinas em antiga cratera vulcânica.
Pedra Lume, Sal.



Passagem entre vales encaixados.
Delgadinho (Desfiladeiro), Santo Antão



Cultivo de cana em vertente com socalcos.
Santo Antão.



Povoamento em encosta
Santo Antão.



Agricultura.
Vale do Paul, Santo Antão.

III. O tempo: povoamento, património, memória colonial

Canta cu alma, sem ser magoado

Céu é grandi, mundo é largo/ Alto é monti picu 'Ntoni/ Bo dor câ tem comparaçon/ Na mei' di fúria bento lesti//

Teteia bai pâ nunca más/ Terra-longi di San Tomé

Nha Cumá, Toti Cadabra/ Curti mundo d'amargura//

Toca cimboa, rapica tamboro/ Canta cu alma, sem ser magoado//

S'quêce vapor, s'quêce distância/ Finca bo pé na terra firmi/ Rumo di mar é sina tristi/

Bo caminho é tchom di Caoberdi//

Nho Nacho flâ al di bêm tempo/ Qui midjo tâ dê sem mêste tchuba/ Vontadi d'omi é sima

Deus/ **Coração forti câ dêbe tchora//**

Toca cimboa, rapica tamboro/ Canta cu alma, sem ser magoado.

(Arménio Vieira)



Cidade histórica, Património da Humanidade (2009).
Cidade Velha, Santiago.



Campo de Concentração do Tarrafal.
Chão Bom, Santiago.



Pelourinho.
Cidade Velha, Santiago.



Cidade colonial.
Praça Serpa Pinto, Praia.



Rua de Lisboa
Mindelo, S. Vicente.



Cidade pós-colonial.
Periferia da Praia, Santiago



Cidade pós-colonial.
Periferia do Mindelo, S. Vicente..



Casa de sobrado.
S. Filipe, Fogo.



Povoamento rural.
Monte Brasil, Tarrafal, Santiago.

IV. As pessoas: cultura, identidade, morabeza

Crioulo

Há em ti a chama que arde com inquietação/ e o lume íntimo, escondido, dos restolhos/ -
que é o calor que tem mais duração. / A terra onde nasceste deu-te a coragem e a
resignação. / Deu-te a fome nas estiagens dolorosas. / Deu-te a dor para que nela/
sofrendo, fosses mais humano. //

Deu-te a provar da sua taça o agri-doce da compreensão, / e a **humildade que nasce do
desengano...**// E deu-te esta **esperança desenganada/** em cada um dos dias que virão/ e
esta **alegria guardada/ para a manhã esperada/ em vão...**

(Manuel Lopes. Crioulo e outros poemas, 1964)



Morabeza: ambiente urbano.
Mindelo, S. Vicente



Cena de rua; mercado informal.
Mindelo, S. Vicente.



Regresso da pesca, início da venda do
pescado.
Tarrafal, Santiago.



Água e precaridade das condições de vida
Interior de Santo Antão.



Mulher e condições de vida.
Cidade Velha, Santiago.



Trapiche e fabrico de grogue.
Interior de Santiago.



Artesão de instrumentos musicais
Mindelo, S. Vicente



Musica, constante da cultura e do
quotidiano.
Mindelo, S. Vicente



Mar e meditação.
Mindelo, S. Vicente

IV. O turismo

Anseio

*Ah, esta ânsia de partir, de ser/ um barco mais na imensidão do mar... / De ir sempre
além, sem saber/ a rota certa para regressar...//*

*De ver as praias distantes/ que o meu desejo embeleza.../ Em viver aqueles instantes/
estranhos na sua incerteza... //*

*Ah, esta ânsia.../ Fraco, permaneço/ na mesma inútil imobilidade.../ Espártaco de hoje,
careço/ de direito de cidade...*

(Daniel Filipe. Missiva, 1946)



Turistas europeus.
Santa Maria, Sal.



Turismo de sol e praia.
Santa Maria, Sal.



Praia.
Tarrafal, Santiago.



Turistas junto a curiosidade geológica.
Buracona, Sal.



Rua da Banana, património histórico.
Cidade Velha, Santiago.



Turismo, paisagem e património natural.
Interior de Santo Antão.



Música e imaginário da cabo-verdianidade.
Pintura em sala do Aeroporto Amílcar Cabral.



Turismo e impacto paisagístico.
Santa Maria, Sal.



Turismo e crescimento urbano.
Espargos, Sal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFAMA, V.; GOMES, A; BRILHA, J. Guia turístico da Ilha do Fogo. Coimbra : Universidade de Coimbra, 2008.

ALMEIDA, Germano. **Cabo Verde - Viagem pela História das Ilhas**. Alfragide : Caminho, 2003.

AMARAL, Ilídio [1964]. **Santiago de Cabo Verde**. A terra e os homens (Memórias da Junta de Investigação do Ultramar, nº 48, Lisboa). Faro : Universidade do Algarve, 2007.

CARREIRA, António. **Estudos de economia Cabo-verdiana**. Lisboa : INCM, 1982.

_____. **Cabo Verde**. Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878). Praia : Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983.

_____. **Migrações nas ilhas de Cabo Verde**. Praia : Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983.

CUNHA, Lúcio; JACINTO, Rui; CRAVIDÃO, Fernanda. Tourisme et développement au Cap-Vert au début du XXI^e siècle. **Revue internationale de géologie, de géographie et d'écologie tropicales** (Revue publiée sous le patronage scientifique de l'Académie royale des Sciences d'Outre-Mer de Belgique) v. 39, n. 2, p. 281-296, 2015.

CUNHA, Lúcio; JACINTO, Rui. Turismo e desenvolvimento dos territórios insulares. Apontamentos para uma Geografia do Turismo em Cabo Verde. In: CRAVIDÃO, Fernanda; SANTOS, Norberto (coords.). **Turismo e Cultura: destinos e competitividade**. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. p. 507-545.

_____; _____ (coords). **Interioridade/ Insularidade - Despovoamento/ Desertificação: Paisagens, Riscos Naturais e Educação Ambiental em Portugal e Cabo Verde**. Coleção Iberografias, v. 17. Guarda : CEI, 2011.

HANRAS, Marie-Christine. **Manuel Lopes, um itinerário iniciático**. Praia : ICL, 1995.

JACINTO, Rui; RIBEIRO, Maria Luisa Ferro. A Toponímia de Cabo Verde: apontamentos sobre as suas Geografias. **Iberografias (Revista de Estudos Ibéricos)**, Guarda, n. 16, p. 33-64, 2020.

JACINTO, Rui. Transversalidades, Interioridades, Insularidades: apontamentos de viagem ao Interior da Beira e ao Arquipélago de Cabo Verde. In: CUNHA, Lúcio; JACINTO, Rui (coords). **Interioridade/ Insularidade - Despovoamento/ Desertificação: Paisagens, Riscos Naturais e Educação Ambiental em Portugal e Cabo Verde**. Coleção Iberografias, v. 17. Guarda : CEI, 2011. p. 27-65.

_____. Cabo Verde segundo Maria Luisa Ferro Ribeiro: território e sociedade. **Iberografias (Revista de Estudos Ibéricos)**, Guarda, n. 11, p. 181-193, 2015a.

_____. Cabo Verde: uma incompleta bibliografia geográfica. **Iberografias (Revista de Estudos Ibéricos)**, Guarda, n. 11, p. 194-202, 2015b.

_____. Si kabadu, ka ta biradu: Cabo Verde, os Países de Língua Portuguesa e a Geografia de Coimbra. **Iberografias (Revista de Estudos Ibéricos)**, Guarda, n. 11, p. 203-207, 2015c.

_____. "As-água" na Geografia e Literatura de Cabo Verde: Manuel Lopes e a geograficidade da sua obra. In: NUNES, Adélia; MOREIRA, Claudete Oliveira; PAIVA, Isabel Rodrigues; CUNHA, Lúcio Sobral (coords). **Territórios de Água**. Coimbra : CEGOT - Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, 2016a. p. 561-568.

_____. Música e identidade cabo-verdiana: a propósito da candidatura da Morna a Património Imaterial da Humanidade. In: JACINTO, Rui; CABERO, Valentin (coords.). **Diálogos (Trans)fronteiriços: Patrimónios, Territórios, Culturas**. Coleção Iberografias, n. 31. Guarda : CEI, 2016b. p. 381-390.

LOPES, Baltasar. **Chiquinho**. Mindelo : Claridade, 1947.

LOPES, Manuel. **Chuva Brava**. 1956.

_____. **O Galo cantou na Baía**. 1959.

_____. **Os Flagelados do Vento Leste**. 1960.

MARTINS, Alfredo Fernandes. Alguns reparos à classificação de colónias proposta por Hardy. **Boletim do Instituto de Estudos Franceses**, v. II/III, p. 187-208, 1943.

MURTEIRA, Mário. **Os estados de língua portuguesa na economia mundial**. Lisboa : Presença, 1988.

NASCIMENTO, Judite; JACINTO, Rui. Villes et conditions de vie urbaine au Cap Vert. **Revue internationale de géologie, de géographie et d'écologie tropicales** (Revue publiée sous le patronage scientifique de l'Académie royale des Sciences d'Outre-Mer de Belgique), v. 39, n. 2, p. 255-280, 2015.

RIBEIRO, Maria Luísa Ferro. **A Ilha de Santiago**. Contribuição para o estudo de uma fenomenologia sócio-económica. Tese (Licenciatura em Geografia), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1961.

RIBEIRO, Orlando, **A Ilha do Fogo e as suas erupções**. Memórias da Junta de Investigação do Ultramar, nº 1, 1954..

_____. Primórdios da ocupação das ilhas de Cabo Verde. **Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa**, tomo XXI, n. 1, 1955.

_____. As ilhas de Cabo Verde no princípio do século XIX: memórias de António Pusich. **Garcia de Orta : Revista da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar**, Lisboa, v. IV, n. 4, p. 605-634, 1956.

SEMEDO, José Maria. O milho, a esperança e a luta. In: VEIGA, Manuel (coord.). **Cabo Verde: insularidade e literatura**. Paris: Editions Karthala, 1998. p. 81-92.

VEIGA, Manuel (coord.). **Cabo Verde: insularidade e literatura**. Paris: Editions Karthala, 1998.

.



VARIA: Artigo



CARACTERIZAÇÃO MORFOMÉTRICA DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ZAMBEZE: UMA CONTRIBUIÇÃO NA IDENTIFICAÇÃO DO GRAU DE SUSCEPTIBILIDADE À INUNDAÇÕES NO MUNICÍPIO DE TETE

MORPHOMETRIC CHARACTERIZATION OF THE ZAMBEZE RIVER BASIN: A CONTRIBUTION TO THE IDENTIFICATION OF THE DEGREE OF SUSCEPTIBILITY TO FLOODING IN THE MUNICIPALITY OF TETE

CARACTERIZACIÓN MORFOMÉTRICA DE LA CUENCA DEL RÍO ZAMBEZE: UNA CONTRIBUCIÓN A LA IDENTIFICACIÓN DEL GRADO DE SUSCEPTIBILIDAD A INUNDACIONES EN EL MUNICÍPIO DE TETE

Wairosse Miguel Wairosse; Victor Benjamin Victor; Ringo Benjamin Victor

Wairosse Miguel Wairosse
Licenciado em Ensino de Geografia pela Universidade Púnguè- Extensão de Tete.
Docente de Geografia do Colégio Académico Prestígio na Cidade de Tete.
wairossemiguel@gmail.com

Victor Benjamin Victor
Mestrando em Geoquímica: Petróleo e Meio Ambiente na Universidade Federal da Bahia.
Licenciado em Geologia pela Universidade Rovuma em Moçambique
victor.valane@gmail.com

Ringo Benjamin Victor
Docente de Ciências Geográficas afecto à Faculdade de Geociências e Ambiente na Universidade Púnguè em Tete.
mgauptete@gmail.com

Como citar

WAIROSSE, M. W., VICTOR, B. V.; VICTOR, R. B. Caracterização morfométrica da Bacia Hidrográfica do Rio Zambeze: uma contribuição na identificação do grau de susceptibilidade à inundações no Município de Tete **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n.3, p. 105-121, jul.- set. 2022

Recebido: 22/07/2022

Aceite: 25/08/2022

RESUMO

As Geotecnologias são ferramentas básicas e bastante utilizadas no planeamento urbano, na gestão de recursos hídricos e em estudos de susceptibilidade erosiva como deslizamentos de terra e inundações por serem capazes de obter informações confiáveis e de baixo custo sejam elas qualitativas e/ou quantitativas. O presente artigo objetivou avaliar o grau de Susceptibilidade as Inundações no Município de Tete – Província de Tete e realizar a caracterização morfológica da Bacia Hidrográfica do Zambeze (BHZ) na Cidade de Tete. Esta pesquisa teve como base os parâmetros Morfológicos na identificação de áreas susceptíveis a inundações. Os procedimentos metodológicos cingiram-se em pesquisa bibliográfica, trabalho de gabinete, aplicação de técnicas de geoprocessamento em ambiente SIG, através do *software* ArcMap 10.5. Os resultados da pesquisa mostram que a área de estudo possui uma área de aproximadamente 287 Km² e um perímetro de 86,08 km, abrangendo nove (9) bairros. Com base no cálculo dos índices morfológicos, obteve-se os seguintes valores: índice de factor forma (0,54), coeficiente de compacidade (1,44) e índice de circularidade (0,48) e consoante a sua topografia possui um relevo predominantemente plano. A soma desses fatores permitiu concluir que a BHZ na Cidade Tete possui uma tendência média a susceptibilidade de gerar grandes inundações ou picos de enchentes, principalmente no lado Sul da Cidade.

Palavras-chave: riscos; planeamento ambiental; inundações; vulnerabilidade sócio-ambiental.

ABSTRACT

Geotechnologies are basic and widely used tools in urban planning, water resources management and erosive susceptibility studies such as landslides and floods, as they are able to obtain reliable and low-cost information, whether qualitative and/or quantitative. The present article aimed to evaluate the degree of Susceptibility to Floods in the Municipality of Tete - Province of Tete - and to carry out the morphometric characterization of the Zambezi River Basin (BHZ) in the City of Tete. This research was based on Morphometric parameters in the identification of areas susceptible to flooding. The methodological procedures were limited to bibliographic research, office work and application of geoprocessing techniques in a GIS environment through ArcMap 10.5 software. The survey results show that the study area has an area of approximately 287 km² and a perimeter of 86.08 km, covering nine (9) neighborhoods. Based on the calculation of the morphometric indices, the following values were obtained: form factor index (0.54), compactness coefficient (1.44) and circularity index (0.48), and in relation to its topography it has a predominantly flat relief. The sum of these factors allowed us to conclude that the BHZ in Tete City has an average tendency to susceptibility to generate large floods or flood peaks, mainly on the south side of the city.

KEYWORDS: risks; environmental planning; floodings; socio-environmental vulnerability.

RESUMEN

Las geotecnologías son herramientas básicas y ampliamente utilizadas en la planificación urbana, en la gestión de los recursos hídricos y en los estudios de susceptibilidad erosiva como deslizamientos e inundaciones, ya que son capaces de obtener información confiable y de bajo costo, ya sea cualitativa y/o cuantitativa. El presente artículo tuvo como objetivo evaluar el grado de Susceptibilidad a Inundaciones en el Municipio de Tete - Provincia de Tete - y realizar la caracterización morfológica de la Cuenca del Zambezi (BHZ) en la Ciudad de Tete. Esta investigación se basó en parámetros Morfológicos en la identificación de áreas susceptibles a inundaciones. Los procedimientos metodológicos se limitaron a la búsqueda bibliográfica, trabajo de oficina y aplicación de técnicas de geoprociamiento en un ambiente SIG, a través del *software* ArcMap 10.5. Los resultados de la investigación muestran que el área de estudio tiene una superficie aproximada de 287 km² y un perímetro de 86.08 km, abarcando nueve (9) barrios. En base al cálculo de los índices morfológicos se obtuvieron los siguientes valores: índice de factor de forma (0.54), coeficiente de compacidad (1.44) e índice de circularidad (0.48), y con respecto a su topografía presenta un relieve predominantemente plano. La suma de estos factores nos permitió concluir que la BHZ de la ciudad de Tete tiene una tendencia media a la susceptibilidad a generar grandes inundaciones o picos de inundación, principalmente en el lado sur de la ciudad.

PALABRAS-CLAVE: riesgos, planificación ambiental; inundaciones, vulnerabilidad socioambiental.

INTRODUÇÃO

Moçambique é um país que dada a sua localização fisiográfica é frequentemente afetado por eventos climáticos extremos, notadamente: ciclones, cheias e secas que consubstancia, por um lado, as alterações climáticas. Estima-se que em Moçambique cerca de 60% da população vive ou habitam nas costas e margens dos rios, estando assim expostos aos eventos climáticos e hidrológicos, o que lhes propicia, portanto, maior vulnerabilidade à tempestades tropicais, cheias e inundações, só para citar alguns exemplos.

A Cidade de Tete¹ encontra-se situada entre as margens do Rio Zambeze, um dos maiores rios e mais importantes que atravessa o território nacional, com cerca de 2.600 km de comprimento. Portanto, é o 26º rio mais comprido do Mundo e o 4º em África, depois de Nilo (6.700 km) Zaire (4.600 km) e Níger (4.200 km) (MUCHANGOS, 1999). A bacia hidrográfica possui cerca de 1.330.000 km², dos quais só 3.000 km² em território moçambicano facto que confere-a, maior susceptibilidade a eventos hidrológicos. A esse respeito, PADCT (2015) afirma que a “Cidade de Tete é uma Cidade de alto risco por ser afectada por cheias”. Este fato é exacerbado pelo armazenamento da Albufeira de Cahora Bassa que é afectado pela capacidade de armazenamento das grandes Albufeiras de Kariba e Itezhi-Tezhi que se encontram à montante.

O fenómeno das inundações é um evento natural, que se caracteriza pelo extravasamento da água do leito normal do rio, facto propiciado por precipitações intensas fazendo com que a quantidade de água que chega simultaneamente para um ponto do rio seja maior do que sua capacidade de escoamento (DEFESA CIVIL, 1996 *apud* PROCHMAN, 2014). A mesma fonte refere que as inundações nas áreas urbanas acarretam transtornos e prejuízos para a população, e muitas vezes resultam em vítimas, se agravando em função do aumento da urbanização, o uso indevido da terra, assoreamento dos rios e principalmente a ocupação das áreas susceptíveis à inundação.

¹Cidade de Tete é a capital da Província do mesmo nome na região central de Moçambique. Em termos históricos, esta cidade era um centro comercial swahili quando se estabeleceu o domínio português por volta 1530 (SILVA, 2013 *apud* MACUVEIA, 2019).

A Cidade de Tete é considerada como uma Cidade de alto risco de ser afectada por cheias por esta se localizar a jusante de três barragens hidroeléctricas. À luz do Artigo 7º da Lei nº 15/2014 de 20 de Junho, que estabelece o Regime Jurídico da Gestão das Calamidades (RJGC), refere que:

Compete aos governos provinciais e ao representante do Estado na autarquia definir, no prazo de 180 dias após a entrada em vigor da Lei, as zonas de risco de calamidades nas respectivas áreas de jurisdição, onde é interdita a construção de habitações, mercados e outras infra-estruturas, excepto mediante aplicação de tecnologias de construção adequadas.

Porém, apesar disso, até então constatamos que não existe um estudo exaustivo que possa responder a problemática acima levantada, apesar de, o Município de Tete ter identificado alguns pontos, como é o caso do Vale do Nhartanda. É diante disso que o estudo se propõe a dissertar, pela necessidade de mapear as áreas susceptíveis á inundações na Cidade de Tete, por meio de cálculos dos parâmetros morfométricos e, deste modo, apresentar a importância do estudo numa área urbana como subsídio ao processo de tomada de decisões no planeamento físico no que tange a implantação de infra-estruturas sociais e económicas, principalmente.

MATERIAL E MÉTODOS

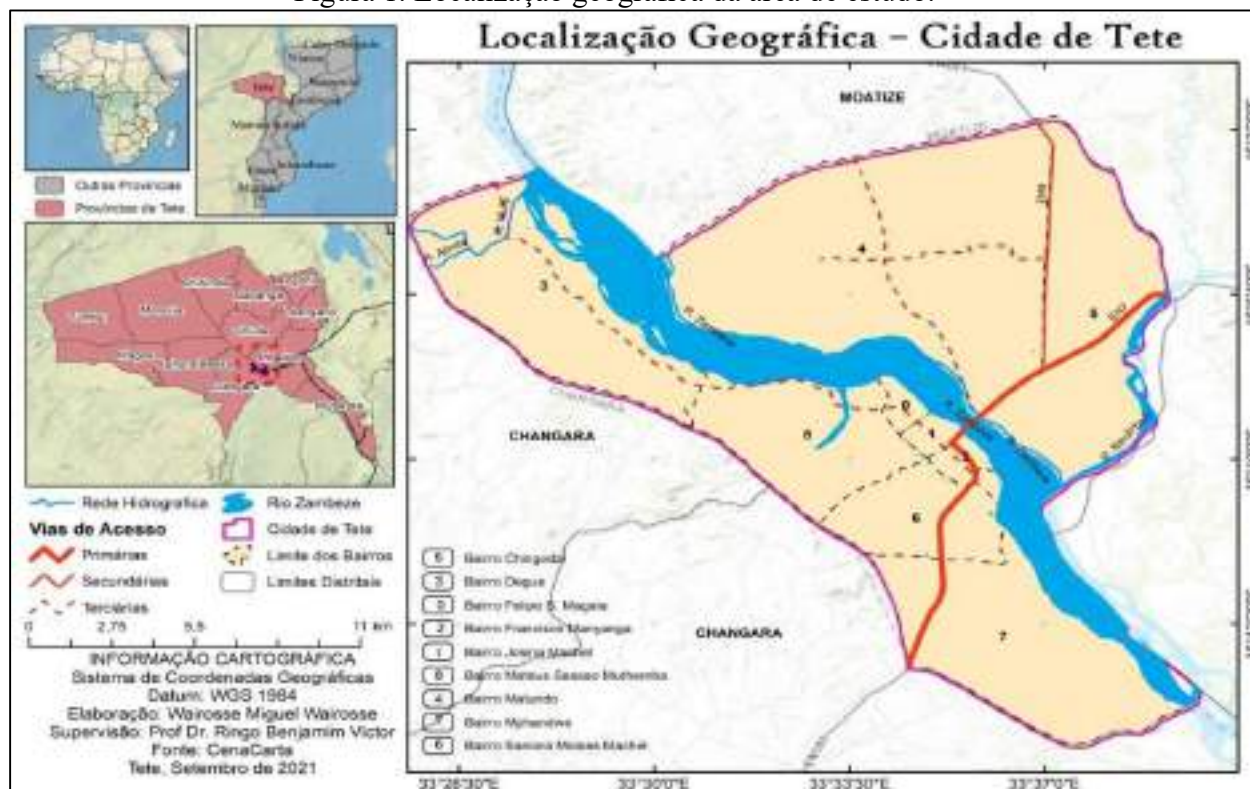
Caracterização da Área de Estudo

Segundo PADCT (2015), a área total do Distrito da Cidade de Tete é de aproximadamente 287 km². Na administração municipal actual, a Cidade de Tete é composta por nove (9) Bairros, nomeadamente: Degue; Chingozi; Filipe Samuel Magaia; Francisco Manyanga; Josina Machel; Mateus Sansão Muthemba; Matundo; Samora Machel e M'padué, sendo no entanto, os Bairros Chingozi e Matundo, um dos maiores e o primeiro, um dos melhores em termos de arruamento e ocupação física do solo. Já o segundo, um dos piores em termos de urbanização, ordenamento territorial e saneamento do meio.

O Distrito da Cidade de Tete localiza-se na região do Baixo Zambeze, Província de Tete, tendo como limites geográficos: a Norte e Este, Distrito de Moatize, a Sul pelo Distrito de Changara, e por fim, a Oeste pelos Distritos de Marara e Changara, respectivamente.

Astronomicamente, a área de estudo localiza-se entre os paralelos 16° 03' 20'' e 16° 13' 20'' S e 33° 26'30'' e 33°37'00'' E. (Figura 1).

Figura 1. Localização geográfica da área de estudo.



Procedimento metodológico

Foi inicialmente empregue a pesquisa bibliográfica para o levantamento de informações atinentes a temática em análise, a partir de artigos, livros, dissertações e teses para subsidiar a formulação do quadro teórico. Em seguida, aplicaram-se as técnicas de Geotecnologias em Ambiente SIG- Sistemas de Informação Geográfica, usando-se o *Softwares* ArcGIS 10.5®, versão *ARCMAP*10.5 para a espacialização de fenómenos naturais e antrópicos. Vale ainda destacar que foi adquirida uma imagem Orbital da SRTM no *site* da USGS, com a resolução espacial de 30m e, de seguida foi feita a sua correcção geométrica, bem como a selecção do contorno da área de estudo, criado *shapefile* (*shp*), onde foi sobreposta ao modelo digital de elevação (MDE) e feito o



processo de extracção da máscara "*Extract by Mask*" para se ter apenas o recorte do MDE da área de estudo, culminando com a selecção do *datum* original WGS_84 Zona 36S.

Posteriormente extraíram-se as curvas de níveis automaticamente no SIG, com a equidistância de 30m registadas automaticamente na tabela de atributos, com a finalidade de criar a base planialtimétrica, possibilitando à geração de redes de triângulos irregulares (TIN) para dar lugar à elaboração do modelo digital de elevação (MDE), com a ferramenta: "*Contour*", que se localiza em *Spatial Analyst Tools* → *Surface*. Para a elaboração do TIN foi utilizada uma base de dados de curvas de níveis no formato *Shapefiles (shp)* obtidas automaticamente, como anteriormente referenciada.

Este formato permitiu o cruzamento de informações referente à hipsometria e geomorfologia do terreno na ferramenta *Arc Toolbox* → *3D Analyst Tool* → *TIN Management* → *Creat TIN* no software *ArcGIS 10.5*. Gerado o TIN, seguiu-se o processo de criação do MDE o qual foi convertido do formato *raster* para *Shapefiles* obedecendo aos passos de sua transformação a partir da ferramenta *ArcToolbox* → *Spatial Analyst Tool* → *Reclass* → *Reclassify* → *Conversion Tool* → *From Raster* → *Raster to Polygon* em ambiente *ArcMap 10.5*.

De seguida, elaborou-se o mapa de declividade que representa a inclinação da superfície do terreno em relação ao plano horizontal. A partir do *layer* do limite da área recortada do local da pesquisa e, diante dos dados já extraídos automaticamente para a tabela de atributos (curvas de níveis) gerou-se o TIN e MDE que transformados em *Raster* já criados, permitiu a geração do mapa de declividade da área de estudo através da ferramenta *Arc ToolBox* → *3D Analyst Tools* → *Spatial Analyst* → *Tools* → *Surfice* → *Slope* no ambiente *ArcGis 10.5*.

Para tanto, foi seleccionada a ferramenta *Reclassify*, seguindo-se a classificação manual e o estabelecimento dos intervalos das classes de declividade em percentagem (%) obedecendo a sua respectiva tonalidade (cores), o que culminou com a elaboração do mapa final de declividade em conformidade com Santos et al (2013).

Obtenção de dados morfométricos

Para análise Morfométrica, foram obtidos seguindo critério estabelecido por Cristofolletti (1980) *apud* Leite, Almeida e Silva. (2012), e Gerber et al (2018) que a seguir são apresentados:

Tabela 1. Apresentação dos parâmetros morfométricos calculados na Bacia Hidrográfica do Rio Zambeze

Parâmetro	Equação	Objectivo	Tendência a enchentes
Índices de forma	-----	A avaliação da forma é efectuada a partir do cálculo de índices que procuram relações com formas geométricas conhecidas. Dentre os métodos destaca-se <i>factor de forma</i> e o <i>índice de compacidade</i> :	-----
Factor forma (Kf)	$Ff = \frac{A}{L^2}$	Relação entre largura e comprimento para avaliação de geometria	$\geq 0,75$ = alta $0,75 - 0,50$ = média $\leq 0,50$ = baixa
Coefficiente de compacidade (Kc)	$kc = 0,28 * \frac{P}{\sqrt{A}}$	Relaciona a bacia a um círculo	$1,00 - 1,25$ = alta $1,25 - 1,50$ = média $< 1,50$ = baixa
Índice de circularidade (IC)	$Ic = \frac{12.57 * A}{P^2}$	Quanto mais próximo do valor 1, maior a circularidade e mais sujeita a inundações	$> 0,51$ = alta $0,51$ = média $< 0,51$ = baixa
Densidade de Drenagem	$Dd = \frac{Lt}{A}$	A densidade de drenagem (Dd) é a relação entre o comprimento total de canais e a área da bacia e para seu cálculo, devem-se considerar todos os rios tanto os perenes como os temporários	$< 0,50$ Baixa $0,50 - 2,0$ Muito Alta $2,01 - 3,50$ Alta $> 3,50$ Mediana
Área da Drenagem (A)	-----	Quanto maior for a área da bacia, maior será o volume de água que passará pelo seu exutório, incitando o efeito das enchentes no interior dessa. A área da bacia é toda área plana (projectada sobre o plano horizontal) limitada pelos divisores topográficos da bacia ou, simplesmente, a área drenada pelo conjunto do sistema fluvial	-----

Legenda: área da bacia (km²); Dd: densidade de drenagem (km/km²); L: comprimento do canal principal (km) e P: perímetro da bacia (km).

Fonte: Adaptado pelos autores (2021) a partir de Leite, Almeida e Silva (2012) e Gerber et al (2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Características Geométricas

As características geométricas são factores determinantes na resposta a inundações de uma dada área. De acordo com as análises das características morfométricas e geométricas calculadas em conjunto com os mapas temáticos elaborados na interface do ArcMap10.5, foi possível caracterizar a Cidade de Tete quantitativamente como será apresentado em síntese a seguir.

Com as técnicas de geoprocessamento aplicadas neste trabalho, foi possível estimar a Cidade de Tete, apresentando uma área de drenagem de 278km² e um perímetro de 86,80 km.



Figura 2. Hierarquia Fluvial



Fonte: Os Autores (2021).

Quanto ao comprimento do rio, foi obtido em um segmento de linha recta no mapa, entre os pontos da foz e determinado ponto situado ao longo do perímetro, obtendo o comprimento desta forma de 23 km.

O resultado da ordem dos rios de acordo com a hierarquia de Strahler (1957), a sua área de drenagem é de ordem 4 (quatro) ou quarta ordem, resultando, deste modo, numa área de baixa drenagem, isto é, com poucas ramificações (a junção dos rios da primeira, segunda e terceira ordem). Desta observação, quanto menor a ordem dos rios, menor também a tendência de enchentes nas áreas, pois ao serem modificadas antropicamente, tendem a gerar enchentes locais.

Para a avaliação das características geométricas, bem como a susceptibilidade da Cidade de Tete em questões de ocorrência de enchentes foram analisados os seguintes parâmetros: F_f (*Factor de Forma*), K_c (*Coefficiente de compacidade*) e I_c (*Índice de circularidade*). A análise destes parâmetros resultou nos seguintes valores na tabela a seguir:



Tabela 2. Características geométricas

Parâmetro	Valor
O factor de forma Kf	0,54
Coefficiente de compacidade Kc	1,44
Índice de circularidade Ic	0,48

Fonte: Os autores (2021)

Estes parâmetros constituem ferramentas indispensáveis na interpretação da tendência da bacia hidrográfica às inundações assim como na determinação da sua forma.

Tabela 3. Valores e interpretação de factor de forma (Ff), índice de circularidade (Ic) e, coeficiente de compacidade (Kc).

Factor Forma (Ff)	Índice de Circularidade (Ic)	Coefficiente de Compacidade (Kc)	Formato da Área	Interpretação
1,00 - 0,75	1,00 - 0,8	1,00 - 1,24	Redonda	Alta tendência à enchentes
0,75 - 0,50	0,8 - 0,6	1,25 - 1,50	Ovalada	Tendência mediana à enchentes
0,50 - 0,30	0,6 - 0,40	1,50 - 1,70	Oblonga	Baixa tendência à enchentes
< 30	< 0,40	> 1,70	Comprida	Áreas com tendência a conservação

Fonte: Adaptado de Villela e Mattos (1975).

De acordo com a tabela acima, os valores de coeficiente de compacidade (1,44) e factor de forma (0,54), evidenciam que a Bacia Hidrográfica do Rio Zambeze na Cidade de Tete possui uma forma ovalada/oblonga², o que caracteriza uma taxa média ou mediana a tendência a enchentes devido a predominância de seu formato alongado. “Isso porque quanto menor o factor de forma, mais comprida é a bacia e, conseqüentemente, menos sujeita a picos de enchente, pois o tempo de concentração é maior, além do baixo índice de probabilidade em atingir toda a extensão da bacia hidrográfica” (CARVALHO E SILVA, 2003 apud JÚNIOR, 2019).

² Quer dizer que tem a forma ovular, com tendência de reter/acumular águas pluviais nos momentos de precipitações intensas e que pode provocar inundações.



O Coeficiente de Compacidade (K_c), também relaciona a forma da bacia com um círculo. De acordo com Vilella e Mattos (1975) *apud* Loo e Machado (2019), consideram que esse coeficiente é um número adimensional que varia com a forma da bacia independente do seu tamanho. Quanto mais irregular a sua forma, maior será o coeficiente de compacidade. Desse modo, um coeficiente mínimo igual à unidade (1) corresponderia a uma bacia circular e, para uma bacia alongada, seu valor é significativamente superior a 1. Uma bacia é mais susceptível à ocorrência de enchentes mais acentuadas quando seu coeficiente for mais próximo da unidade.

Já para o índice de circularidade (I_c), o parâmetro revela quão é circular ou alongada uma bacia hidrográfica. Para Alves e Castro (2003) *apud* Bolotari Júnior (2019), uma bacia com índice abaixo de 0,51, considerada alongada, favorece o escoamento, e se estiver acima de 0,51, considera-se uma bacia mais circular com escoamento reduzido e com alta probabilidade de cheias, contrariamente a em diapasão.

Característica do Relevo

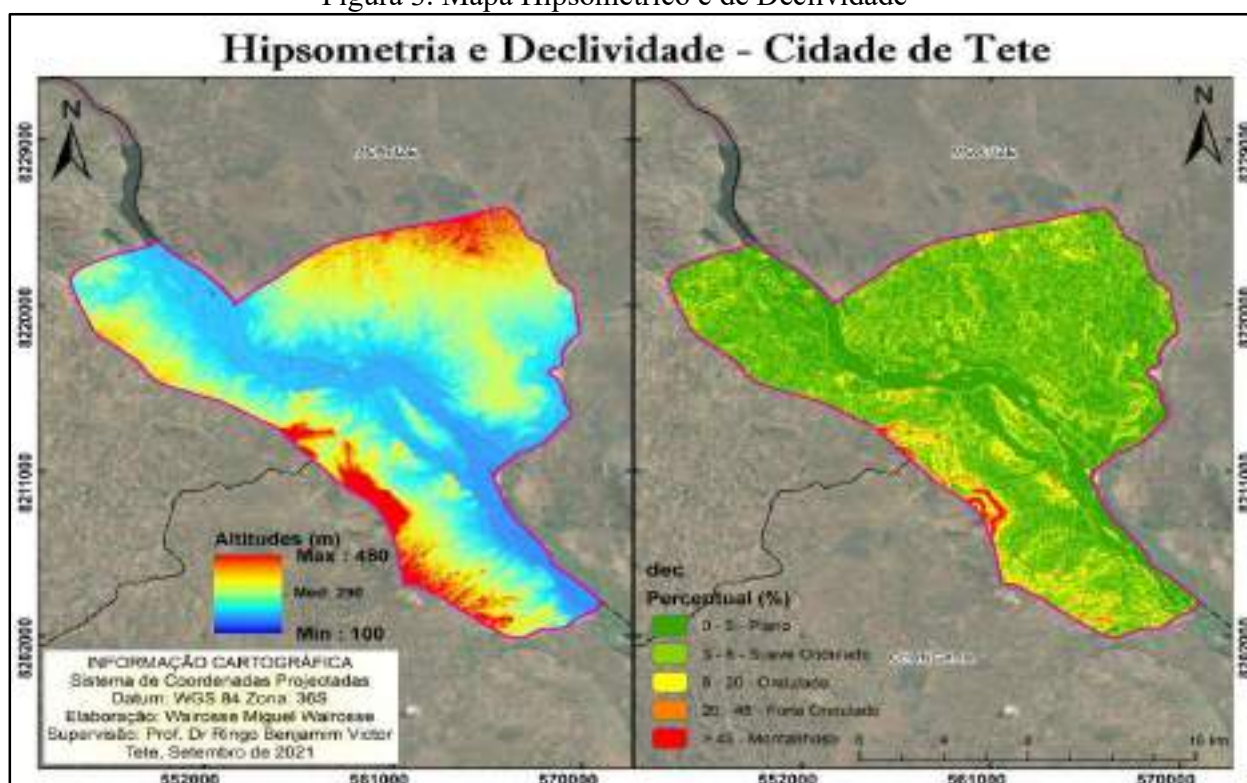
Em relação às características de relevo, Villela e Mattos (1975) *apud* Loo & Machado (2019) referem que o conhecimento das informações sobre altitude é importante devido a influência que exercem sobre a precipitação, sobre as perdas de água por evaporação e transpiração e, conseqüentemente, sobre o escoamento superficial das massas líquidas.

A despeito das características de relevo, observou-se na Cidade de Tete uma altitude mínima de 100 m e máxima de 480 m. Com base nesses valores, determinou-se a amplitude altimétrica (H_m), a que estabelece a diferença entre a maior e a menor cota da área, neste caso particular foi de 380 m, indicando a expressão na área do relevo plano (nos quais predominam os processos de sedimentação), com tendências semi-montanho (podem ocorrer eventos de enchentes apenas de curta duração à jusante) pois tende a ultrapassar os 200m, o que influencia directamente na quantidade de radiação que a Cidade recebe e, conseqüentemente, na evapotranspiração, na temperatura e na precipitação, pois, quanto maior a altitude, menor a quantidade de energia solar que o ambiente recebe e, portanto, menos energia estará disponível para esse fenómeno. Além do balanço de energia, a temperatura também varia em função da altitude; grandes variações na altitude ocasionam diferenças significativas na temperatura, que, por sua vez, também causa variações na evapotranspiração.

Trentin e Robaina (2005) afirmam que o mapa Hipsométrico/altitude tem fundamental importância na análise da energia do relevo. Ele indica condições mais propícias à dissecação para áreas de maior altitude e à acumulação para áreas de menor altitude, factores observados na bacia em estudo.

A declividade indica essencialmente a tendência de baixa velocidade no escoamento superficial, aumentando a possibilidade da infiltração de água no solo. Desta forma, segundo Borsato e Martoni (2004) a área é considerada com baixa declividade, pois está no intervalo de 0 a 3%, como ilustra a Figura 3.

Figura 3. Mapa Hipsométrico e de Declividade



Segundo Carvalho e Neto (2012), a amplitude altimétrica e a declividade, definem, em parte, a velocidade de escoamento. Quanto menores forem os valores, mais lento é o escoamento, aumentando o acúmulo de água. No entanto, ao mesmo tempo em que baixos declives permitem uma prevalência maior da quantidade das águas, também favorece, consequentemente, a infiltração e evaporação. Assim sendo, a Cidade de Tete, pode ser considerada como de

escoamento lento e a evaporação. A partir da análise da declividade foi possível identificar as inclinações das vertentes da Cidade de Tete como mostra a tabela abaixo.

Tabela 4. Classes de Declividade

Classes	Área (Km ²)	Área (%)
Plano	128,6	44,80
Suave Ondulado	124,3	43,10
Ondulado	28,3	9,75
Forte Ondulado	4,2	1,46
Montanhoso	1,0	0,35
Total	287,0	100%

Fonte: Os autores (2021).

A classe plana (0 a 3%) encontra-se em ambientes de planície actual da Cidade de Tete, representando 44,80% da cobertura da área e, é equivalente a 128,6 km² da área total da Cidade que coincide com a maior parte mais baixa da bacia hidrográfica. Por sua vez, a classe suave ondulado (3 a 8%) distribui-se ao longo da Cidade, representando, 43,71% (124,3 km²) da área total e coincide com a área mais habitada da Cidade de Tete.

A classe ondulada (8 a 20%) representa 9,75% (28,3 km²) do total da área. Ao passo que a classe fortemente ondulada (20 a 45%), representa 1,46% (4,2 km²). Por último, a classe montanhosa (> 45%) com 0.35% corresponde a 1,km².

As inclinações de relevo podem influenciar a velocidade de escoamento, humidade do solo e a contribuição de água subterrânea e o escoamento do curso de água. Sala e Gasparetto (2010) enfatizam a importância de considerar a declividade como controladora de boa parte da velocidade do escoamento interferindo no tempo que a água da chuva leva para chegar até os leitos das drenagens. A baixa amplitude altimétrica resulta em baixos valores de razão de relevo, sugere uma área com relevo relativamente plano (44%). Considerado com uma área de ligeira susceptibilidade à erosão, pode-se, portanto, considerar como de baixa fragilidade ambiental aos processos denudacionais em maior parte da sua extensão.

Características da Rede de Drenagem

As características da Rede de Drenagem fornecem uma referência sólida da geologia de qualquer área de estudo, pois em terrenos com materiais duros, há uma ligeira dificuldade da

penetração de água e não se formam novos cursos de água. Nestes casos por exemplo, os valores do mesmo podem variar de 0,5 km² á 3 km², em áreas com drenagem pobre, de 3 á 7 km² em áreas com drenagem médias e 7 km² ou mais, em áreas suficientemente bem drenadas, mas apresentam pouca infiltração e melhor estruturação dos canais. Para a realidade da área de estudo, apresentou-se 0,52 km/km² para a análise da densidade de drenagem, indicando que esta região apresenta baixa relação entre o comprimento de rios que é de 23 km e a área da bacia que é de 278 Km², indicando um eficiente escoamento de fluxo de água e boa infiltração para o lençol freático. O baixo valor para esse parâmetro segundo Christofolletti (1980), classifica-se como uma região pouco susceptível a processos erosivos naturais.

Desta maneira é possível inferir que a densidade de drenagem verificada para área de estudo é essencialmente o reflexo da presença de um relevo predominantemente plano, conforme visto na Figura 3 (declividade e hipsometria).

O comprimento do rio principal é um índice que compreende a distância que se estende ao longo do canal fluvial desde a desembocadura até uma determinada nascente no outro extremo. O critério utilizado para a determinação do comprimento do rio Zambeze foi o estabelecido por Horton (1945), no qual o canal de ordem mais elevada corresponde ao rio principal, que neste caso é um canal de 4^a ordem.

Tabela 5. Resultados dos atributos Morfométricos da Cidade de Tete

	Características Morfométricas	Unidades	Valores Obtidos
Características Geométricas	Área	km ²	287,08
	Perímetro	Km	86,80
	Número de Canais da primeira ordem	—	627
	Coefficiente de Compacidade (Kc)	—	1,44
	Factor Forma (<i>Ff</i>)	—	0,54
	Índice de Circularidade (<i>Ic</i>)	—	0,48
Características do Relevo	Altitude Máxima	<i>M</i>	480
	Amplitude Altimétrica (Hm)	<i>M</i>	280
	Altitude Mínima	<i>M</i>	100

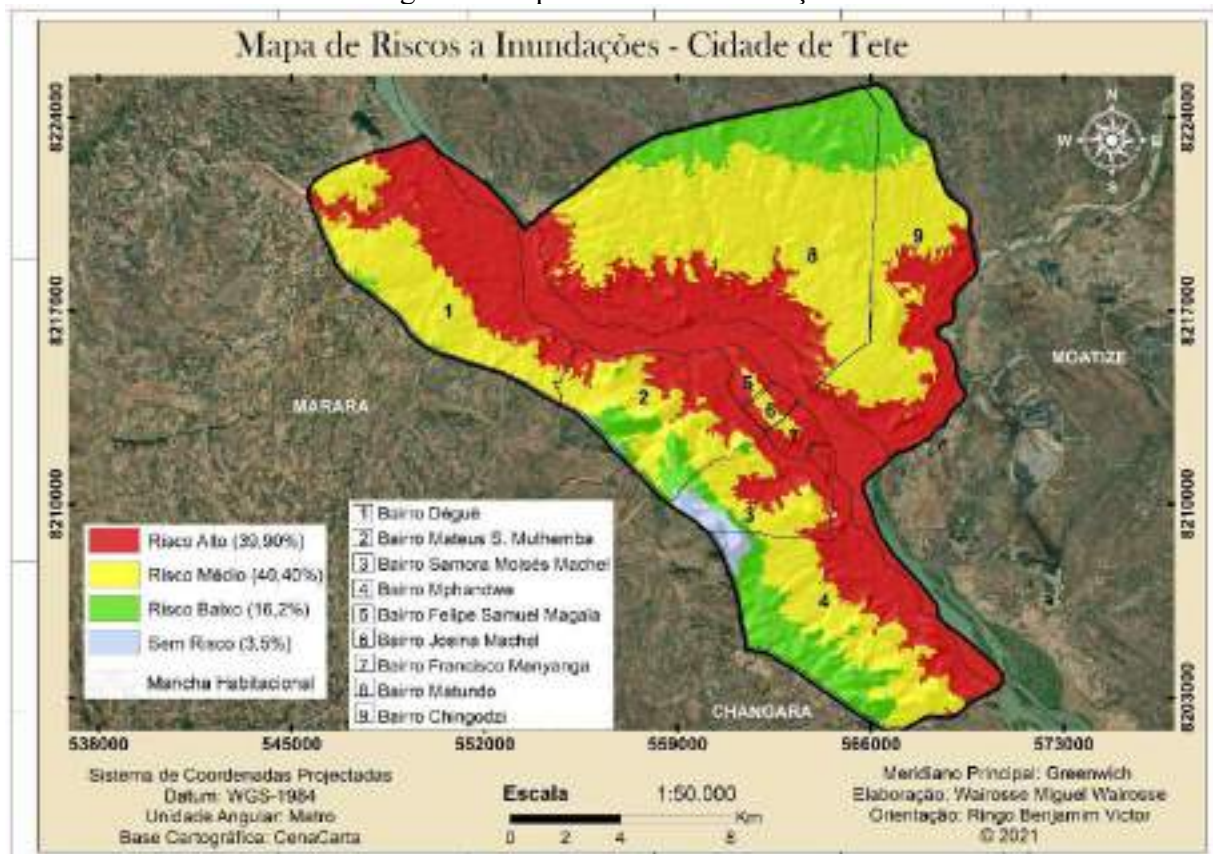
Características da Rede de Drenagem	Comprimento do canal Principal (L)	Km	529
	Comprimento total dos Canais	Km	322,45
	Comprimento Vectorial do Canal Principal	Km	23
	Densidade de Drenagem (Dd)	Km/km ²	1,12
	Ordem da Bacia		4

Fonte: Os autores, 2021.

Mapeamento das áreas susceptíveis

O mapa de áreas susceptíveis às inundações foi dividido em cinco classes, conforme pode-se observar na Figura 4.

Figura 4. Mapa de Risco a inundações



O mapa acima, evidência que cerca de 39,9 a 40,40% da área da Cidade de Tete está exposto ao alto e médio risco de inundações, respectivamente, seguindo-se por 16,2% de baixo risco e 3.5% de cobertura de áreas sem algum risco. Sá (2016) afirma que o grau de vulnerabilidade é determinado pelo tipo de ocupação que existe no local onde irá incidir o evento. Há também aspectos de índole social importantes no aumento da vulnerabilidade, tais como a idade das pessoas que poderão ser afectadas, o seu estado de saúde, a possibilidade de fuga ou abrigo durante a ocorrência do evento, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do estudo efectuado depreendem-se as seguintes ilações:

Os resultados alcançados demonstram que, do ponto de vista de relevo, a Cidade de Tete comporta-se como uma área de baixa fragilidade ambiental, evidentemente desconsiderando-se os factores antropogénicos relacionados com a ampla e extensiva ocupação humana em áreas susceptíveis.

A análise das características morfométricas permitiu verificar que a mesma, em condições naturais, apresenta média susceptibilidade a enchentes, corroborada pelos valores de coeficiente de compacidade, coeficiente de forma, densidade de drenagem e índice de circularidade obtidos, bem como, pelas características hipsométricas e de declividade observadas.

A partir das características da rede de drenagem, pôde-se também concluir que a área apresenta uma baixa densidade de drenagem, sugerindo haver em momentos de precipitação, um moderado escoamento superficial e têm uma área suficiente pequena para manter perenes os cursos de água.

As formas de construções informais que perfazem a maior parte da Cidade de Tete, estão de certo modo em risco, devido a fragilidade técnica e resiliência a eventos climáticos.

O uso de Geotecnologias foi de fundamental importância por permitir que as análises morfométricas e de susceptibilidade da bacia fossem realizadas com celeridade. As avaliações realizadas neste trabalho propiciaram embasamento para elaboração preliminar do planeamento e gestão do uso do solo na Cidade de Tete.



Os locais com baixa susceptibilidade às inundações são os bairros de expansão como Chimbonde, Chimadzi e Canongola, esses dois últimos com alta susceptibilidade de deslizamento de Terra. Bairros Chingozi, a Norte e a Sudeste dos Bairros Filipe Samuel Magaia, Francisco Manyanga e Josina Machel, no vale do Nhartanda, mostraram que são áreas propensas a inundações periódicas.

REFERÊNCIAS

BOLOTARI JÚNIOR, Nelson. **Análise morfométrica e hidrológica da bacia do ribeirão estiva, afluente do rio Paraibuna, JUIZ DE FORA- MG.** Trabalho Final de Curso (Engenharia Sanitária e Ambiental), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

BORSATO, F.H.; MARTONI, A.M. Estudo da fisiografia das bacias hidrográficas urbanas no município de Maringá, Estado do Paraná. **Acta Scientiarum (Human and Social Sciences)**, Maringá, v.26, n.2, p. 273-285, 2004

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia Fluvial.** V.1. São Paulo: Edgard Blücher. 1980.

GERBER, Dionatan; PERTILLE, Carla Talita; VIEIRA, Francielle Santos; CORRÊA, Bruno Jan Schramm; SOUZA, Camila Furlan de. Caracterização morfométrica da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí – Santa Catarina. **Acta Biológica Catarinense**, v. 5, n. 1, p. 72-83, jan./jun. 2018.

HORTON, R.E. Erosional development of streams and their drainage basins: a hydrophysical approach to quantitative morphology. **GSA Bulletin.**, v.56, n.3, p.275-370. 1945.

LEITE, Marcos Esdras; ALMEIDA, Jefferon William Lopes; SILVA, Renato Ferreira. Geotecnologias aplicadas à extração automática de dados morfométricos da bacia do rio PACUÍ/MG. **Revista Brasileira de Cartografia**, n. 64/5, p. 677-691, 2012.

LOO, Angel; MACHADO, Pedro José de Oliveira. **Caracterização morfométrica e sua relação com as inundações na bacia hidrográfica do rio sesmaria e subbacias, em RESENDE-RJ.** Fortaleza, 2019.

MUACUVEIA, Reginaldo Rodrigues Moreno. **Urbanização contemporânea em Moçambique: papel dos Instrumentos de planejamento urbano na ocupação do espaço.** Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

MUCHANGOS, Aniceto dos. **Moçambique, Paisagens e Regiões Naturais**. Maputo, Edição do Autor, 1999.

PADCT. **Avaliação Ambiental Estratégica, Plano Multisectorial, Plano Especial de Ordenamento Territorial do Vale do Zambeze e Modelo Digital de Suporte a Decisões**. Maputo, 2015.

PROCHMANN, João Ricardo. **Análise espacial da susceptibilidade à inundações na bacia hidrográfica do córrego grande, Florianópolis – SC**: Trabalho de Conclusão de Curso (Engenharia Sanitária e Ambiental), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2014.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Boletim da República. Decreto n.º 7/2016 de 21 de Março. Regulamento da Lei da Gestão das Calamidades**. Maputo, 2016.

SÁ, Luís. **Gestão do risco de inundação documento de apoio a boas práticas**. Lisboa : Autoridade Nacional de Proteção Civil, 2016.

SANTOS, Raphael David dos; SANTOS, Humberto Gonçalves dos; KER, João Carlos; ANJOS, Lúcia Helena Cunha dos; SHIMIZU, Sérgio Hideiti. **Manual de Descrição e Coleta de Solo no Campo**. 6ª Edição, Revista e Ampliada. Viços : Editora SBCS, 2013.

STRAHLER, A. N. Quantitative analysis of watershed geomorphology. **Transactions of the American Geophysical Union**, v. 38, n. 6, p. 913-920, 1957.

TRENTIN, Romário; ROBAINA, Luís Eduardo de Souza. Metodologia para mapeamento geoambiental no Oeste do Rio Grande do Sul. In: XI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2005. p. 3606-3615.

VILLELA, S. M.; MATTOS, A. **Hidrologia aplicada**. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1975.



ATUALIDADES: ÁFRICAS EM MOVIMENTOS



ÁFRICA DO SUL, ETIÓPIA E O DESLOCAMENTO DA CIRCULAÇÃO AÉREA AFRICANA NO SÉCULO XXI

Por Antonio Gomes de Jesus Neto



Antonio Gomes de Jesus Neto
Doutorando no Programa de Pós-Graduação
em Geografia Humana (PPGH),
Universidade de São Paulo (USP);
Pesquisador GeoÁfrica
<https://orcid.org/0000-0001-7483-7274>
antoniogjneto@yahoo.com.br

Como citar

JESUS NETO, Antonio Gomes. África do Sul, Etiópia e o deslocamento da circulação aérea africana no século XXI. **Boletim GeoÁfrica**, vol. 1, n. 3, p. 122-129, jul.- set. 2022.

Resumo: Durante quase todo o século XX, a circulação aérea africana teve seu epicentro na África do Sul, que desde os anos 1930 já possuía sua própria empresa aérea estatal: a South African Airways. A companhia manteve-se firme por mais de 8 décadas, atravessando diversas conjunturas políticas (internas, continentais e globais), mas o advento do século XXI trouxe consigo o protagonismo de novas companhias aéreas (quase todas estatais) africanas. Dentre elas, cabe destaque à Ethiopian Airlines, que já vinha alcançando a liderança continental em meados dos anos 2010, e com a pandemia do coronavírus consolidou sua posição e protagonismo internacionais. Além de simbolizar um deslocamento do epicentro da circulação do Sul para o Leste do continente, tal movimento acompanha também o deslocamento do epicentro da economia mundial para Oriente, sobretudo pela ascensão da China, mas também com o fortalecimento dos países do Golfo Pérsico.



Desenvolvida militarmente durante a Primeira, e consolidada comercialmente após a Segunda Guerra Mundial, a aviação tem aterrissado no continente africano desde seus primórdios. Segundo Pirie (1990), os primeiros registros oficiais de voos experimentais na África do Sul datam dos anos 1920, e já em 1931, pistas de pouso no território sul-africano faziam parte de rotas regulares internacionais de passageiros, em geral tendo na outra ponta uma cidade europeia. Da mesma maneira, e introduzindo o Atlântico Sul na discussão, Teixeira (2014) sugere, ao longo dos anos 1930, a existência de voos realizados por companhias aéreas da França e Alemanha interligando Natal, no Rio Grande do Norte (Brasil), às suas respectivas capitais nacionais na Europa, sempre fazendo escala em Dakar (atual Senegal), Banjul (atual Gâmbia), Casablanca (atual Marrocos) ou no arquipélago de Cabo Verde. Assim, e de maneira geral, a aviação comercial de passageiros no continente africano foi orientada, em seu início, na direção Norte-Sul, ora visando interligar as potências europeias hegemônicas à época com suas então colônias na África, ora como rota de passagem entre a América do Sul e a Europa. Mesmo quando se estabeleciam voos internos ao continente – como Joanesburgo-Cairo, ou Cidade do Cabo-Luanda (PIRIE, 1990) –, a intenção era facilitar a circulação de colonos (brancos) entre cidades colonizadas, e no limite, expandir a capilaridade dessa orientação colonial Norte-Sul, tendo sempre um aeroporto europeu como destino final.

Mesmo com a dissolução progressiva do colonialismo na África, algumas companhias regionais sob supervisão das antigas colônias – como a Air Afrique, a East African Airways, a Central African Airways e West African Airways Corporation (NJOYA, 2016; MEISCHNER; O'CONNEL, WARNOCK-SMITH, 2018) – continuavam a reproduzir as mesmas rotas Norte-Sul do período colonial, mas aos poucos, as companhias aéreas europeias foram dando lugar a companhias estatais dos países recém-independentes. Antecipando de alguma maneira este processo – dada a “independência” precoce da África do Sul¹ –, a South African Airways (SAA) já havia nascido como uma empresa estatal nos anos 1930, e desde seu início, sempre fora considerada a mais robusta companhia aérea africana. Com a concomitância, porém, entre as sucessivas independências africanas e o endurecimento do *apartheid* nos anos 1960, a companhia

¹ A União Sul-Africana ganhou autonomia do Reino Unido em 1910. Em 1960 separou-se formalmente da Commonwealth e se transformou na República da África do Sul, mas ainda sob domínio de uma minoria branca e sob o regime do *apartheid*. Somente em 1994, com o fim do regime racista, a população negra pode participar de eleições e Nelson Mandela foi alçado à presidência do país.



passou a ser alvo dos novos governos independentes do continente. Ainda que como consequência de uma solidariedade anti-*apartheid*, pensou-se portanto, pela primeira vez, na circulação aérea africana de maneira unificada, com quase todos os países recém-independentes proibindo o tráfego de aviões da SAA por sobre seus territórios nacionais². Assim, para continuar operando suas rotas em direção à Europa (uma vez que a autonomia dos aviões ainda não permitia voar sem escalas), a companhia passou a recorrer a alguns aeroportos pertencentes a territórios ainda sob domínio colonial para realizar suas necessárias paradas – como Luanda (atual Angola), Windhoek (atual Namíbia) e Ilha do Sal (atual Cabo Verde) –, de modo que o restante do trajeto era feito sobrevoando o Oceano Atlântico. A inusitada situação, narrada por Pirie (1990) em pleno processo de desmantelamento, persistiu até o início dos anos 1990, quando as restrições foram enfim suspensas e o regime do *apartheid* encarava seu inevitável ocaso.

Com a ascensão de Mandela à presidência em 1994, e o fim do boicote de outros governos do continente, a SAA inicia um movimento de “africanização” das rotas aéreas sul-africanas (PIRIE, 2006), e se no ano aludido apenas metade dos voos da SAA tinham a África como destino, em 10 anos essa proporção subiu para dois terços (Mapa 1). Ainda que boa parte desse tráfego interafricano fosse destinado aos seus vizinhos imediatos³, Pirie (2006) destaca a intensificação de voos com origem nos aeroportos de Joanesburgo, Cidade do Cabo e Durban para todas as outras regiões do continente (Oeste, Centro, Leste e Norte), englobando sobretudo passageiros motivados por viagens de negócios e turismo, além de um considerável tráfego intergovernamental. Neste período, portanto, a SAA tornou-se “de longe a líder africana em termos de voos, frota e passageiros”, com o aeroporto de Joanesburgo figurando como “o mais movimentado do continente” (PIRIE, 2006, p. 11), e o da Cidade do Cabo aparecendo na terceira posição (atrás do aeroporto do Cairo). Assim, e mesmo que a virada dos anos 1990 para os 2000 tenham sido marcadas por uma forte discussão sobre liberalização e privatização do transporte aéreo africano⁴, a SAA voltava a dar as cartas no continente como uma empresa estatal⁵, mas pouco a pouco, outras companhias aéreas africanas foram ganhando importância com o início do século XXI.

² O que não incluía, contudo, aviões de outras companhias aéreas (majoritariamente europeias) que voavam da África do Sul para outros países africanos. O objetivo maior da ação era atingir a South African Airways, por ser uma companhia estatal ligada ao *apartheid*.

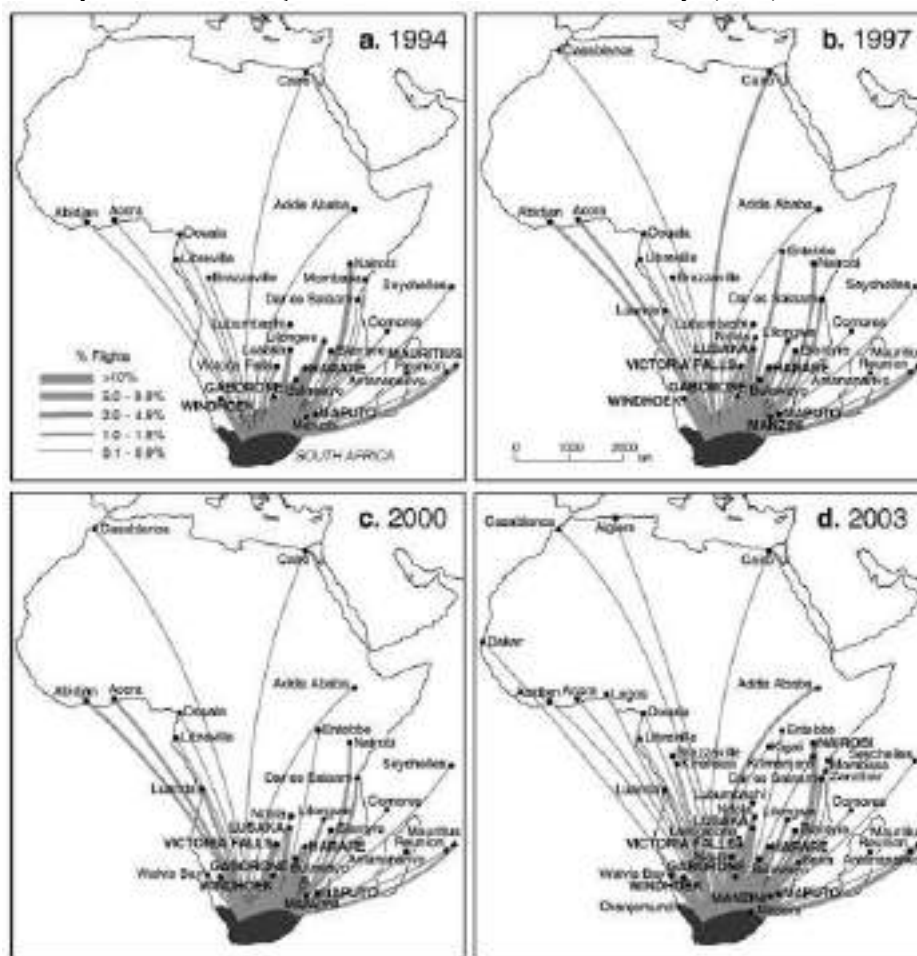
³ Botswana, Lesoto, Moçambique, Namíbia, Swazilândia (atual eSwatini) e Zimbábue.

⁴ Sobretudo a partir da Decisão de Yamoussoukro (1999), formalizada pela então Organização da Unidade Africana (OUA) e bastante discutida na literatura (BUTTON et al, 2015; NJOYA, 2016)

⁵ Ao contrário do que acontecia, segundo Njoya (2016), com as empresas do Oeste africano.



Mapa 1: A “africanização” das rotas da South African Airways (SAA), 1994-2003



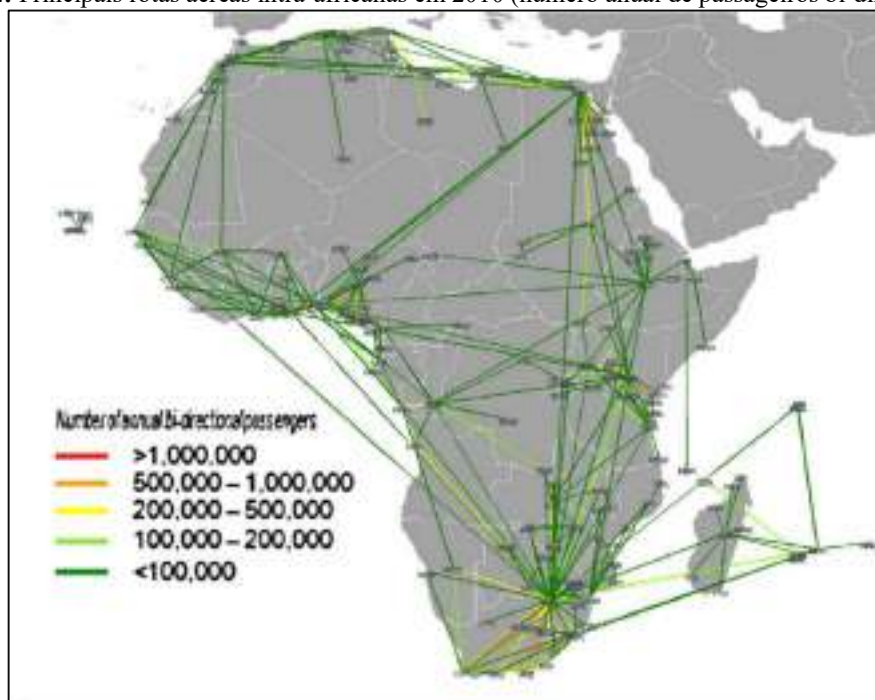
Fonte: Pirie (2006)

Neste sentido, algumas leituras sobre a situação do transporte aéreo na África, em meados dos anos 2010, identificaram uma possível hierarquia das companhias aéreas africanas; a concentração econômica e geográfica desse transporte; e os principais aeroportos, rotas e fluxos de passageiros do continente. Meichsner, O’Connel e Warnock-Smith (2018), por exemplo, apontam 5 companhias aéreas, quase todas estatais, representando 62% do mercado aéreo africano⁶. Njoya (2016), utilizando dados de 2012, fala em 80% de concentração nestas mesma empresas e, sem incluir a Royal Maroc, Heinz e O’Connel (2013) afirmam que as outras 4 respondem por 60% do transporte aéreo africano em passageiros/quilômetros. Pensando na

⁶ Ethiopian Airlines, South African Airways, Royal Maroc, EgyptAir e Kenya Airways.

diversidade de rotas interafricanas no período, Njoya (2016) contabiliza uma diminuição da quantidade destas em duas décadas (indo de 1088 rotas em 1994 para 719 em 2013), com a consequente concentração dos voos em poucos *hubs* regionais operados pelas principais companhias aéreas do continente. Parte dessas dinâmicas podem ser visualizadas no Mapa 2, mas é importante destacar que, elaborado na primeira metade da década de 2010, ele não captava ainda a recente ascensão da Ethiopian Airlines na circulação aérea africana.

Mapa 2: Principais rotas aéreas intra-africanas em 2010 (número anual de passageiros bi-direcionais)



Fonte: Heinz e O'Connel (2013)

Assim, quando Bassens et al (2012) identificam Joanesburgo, Cairo, Lagos, Casablanca e Nairobi⁷ como os principais aeroportos do continente, ainda não era visível o papel a ser desempenhado por Addis Abeba nessa dinâmica. Foi preciso mais alguns anos até que Meichsner, O'Connel e Warnock-Smith (2018) pudessem afirmar, concretamente, que a Ethiopian Airlines tinha se tornado a principal companhia aérea africana, e que Addis Abeba era agora um dos três aeroportos mais movimentados do continente (junto com Joanesburgo e Cairo). Assim,

⁷ Não por coincidência cidades localizadas nos países das principais companhias aéreas africanas, com exceção de Lagos (Nigéria).

paulatinamente o epicentro da circulação aérea africana foi se deslocando do Sul para o Leste do continente, movimento que, de alguma forma, acompanha também a ascensão das companhias aéreas do Oriente Médio⁸ e a consolidação da China como uma das maiores (senão a maior) economia mundial contemporânea (ABATE, 2016). Tal processo teve, como ponto de inflexão, a pandemia de coronavírus decretada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020, mas é importante ressaltar que a situação sanitária apenas deu prosseguimento a uma tendência em curso, sem necessariamente reconfigurar ou reorientar o fenômeno de deslocamento de Sul para Leste do transporte aéreo do continente.

De maneira simbólica, o início da pandemia (e a drástica diminuição de viagens imposta pela conjuntura) foi determinante para que a SAA, altamente endividada, praticamente encerrasse suas atividades nacionais e internacionais após 86 anos de existência. A situação desfavorável já era prenunciada antes mesmo do advento do coronavírus⁹, e ainda que recentemente a companhia tenha retomado timidamente suas operações, a SAA está longe de ter, hoje, o protagonismo que teve nas últimas décadas. Se por um lado a pandemia antecipou o processo de ocaso da SAA, por outro, porém, ela potencializou o crescimento da Ethiopian Airlines, já então líder do segmento no continente como identificado por Meichsner, O'Connel e Warnock-Smith (2018), e que assumiu um protagonismo inesperado em um momento delicado não apenas para o mercado do transporte aéreo, mas para a economia e a saúde em escala global.

Enquanto companhias aéreas pelo mundo praticamente suspendiam suas operações comerciais, a Ethiopian Airlines se prontificou a realizar voos de repatriamento envolvendo diversos países (MARTINS, 2020a; 2020b; 2020c) e, mais importante, adaptou seus aviões para o transporte de insumos hospitalares para conter a difusão do coronavírus. Com a Etiópia (através de sua companhia aérea) sendo considerada o grande “trampolim da ajuda médica chinesa” na pandemia (GODOY, 2020), ficou famoso o caso, no Brasil, da operação de envio de respiradores e máscaras chineses para o Maranhão via Addis Abeba (WILLIAN, 2021), cabendo destacar também o transporte de 3,5 milhões de doses de vacinas contra a COVID-19 entre Xangai e São Paulo pela companhia aérea etíope¹⁰. Na contramão, portanto, das tendências do mercado aéreo

⁸ Sobretudo a Emirates e a Qatar Airways, que hoje operam largamente no continente africano.

⁹ Em fevereiro de 2020, por exemplo, a companhia havia anunciado a suspensão do voo entre São Paulo e Joanesburgo após mais de 50 anos de operação.

¹⁰ Disponível em: <<https://cargo.ethiopianairlines.com/media/press-release-detail/ethiopian-airlines-transport-vaccine-to-são-paulo-brazil>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

mundial – e a despeito das perdas milionárias da companhia registradas por Monié (2020) –, a Ethiopian Airlines vem sendo apontada como uma empresa em ascensão, e até como “salvadora” de outras companhias aéreas africanas em situação complicada (como a própria SAA), decididamente deslocando o epicentro da circulação aérea no continente africano.

É recorrente o discurso sobre a “ineficiência” das companhias aéreas estatais no continente africano (MEISCHNER; O’CONNEL; WARNOCK-SMITH, 2018), consideradas até hoje como “reliquias de uma era” (IATA, 2018) a ser eternamente superada por uma economia livre de regulações e competitiva, como parece ser a intenção do novo Mercado Unificado do Transporte Aéreo Africano (SAATM, em inglês¹¹). Tal discurso não parece conferir muita importância, porém, ao fato de que a mais bem sucedida companhia aérea africana do século XX – a SAA – tenha sido sempre uma empresa estatal, e que sua aparente sucessora no século XXI – a Ethiopian Airlines – também é 100% gerida pelo Estado etíope. Da mesma maneira, quase todas as outras companhias africanas protagonistas do transporte aéreo do continente (nominalmente identificadas na literatura) são também estatais, o que deveria estimular, no mínimo, um questionamento sobre essa pressão liberalizante e privatizante que há décadas ronda o mercado aéreo africano.

Assim como o deslocamento do epicentro da circulação aérea africana, de Sul para Leste, não foi acompanhado da tão propalada diminuição da importância do Estado no continente, o deslocamento do centro de gravitação da economia mundial igualmente para o Leste (sobretudo para a China) reforça ainda mais o fato de que, afinal, o público e o estatal não são tão ineficientes como parecem. E que talvez, o atraso esteja no outro discurso, proferido para a África exaustivamente já há algumas décadas, e que já não consegue esconder sua direção geográfica bem específica – não por coincidência, a mesma dos primeiros voos comerciais do continente africano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABATE, Megersa. Economic effects of air transport market liberalization in Africa. **Transportation Research Part A**, v. 92, p. 326-337, out. 2016.

BASSENS, David; DERUDDER, Ben; OTISO, Kefa M.; STORME, Tom; WITLOX, Frank. African gateways: measuring airline connectivity change for Africa's global urban networks in the 2003–2009 period. **South African Geographical Journal**, v. 94, n. 2, p; 103-119, dez. 2012.

¹¹ *Single African Air Transport Market*, a propósito referendado pela própria Ethiopian Airlines.

GODOY, Marcelo. Etiópia é trampolim da ajuda médica chinesa na África. **O Estado de S. Paulo**, 26 abr. 2020. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,etiopia-e-trampolim-da-ajuda-medica-chinesa-na-africa,70003283146>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

HEINZ, Stephan; O'CONNEL, John F. Air transport in Africa: toward sustainable business models for African Airlines. **Journal of Transport Geography**, v. 31, p. 72-83, jul. 2013.

MARTINS, Carlos. Governo brasileiro freta Boeing para resgatar brasileiros no Egito. **AeroIn**. 7 abr. 2020. Disponível em: <<https://aeroin.net/governo-brasileiro-freta-boeing-resgatar-brasileiros-egito/>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

_____. Pela terceira vez, Vale freta um grande Boeing para repatriar funcionários da África. **AeroIn**. 7 abr. 2020. Disponível em: <<https://aeroin.net/pela-terceira-vez-vale-freta-um-grande-boeing-para-repatriar-funcionarios-da-africa/>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

_____. Ethiopian Airlines resgata brasileiros na Índia com o seu maior Boeing. **AeroIn**. 14 abr. 2020. Disponível em: <<https://aeroin.net/ethiopian-airlines-resgata-brasileiros-india-boeing-777/>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

MEICHSNER, Nadine; O'CONNEL, John; WARNOCK-SMITH, David. The future for African air transport: learning from Ethiopian Airlines. **Journal of Transport Geography**, v. 71, p. 182-197, jul. 2018.

MONIÉ, Frédéric. A África subsaariana diante da pandemia de Coronavírus/COVID-19: difusão espacial, impactos e desafios. **Espaço e economia**, ano IX, n. 18, p. 1-26, abr. 2020.

NJOYA, Eric Tchouamou. Africa's single aviation market: the progress so far. **Journal of Transport Geography**, v. 50, p. 4-11, jan. 2016.

PIRIE, Gordon. 'Africanisation' of South Africa's international air links, 1994-2003. **Journal of Transport Geography**, v. 14, n. 1, p. 3-14, jan. 2006.

PIRIE, Gordon. Aviation, Apartheid and Sanctions: Air Transport to and from South Africa, 1945-1989. **GeoJournal**, v. 22, n. 3, p. 231-240, nov. 1990.

TEIXEIRA, Rubenilson. Por mar, terra e ar: Dakar, Natal e as conexões transatlânticas (1880-1940). **Cahiers des Amériques Latines** [en ligne], n. 76, p. 131-157, set. 2014.

WILLIAM, Wagner. **A operação secreta Etiópia-Maranhão**: a guerra dos respiradores no ano da pandemia. São Paulo : Vestígio, 2021.



ÁFRICAS NA PÓS-GRADUAÇÃO



A sessão *Áfricas na Pós-Graduação* apresenta resultados de pesquisas de Mestrados e Doutorados recém-concluídos cujas temáticas, linhas de abordagem, procedimentos metodológicos e/ou contribuição teórico-conceitual são considerados relevantes. O professor José Júlio Júnior Guambe, da Universidade Pedagógica de Maputo, e um dos coordenadores do grupo de estudos *Espaços e Sociedades na África Subsaariana - GeoÁfrica*, desenvolveu sua tese de doutorado sobre o turismo em Moçambique, intitulada “Turismo na Zona Costeira de Inhambane: Conflitos na Produção do Espaço”.

130

José Julio Júnior Guambe
Professor da Universidade Pedagógica de Maputo (UPM)
Membro da Coordenação do Grupo de Estudos *Espaços e Sociedades na África Subsaariana – GeoÁfrica*.
E-mail: jjjguambe137@gmail.com

Como citar:
GUAMBE, J. J. J. Áfricas na pós-graduação. Entrevista de José Guambe. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 3, p. 130-132, jul.- set. 2022

Biografia acadêmica do pesquisador. José Júlio Júnior Guambe, Geógrafo, docente e pesquisador, doutorado em Geografia, mestrado em População e Desenvolvimento, e graduado em Ensino de História e Geografia. Director do Programa de doutoramento em Geografia da Faculdade de Ciências da Terra e Ambiente (FCTA), Universidade Pedagógica de Maputo (UPM), Maputo.

Tese de Doutorado: José Júlio Júnior Guambe. *Turismo na Zona Costeira de Inhambane: conflitos na produção do espaço*. Doutorado em Geografia. Universidade Pedagógica (UP), 2018.

Resumo da Tese: Dadas as suas características físico-geográficas e sócio-culturais, Moçambique constitui um espaço favorável e atractivo ao seu consumo pelo turismo, dominado a partir de 1992 por grandes investimentos de capital privado estrangeiro, sendo a zona costeira de Inhambane (ZCI) uma das áreas preferenciais dentro do contexto geográfico local, nacional e internacional. Todavia, no geral o nível de vida da população do país e da ZCI, em particular, é muito baixo, possibilitando assim, uma coexistência de duas formas de produção do espaço, uma cuja mediação é dada pelo consumo, associado ao turismo, e a outra relacionada à subsistência, constituída pela comunidade residente, historicamente estabelecidas. O objectivo desta pesquisa geográfica foi analisar o desenvolvimento do turismo na ZCI, evidenciando os conflitos decorrentes do encontro, no território, de formas não apenas distintas, mas contraditórias de uso e apropriação do espaço, ou seja, uma movida pelo consumo e a outra pela subsistência, ambas expressões do processo conflituoso e contraditório de produção do espaço. Trata-se de um estudo qualitativo, baseado na revisão bibliográfica e documental e no trabalho de campo. Os resultados do estudo dão indicações da existência de conflitos inter e intrassociais decorrentes da fraca ou falta de inserção da comunidade anfitriã na nova actividade e da sua desterritorialização através da perda da posse de suas terras, devido a sua ocupação, principalmente por agentes do mercado turístico para a construção infraestruturas e conseqüentemente a sua privatização para uso exclusivo do turismo.

Qual a relevância da pesquisa?

Desmistificação do paradigma apriorista de que com a prática da actividade turística há sempre grandes ganhos para as comunidades locais, que se traduzem em desenvolvimento das mesmas, tomando como base a relação que é estabelecida no processo capitalista de produção do espaço pelo turismo na zona costeira de Inhambane; Contribuir para um melhor conhecimento da situação socioeconómica das comunidades da zona costeira de Inhambane e dos conflitos decorrentes ou não da progressiva prática e potenciação da actividade turística; Contribuir para o fortalecimento da linha de pesquisa sociedade e território, do departamento de Geografia da Universidade Pedagógica, a partir de um melhor conhecimento da prática sócioespacial do turismo em Moçambique; Aprofundar o debate e estimular a análise crítica da realidade a partir do conceito de espaço, visto que, embora tal facto venha mudando, ainda é comum o entendimento do espaço como vazio, como vácuo, estático e sem articulação.

Qual o objetivo que norteou a pesquisa?

Analisar o processo de produção do espaço de uso turístico na Zona Costeira de Inhambane entre 1992 e 2017, evidenciando os conflitos decorrentes do encontro de formas distintas e contraditórias de uso e apropriação do espaço, das quais, uma movida pelo consumo e outra pela subsistência.

Quais foram os principais resultados da pesquisa?

Os principais resultados do estudo dão indicações da existência de conflitos inter e intrassociais decorrentes da fraca ou falta de inserção da comunidade anfitriã na nova actividade e da sua desterritorialização através da perda da posse de suas terras, devido a sua ocupação, principalmente por agentes do mercado turístico para a construção infraestruturas e conseqüentemente a sua privatização para uso exclusivo do turismo.

Quais foram os principais obstáculos enfrentados ao longo da pesquisa?

Uma das maiores dificuldades e limitações que se teve ao longo da pesquisa foi a indisponibilidade de dados oficiais recentes e credíveis sobre os diversos sectores da economia moçambicana, em particular do turismo, pois as informações disponíveis estão muito sectorizadas, havendo por isso, várias bases de dados institucionais que, em muitos casos, se contradizem nas escalas nacional e provincial, não sendo, por isso, possível aferir com segurança o grau de desempenho da economia nacional, em particular do turismo.



EXPRESSÕES CULTURAIS: AS ÁFRICAS ENTRE AS QUATRO LINHAS



Ganhar na África ou ganhar o mundo? O futebol africano em 2022

Por Antonio Gomes de Jesus Neto



Antonio Gomes de Jesus Neto

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) da Universidade de São Paulo (USP)

Membro do GeoÁfrica

<https://orcid.org/0000-0001-7483-7274>

antoniogjneto@yahoo.com.br

Como citar

JESUS NETO, Antonio Gomes. Ganhar na África ou ganhar o mundo? O futebol africano em 2022.

Boletim GeoÁfrica, v. 1, n. 3, p. 133-138, jul.-set. 2022

Quem é Antonio Gomes de Jesus Neto? Bacharel e Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) da mesma instituição, estudando a circulação Brasil-África. Durante a graduação (entre 2008/2009), viveu em Maputo, Moçambique, onde assistiu seu primeiro CAN e desenvolveu um carinho especial pelos Mambas (apelido da seleção moçambicana de futebol, à qual teve a sorte de ver jogar no mítico estádio da Machava, palco da independência do país em 1975). Desde então, tenta acompanhar o futebol africano à distância, e entusiasta da tradição dos estudos sobre futebol no Brasil, também tenta pensa-lo dentro do quadro social, político, econômico e cultural do continente.

O ano de 2022 tem sido especial para o futebol africano de seleções. No início do ano, entre janeiro e fevereiro, a Copa Africana de Nações (CAN) reuniu 24 seleções do continente após uma dura pré-seleção qualificatória, que deixou de fora 30 das 54 seleções filiadas à Confederação Africana de Futebol (CAF). Paralelamente, coube também ao ano de 2022 (mais especificamente ao mês de março) a realização da rodada final das eliminatórias africanas para a Copa do Mundo (a ser realizada entre novembro e dezembro no Catar), com as 10 seleções sobreviventes (dentre as 54 iniciais) disputando 5 vagas no torneio.

A definição dos dois campeonatos (indiscutivelmente os mais importantes para qualquer seleção africana) em um intervalo de 3 meses, suscitou um acalorado debate entre os aficionados pelo futebol do continente: o que seria mais importante? Ganhar o CAN, para muitos a única possibilidade real de uma seleção africana obter um título internacional? Ou se classificar para a Copa do Mundo, o principal torneio de seleções do planeta (apesar da improvável chance de uma seleção do continente conquista-la)? Em suma, valeria mais a pena, para uma seleção africana, ganhar na África ou ganhar o mundo?

Tal dilema, de contornos existenciais, teve sua materialização em 2022 na repetição de um duelo de titãs para definir os rumos das duas competições: Senegal e Egito, duas das mais fortes seleções africanas, com os dois maiores jogadores africanos da atualidade (Sadio Mané e Mohamed Salah), se enfrentaram em fevereiro na final do CAN, e em março disputaram diretamente uma das cinco vagas para a Copa do Mundo (Foto 1). Antes de contar o final dessa história, porém, é importante dizer que este confronto foi também bastante simbólico da atual situação regional e cultural do futebol africano de seleções na atualidade, merecendo por isso uma discussão mais acurada nos próximos parágrafos.



Foto 1: Sadio Mané (de verde) e Mohamed Salah (de vermelho) disputando uma vaga na Copa do Mundo



Autor: Khaled Desouki (AFP), retirado de <https://www.lance.com.br/futebol-internacional/mane-no-qatar-senegal-vence-o-egito-nos-penaltis-e-garante-a-classificacao-para-a-copa-do-mundo.html>

135

As 54 seleções africanas filiadas à CAF são divididas, segundo o sítio eletrônico da instituição¹, em 6 grandes zonas (Norte, Oeste A, Oeste B, Central, Centro-Leste e Sul), cada uma delas com números distintos de integrantes (Mapa 1). A zonas Centro-Leste e Sul, por exemplo, tem juntas 25 integrantes, mas só conseguiram classificar 5 representantes (somados) para o CAN². Por sua vez, a região Norte, sozinha, classificou 4 de seus únicos 5 integrantes³, enquanto as regiões Oeste A e B, com 16 integrantes somados, classificaram nada menos do que 12 deles⁴. Considerando que Camarões, Gabão e Guiné Equatorial, representantes da região Central, fazem parte do Golfo da Guiné, é possível dizer que, na prática, o CAN é um torneio que põe em disputa basicamente seleções da África do Norte e Ocidental, com o Leste e Sul do continente claramente sub-representados na disputa. Trazendo a discussão para as eliminatórias para a Copa do Mundo, dentre as 10 seleções africanas que ficaram para a rodada final, 4 eram da África do Norte⁵, 5 da África Ocidental⁶, e apenas uma (RD Congo) da África Central, confirmando a aludida concentração regional do futebol africano.

¹ <https://www.cafonline.com/member-associations/>

² Comores, Etiópia, Malawi, Sudão e Zimbábwe.

³ Argélia, Egito, Marrocos e Tunísia, ficando de fora apenas a Líbia.

⁴ Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Mali, Mauritânia, Nigéria, Senegal e Serra Leoa.

⁵ Também Argélia, Egito, Marrocos e Tunísia.

⁶ Camarões (considerando o argumento do Golfo da Guiné), Gana, Mali, Nigéria e Senegal.

Mapa 1: As 6 grandes zonas da Confederação Africana de Futebol (CAF)

Fonte: Adaptado de https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CAF_sub-zones.svg

Afinando um pouco mais a análise, e focando nas seleções mais fortes do continente na atualidade, é interessante notar também um considerável predomínio de países oficialmente muçulmanos dentre estas seleções, em ambos os campeonatos. Dentre os 4 semi-finalistas do CAN 2022, 3 deles (Burkina Faso, Egito e Senegal), além de estarem no Oeste ou Norte da África, têm em comum a religião muçulmana como majoritária e oficial em seus territórios, sendo que Camarões (o outro semi-finalista) também possui uma expressiva população islâmica. Da mesma maneira, dentre as 10 melhores seleções das eliminatórias para a Copa do Mundo, 6 delas se encaixam nesse perfil religioso⁷, igualmente estando concentradas nas regiões previamente destacadas (a exceção, mais uma vez, fica por conta da RD Congo).

⁷ Argélia, Egito, Mali, Marrocos, Senegal e Tunísia, ficando de fora Camarões, Gana, Nigéria (os três com uma importante população muçulmana) e RD Congo.

Assim, o fato de Senegal e Egito se apresentarem como as mais fortes seleções africanas da atualidade, contando com os jogadores mais destacados do continente, não é exatamente extraordinário, e sim uma confirmação da força incontestável dos países muçulmanos das regiões Norte e Oeste no futebol africano contemporâneo. Mané e Salah, aliás, são bons disparadores de uma outra discussão, sobre a origem e nacionalidade de jogadores e técnicos do futebol africano de seleções. Para além dos dois maiores astros, o CAN e as eliminatórias colocaram em ação nos gramados africanos outras estrelas do futebol internacional, como o senegalês Édouard Mendy (recém-eleito o melhor goleiro do mundo), o guineense Naby Keïta e o marroquino Achraf Hakimi, dentre outros que jogam nos principais escalões do futebol europeu, reconhecidamente o mais forte e rico futebol do mundo na atualidade.

Falando na Europa, é muito comum que jogadores nascidos em países africanos joguem por seleções europeias, fenômeno existente ao menos desde os anos 1960, com os moçambicanos Eusébio e Mário Coluna sendo os protagonistas de uma das principais seleções portuguesas da história. Atualmente, há vários casos que confirmam a regra, com o angolano Eduardo Camavinga jogando pela França, o bissau-guineense Danilo Pereira vestindo a camisa de Portugal, e seu compatriota Ansu Fati defendendo as cores da Espanha – para ficar apenas em alguns exemplos lusófonos. Um fenômeno oposto, porém, aconteceu no último CAN.

Alterando o sentido tradicional das naturalizações, as seleções de Cabo Verde e Guiné Equatorial, históricas coadjuvantes do futebol africano, resolveram se embrenhar em território europeu para garimpar jogadores nascidos nas ex-metrópoles, mas que por seu baixo desempenho para os padrões europeus, aceitariam representar o país de seus antepassados. O resultado, até agora, tem se mostrado positivo, com Guiné Equatorial avançando para as fases finais do CAN nas duas últimas edições do torneio, e Cabo Verde conseguindo bons resultados – inclusive também passando de fases – ao longo da última década.

Para além dos jogadores, é interessante mencionar também a discussão sobre os treinadores das seleções africanas, especialmente no CAN. De maneira geral, a grande maioria das seleções africanas vêm optando por colocar em suas direções técnicas treinadores europeus de baixíssimo escalão, quase sempre com nenhuma expressividade em seu continente de origem, com raras exceções como Carlos Queiroz (finalista pelo Egito). Ironicamente, contudo, um dos únicos treinadores africanos que comandou seleções no CAN foi Aliou Cissé, ex-jogador da seleção

senegalesa, e que, didaticamente, foi o responsável por levar a seleção senegalesa ao seu primeiro título continental da história, derrotando nos pênaltis o Egito de Queiroz e Salah..

Mais do que ganhar o CAN, Cissé conseguiu também classificar em março o Senegal à sua terceira Copa do Mundo, também derrotando a seleção egípcia nos pênaltis. Além de Senegal, vão à Copa do Mundo no Catar, em novembro, também as seleções de Camarões, Gana, Marrocos e Tunísia, sacramentando assim o concentrado poderio da África Ocidental e do Norte, e dos jogadores muçulmanos, no futebol continental contemporâneo

Assim, respondendo à indagação inicial (ganhar na África ou ganhar o mundo?), a seleção senegalesa mostrou que é possível ser ao mesmo tempo africana e cosmopolita, credenciando-se como a seleção do continente mais apta a, enfim, disputar uma semi-final de Copa do Mundo, feito inédito a qualquer seleção africana até hoje⁸. Com o melhor goleiro do mundo, um dos melhores atacantes da atualidade, e dirigida por uma cabeça orgulhosamente local, não há porque duvidar da seleção que já encantou o mundo 20 anos atrás, ao ganhar da então campeã seleção francesa na abertura da Copa do Mundo de 2002, por curiosidade a quinta (e última) vencida pelo Brasil.

⁸ O máximo alcançado pelas seleções africanas até hoje foram as quartas-de-final, com os Camarões (1990), Senegal (2002) e Gana (2010), todas eliminadas ou na prorrogação, ou nos pênaltis.

RESENHA



OLIVEIRA, Kelane. O Cinema como recurso pedagógico no ensino de geografia da África: Contribuição a partir da produção audiovisual "adú". In: FERRACINI, Rosenberg; MARCELINO, Jonathan; RODRIGUES, Sávio. (Orgs.). *Ensino de geografia da África: Caminhos e possibilidades para uma educação antirracista*. Quissamã: Revista África e Africanidades, 2021.

Por Suzete Lourenço Buque

Suzete Lourenço Buque
Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, Docente da Universidade Pedagógica de Maputo, Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências da terra e Ambiente.

Como citar

BUQUE, S. L. . OLIVEIRA, Kelane. O Cinema como recurso pedagógico no ensino de geografia da África: Contribuição a partir da produção audiovisual "adú". In: FERRACINI, Rosenberg; MARCELINO, Jonathan; RODRIGUES, Sávio. (Orgs.). *Ensino de geografia da África: Caminhos e possibilidades para uma educação antirracista*. Quissamã : Revista África e Africanidades, 2021. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 3, p. 139-141, jul.-set. 2022.



O texto de Oliveira faz parte de um conjunto de 14 artigos publicados na obra organizada por três pesquisadores brasileiros, que têm-se preocupado na necessidade de se conhecer melhor o continente africano e sobre a forma como este continente é abordado na geografia escolar, tanto no Brasil quanto em outros países. Os textos publicados na obra, dentre vários objetivos, buscam "(re)construir outro discurso sobre África, pois tem fundamental importância para a (des)construção de referências com cargas preconceituosas que se pensam sobre os africanos e seus descendentes" (FERRACINI; MARCELINO; RODRIGUES, p. 15, 2021).

Oliveira, no seu artigo, aborda sobre a possibilidade do uso do Cinema como recurso pedagógico no ensino de Geografia da África, a partir do filme "Adú". Trata-se de um filme que retrata a rota do fluxo de migrantes na condição de refúgio saindo de África para a Espanha. Segundo a autora, a partir do filme podem ser promovidos debates em sala de aula sobre vários conteúdos, como por exemplo migrações, direitos dos refugiados, tráfico de marfim, degradação ambiental, geopolítica, vulnerabilidade das crianças em condição de refugiados, diversidade de países africanos, práticas locais para a preservação do ambiente, entre outros conteúdos, considerando os aspectos sociais, económicos, políticos e ambientais apresentados ao longo do filme.

Para a autora, o cinema pode ser visto em duas vertentes, uma como fonte de cultura e informação e outra como um produto da indústria. Sendo um produto da indústria considera a necessidade de haver um olhar crítico, pois nem sempre há interesse em trazer a verdade, o que exige análise de seu papel e de sua ideologia.

A proposta da utilização do cinema como recurso pedagógico feita pela autora, surge pelo facto de ainda existir dificuldade por parte de alguns docentes na implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e cultura Afro-Brasileira e África nas instituições de ensino no Brasil.

A autora apresenta alguns ganhos pedagógicos da utilização do cinema em sala de aula, e para o efeito recorre a Pontuscka et al (2009, p.7), que considera que a vantagem de usar o filme está na "ludicidade que empresta ao trabalho pedagógico, pois, a imagem está em movimento, assim o filme traz uma forte impressão da realidade". Este recurso pedagógico tem importância, pois pode servir de mediação para o desenvolvimento das noções de tempo e de espaço na abordagem de problemas sociais, económicos e políticos. Oliveira acrescenta que o uso de filmes

como recurso pedagógico contribui na construção do conhecimento, porque a partir deles pode-se mobilizar conceitos, conteúdos curriculares e a interpretação da realidade na sua complexidade.

No desenvolvimento do artigo Oliveira sugere algumas possibilidades sobre a sequência didática que poderá ser seguida pelos docentes no uso do filme “Adú” como recurso pedagógico.

De facto diferentes pesquisas na área de ensino de Geografia têm apontado a necessidade de uso de "linguagens alternativas" na análise geográfica, em que uma das linguagens apontadas é o cinema. No entanto, a potencialidade não está apenas em usar um determinado filme, isso passa pela seleção do mesmo, tendo em consideração o conteúdo a ser abordado e os objetivos a serem alcançados.

Considera-se que o filme escolhido pela autora do artigo salienta, explicitamente, o lado da pobreza do continente africano e a tendência de emigração das populações da África para a Europa a procura de “melhores condições de vida”. Será que esse facto não poderá reforçar ainda mais a ideia estereotipada sobre o continente africano? A escolha do meio didático, quando não é feito de forma criteriosa, pode trazer resultado contrário ao que se pretende.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRACINI, Rosemberg; MARCELINO, Jonathan; RODRIGUES, Sávio. Introdução – a África para além da sala de aula. In: ____; ____; _____. (Orgs.). *Ensino de geografia da África: Caminhos e possibilidades para uma educação antirracista*. Quissamã : Revista África e Africanidades, 2021.

OLIVEIRA, Kelane. O Cinema como recurso pedagógico no ensino de geografia da África: Contribuição a partir da produção audiovisual "adú". In: FERRACINI, Rosemberg; MARCELINO, Jonathan; RODRIGUES, Sávio. (Orgs.). **Ensino de geografia da África: Caminhos e possibilidades para uma educação antirracista**. Quissamã : Revista África e Africanidades, 2021.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lídia.; CACETE, Núria Hanglei. A linguagem cinematográfica no ensino de Geografia. In: ____; ____; _____. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.



GeoÁfrica divulga...

Eventos



O *III Seminário Áfricas: "Reflexos da Semana de Arte Moderna de 1922 no Continente Africano"* se propõe a pensar os diferentes significados da Semana de Arte Moderna no Continente Africano. Ocorrerá entre os dias **09 e 12 de novembro de 2022**, nas dependências da **Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)** e no **Muhcab - Museu da História e da Cultura Afro-brasileira**. Contará com a presença de pesquisadores africanos, brasileiros e europeus.

WEBSITE: <https://www.even3.com.br/iiiseminariointernacionalafricas2022/>

Áreas temáticas

Arqueologia e história da África antiga
Colonialismos, anticolonialismos, pós-colonialismos
Ensino de História da África
Escravidão atlântica, índica e mediterrânea
Estudos comparativos com o Continente Africano
Fontes para o estudo de história da África
Gênero em África
Historiografia e intelectuais do continente africano
Literatura, arte e cinema africano
Movimentos Sociais, sociedade civil e Estado
Patrimônio e memória em África
África - Séculos XIV-XVIII
África - Séculos XIX-XXI



Comissão organizadora
Associação Brasileira de Estudos Africanos (ABEÁfrica)

O **III Encontro Internacional da Associação Brasileira de Estudos Africanos** acontecerá entre 28 de novembro e 2 de dezembro de 2022 em Salvador, Bahia. O objetivo é retomar o processo de consolidação da ABEÁfrica como instituição congregadora de pesquisas em Estudos Africanos no Brasil.

A terceira edição do evento ocorrerá em um cenário de busca por superação de desafios e dificuldades que pautaram o campo acadêmico nos últimos dois anos: a pandemia de coronavírus, o recrudescimento dos preconceitos, cortes de gastos nas universidades, governos obscurantistas e movimentos antidemocráticos. Os Estudos Africanos, como as demais áreas e campos acadêmicos no Brasil, foram profundamente afetados por todos estes fatores. Por essas razões, o evento deste ano adotou como lema “Estudos Africanos em tempos de crise: cultura, política e epistemologias”. O Encontro Internacional da ABEÁfrica de 2022 pretende ser um espaço onde pesquisadoras e pesquisadores de todos os níveis e áreas de formação, de diferentes regiões do país e do exterior, se propõem a debater contextos e ideias de África como expressões da diversidade e da potência intelectual, política e cultural. Apesar do II Encontro de 2020 ter sido realizado de forma remota, o de 2022 será totalmente presencial, na cidade de Salvador.

Quando? 28/11/2022 a 02/12/2022

Onde? Salvador, Bahia

Como? Formato presencial.

Qual temática? “Estudos Africanos em tempos de crise: política, cultura e epistemologias”.

Quais parceiros? Instituto Anísio Teixeira e apoio do Instituto Goethe Lagos/ Nigéria.

Maiores informações: <https://www.encontro2022.abeafrica.com/site/capa>



ABEÁFRICA

III ENCONTRO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS AFRICANOS (ABEÁFRICA)

ESTUDOS AFRICANOS EM TEMPOS DE CRISE: POLÍTICA, CULTURA E EPISTEMOLOGIAS

O evento será composto por Grupos de Trabalho (GTs), Mesas Redondas (MRs) e Conferências.

28/11
a
02/12

— LOCAL —
Salvador/BA
Evento presencial

acompanhe nossas redes sociais

[@abeafrica.com.br](#)
[#encontro2022](#)
[www.abefr.org.br](#)

APÓIO **iat**

O evento será composto por grupos de trabalho (GTs), mesas redondas (MRs) e conferências. Os GTs serão os seguintes:

144

ABEÁFRICA

III ENCONTRO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS AFRICANOS (ABEÁFRICA)

ESTUDOS AFRICANOS EM TEMPOS DE CRISE: POLÍTICA, CULTURA E EPISTEMOLOGIAS

GRUPOS DE TRABALHO (GT'S)

1. Patrimônio, memória e cultura nacional
2. Artes, artistas e a fabricação da cultura
3. Movimentos sociais, sociedade civil e Estado
4. Dinâmicas de gênero nas sociedades africanas
5. Tradições em trânsito: encontros, desencontros, resistências e adaptações
6. Colonialismos, anticolonialismos, pós-colonialismos
7. África no mundo, séculos XIV-XVIII
8. África no mundo, séculos XIX-XXI
9. África na escola
10. África Global: mídia, diáspora e direitos

acompanhe nossas redes sociais

[@abeafrica.com.br](#)
[#encontro2022](#)
[www.abefr.org.br](#)

APÓIO **iat**

28/11 -- LOCAL --
a
02/12 Salvador/BA
Evento presencial

A conferência de abertura será proferida pela artista e pesquisadora nigeriana Peju Layiwola, professora da University of Lagos e atual presidente do *Arts Council of the African Studies Association* (ACASA).

III ENCONTRO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE ESTUDOS AFRICANOS
(ABEAFRICA)

ESTUDOS AFRICANOS EM TEMPOS DE CRISE: POLÍTICA,
CULTURA E EPISTEMOLOGIAS

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

**Peju
Layiwola**

Artista e pesquisadora nigeriana, professora da
University of Lagos e atual presidente do Arts
Council of the African Studies Association (ACASA)

acompanhe-nos nas redes sociais:

- abeafrica.com/
- instagram.com/abeafrica/
- facebook.com/abeafrica/
- youtube.com/abeafrica/

APÓRUA **inst**  

28/11
a
02/12

— LOCAL —
Salvador/BA
Evento presencial



CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O MEIO AMBIENTE
MOÇAMBIQUE E O MUNDO, 50 ANOS APÓS ESTOCOLMO: AVANÇOS E PERSPECTIVAS
Maputo, 29 de Novembro a 3 de Dezembro de 2022

EIXOS TEMÁTICOS

1. Histórico e evolução das pesquisas na área ambiental em Moçambique
2. Paradigmas ambientais
3. Métodos, tecnologias e ferramentas de pesquisa na área ambiental
4. Desastres e Riscos Ambientais
5. Dinâmica socioespacial e territorialização
6. Educação ambiental
7. Áreas de conservação, restauração ambiental, conflitos ambientais
8. Gestão de recursos naturais
9. Gestão de resíduos
10. Mudanças climáticas e impactos socioambientais
11. Ambiente e saúde

DATAS IMPORTANTES

Submissão dos resumos	5 /09 a
conferenciaambiental5@gmail.com	30/10/2022
Comunicação da aceitação dos resumos	15/11/2022
Data limite para o envio do artigo completo para publicação	28/03/2023
Inscrição	5 /09 a
	18/11/2022
Data da Conferência	29 /11a 2 /12/ 2022
Excursão geoambiental	3 /12/ 2022

Conferência Híbrida

Organização:

PARA O ENVIO DE RESUMO:
<https://forms.gle/3cwQ1se5H8R9Ac4ee>
PÁGINA DA CONFERÊNCIA:
<https://sites.google.com/view/moambique-50-anos-depois-da-co/página-inicial>

Contextualização

Em 1972 a Conferência de Estocolmo sobre o Ambiente marcou um virar na página da percepção das questões ambientais. As celebrações do dia do Ambiente no presente ano, tiveram como lema “Uma Só Terra”, com foco à vida sustentável em harmonia com a natureza. O evento destacou a necessidade de se viver de forma sustentável em harmonia com a natureza, promovendo transformações, a partir de políticas públicas e das nossas escolhas, rumo a estilos de vida menos poluentes e mais verdes.

Moçambique sendo um país membro da Organização das Nações Unidas, tem materializado as decisões emanadas nos diferentes eventos realizados desde Estocolmo. Por isso, com o objectivo de conhecer as diferentes evoluções na área ambiental em Moçambique, a Faculdade de Ciências da Terra e Ambiente da Universidade Pedagógica de Maputo realiza de 29 de Novembro a 3 de Dezembro de 2022, a Conferência Internacional sobre o meio ambiente denominada Moçambique e o mundo, 50 anos após-Estocolmo: avanços e perspectivas.

Para mais informações, acesse: <https://sites.google.com/view/moambique-50-anos-depois-da-co/página-inicial>



A Associação de Ciências Marinhas do Oceano Índico Ocidental (Western Indian Ocean Marine Science Association - WIOMSA), Confiança dos Mares Sustentáveis (Sustainable Seas Trust - SST) e a Convenção de Nairobi têm o prazer de anunciar o Décimo Segundo Simpósio Científico WIOMSA, que será realizado como um Simpósio híbrido virtual/presencial na Boardwalk Convention Center em Nelson Mandela Bay, África do Sul, de 10 à 15 de Outubro de 2022. O Simpósio é o principal evento científico regional sobre o ambiente costeiro e marinho. O Simpósio contará com apresentações inspiradoras sobre os mais recentes resultados de pesquisa e os principais desenvolvimentos na região do Oceano Índico Ocidental. O tema do Simpósio é: “Uma Nova Década da Ciência do Oceano Índico Ocidental”, com base nos actuais objetivos globais e regionais, incluindo os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS), a Década das Nações Unidas da Ciência do Oceano para o Desenvolvimento Sustentável, a Década da Restauração do Oceano, como bem como metas regionais (Convenção de Nairobi COP 10) e os avanços mais recentes na ciência do oceano e do clima.

Acesse ao link: <https://symposium.wiomsa.org/12th-wiomsa-scientific-symposium-second-announcement-and-call-for-abstracts/> para mais informações.



IV Conferência Internacional Activisms in Africa
"Conhecimento para a transformação". Porto, 25-27 de janeiro de 2023

Organização

Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP)
Parceiros institucionais
Centro de História da Universidade de Lisboa (CH – ULisboa)
Centro de Estudos Sociais Amílcar Cabral (CESAC)
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)

Apoio

Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)



Chamada de comunicações até 15 de setembro

Serão aceites trabalhos associados aos painéis aprovados, bem como as propostas avulsas, desde que relacionadas com os eixos da conferência:

- » Direitos humanos
- » Mídias digitais
- » Terra e meio ambiente
- » Redes transnacionais
- » Arte e cultura
- » Conhecimento para a transformação

Consultem o site da conferência para mais detalhes:

<https://activismsinafrica2023.weebly.com/>

Contacto: activismsinafrica2023@gmail.com



**Científico Internacional “Cinquentenário da Revolução de 26 de Outubro de 1972”
Universidade de Abomey-Calavi - Benin**

O Laboratório de Pesquisa Retrospectiva –África (LaBRA), da Universidade de Abomey-Calavi, em Benin, e seus parceiros nacionais e internacionais, convidam a participarem do **Colóquio Científico Internacional “Cinquentenário da Revolução de 26 de Outubro de 1972”** que se celebrará **entre os dias 26 e 28 de outubro de 2022**. Os resumos dos trabalhos poderão ser enviados até o dia 09 de maio. No ano 1972 começa uma revolução em Benin. Mudanças radicais são efetuadas na política, na economia e na sociedade seguindo-se um padrão socialista. Os objetivos propostos pelos dirigentes não foram atingidos e, alguns anos mais tarde, o Benin seguiu outro caminho. 50 anos depois é preciso examinar aquele processo de diferentes ângulos: os erros, os sucessos, as utopias, o papel da cultura, o contexto internacional, as tentativas de implantação do socialismo na África.



Riscos e Conflitos Territoriais.
Das catástrofes naturais às tensões geopolíticas.

23 a 26 de maio de 2023. Coimbra, Portugal

VI CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE RISCOS

23 a 26 de maio de 2023,
Coimbra, Portugal

“Riscos e Conflitos Territoriais.
Das catástrofes naturais às
tensões geopolíticas”

Webpage: <https://vicir.riscos.pt>

Informações: <https://vicir.riscos.pt/>

Apresentação

Um pouco por todo o mundo e num contexto quase diário, de uma forma mais frequente e intensa, somos confrontados com situações de conflitos e de catástrofes, sejam estas ambientais, confrontos bélicos, surtos epidémicos ou pandemias, contaminação ou escassez de recursos, que põem em causa a sobrevivência e o quotidiano de populações, destroem comunidades ou afetam as suas infraestruturas e causam graves traumas sociais e psicológicos. O rápido crescimento económico, a sociedade globalizada, a urbanização de áreas cada vez mais extensas, agravadas pelas mudanças climáticas, colocam uma crescente pressão sobre os territórios, que juntamente com o aumento demográfico ou os fortes movimentos migratórios, “livres” em busca de melhores condições de vida ou “forçados” por catástrofes ambientais, promovem a depilação dos recursos naturais e a destruição de nichos ecológicos, responsáveis pelo equilíbrio Homem-Natureza, entre

outos por filtrarem o ar e desta forma conterem possíveis vírus, e aumentam a exposição aos diferentes riscos e, conseqüentemente, a vulnerabilidade das populações.

Por um conjunto diversificado de fatores, que devem ser enquadrados no tempo e no espaço, os conflitos de interesses existem e são normais. Por um lado, os recursos são finitos e, por outro, os sistemas de valores e as percepções da realidade por parte dos diferentes atores podem não coincidir. Desta forma, é extensa a cartografia das disputas em torno do controlo de um lugar, de um caminho ou de uma posição geográfica relevante, ou de patrimónios estratégicos como a água, os solos, as florestas, os minérios ou diversas fontes energéticas.

Em múltiplos contextos e diferentes escalas geográficas, estes conflitos são atravessados por relações assimétricas de poder e por dinâmicas de despossessão e desreterritorialização, sobretudo por parte de populações mais vulneráveis. Neste domínio interdisciplinar, cruzam-se campos como a ecologia política, a geopolítica local, a cartografia crítica e social e a justiça territorial. Deste modo, entre a competição e a necessária cooperação entre os atores, é importante problematizar a origem e antecipar estas situações de conflito, assim como discutir e analisar a gestão das crises que daqui possam resultar.